

REVISTA
DA EDUCAÇÃO

RAUL DE PAULA

DIRECTOR

VOL. I - 1

PROPRIEDADE DA IMPRENSA METHODISTA
RUA DA LIBERDADE, 117 — SÃO PAULO

SUMMARIO

IDEIAS E LIVROS

Ruy Barbosa
O que nós pretendemos.....
Ideias e livros
Colmeia de João Ribeiro.....
Versos ineditos de Francisca Julia....

ENSINO PROFISSIONAL

Finalidade do Ensino Profissional para homens	Aprigio Gonzaga.
O aprendizado manual.....	José Ribeiro Escobar.
Secção Dirigida por Aprigio Gonzaga, Director da Escola Profissional Mas- culina de S. Paulo.	

METHODOLOGIA

O ensino da Geographia no Brasil....	Saulo Ferraz.
--------------------------------------	---------------

HYGIENE

O alcoolismo e suas consequencias....	Dr. Rocha Botelho.
Secção Dirigida pelo Dr. Rocha Bote- lho do Instituto Butantan.	

ENSINO COMMERCIAL

Significação Social da Historia.....
--------------------------------------	-------

O ENSINO NO EXTRANGEIRO

A Republica de Piriapolis.....	D. G. Magee
Os Estados Unidos observados por um europeu	A. Eugene Croisat.

LEGISLAÇÃO DO ENSINO

Os professores estrangeiros no Brasil	Prof. Guerreiro.
---------------------------------------	------------------

IDEIAS E LIVROS

RUY BARBOSA

A "Revista da Educação" inicia sua vida dedicando esta pagina em homenagem áquelle que os brasileiros elegeram o "primeiro" entre si, primeiro pela intelligencia, pelo character e pelo saber.

Está de luto a nossa patria, estão de luto os nossos corações.

Além do sentimento geral de consternação, uma razão em particular leva a "Revista da Educação" mais lamentar o desaparecimento do nosso grande patricio.

E' que Ruy Barbosa foi um paladino da educação nacional.

Nos dias estagnados que assignalaram o fim da monarchia, elle apresentou á Camara dos Deputados um parecer, hoje classico, sobre a educação primaria, professional e normal que, si tivesse sido aprovado, não estaríamos ainda na dolorosa contingencia de paiz medieval sem educação para o povo.

Ruy, que batalhou pela abolição e pela republica, não poderia com seu descortino de genio esquecer o primeiro problema social brasileiro, a educação popular. E ainda nos dias da republica, elle apontava a causa dos males nossos, a indifferença nacional pelas questões brasileiras, residindo na ignorancia do povo, no estado de brutalidade intellectual em que jaz a nação brasileira.

Tres seculos de colonisação caracterizados pelo analfabetismo, e ainda meio seculo de monarchia com a mesma politica, tem sidos religiosamente continuados pela nossa hypothetica republica. Ruy Barbosa foi a unica excepção que no meio dos politicos brasileiros, affastou-se da craveira vulgar e se bateu pela educação do nosso povo.

Estas toscas palavras não podem ser uma homenagem áquelle que para nós é um super-homem, áquelle que hoje já pertence á humanidade porque defendeu a justiça das nações fracas e levantou sua voz na Universidade de Buenos Aires contra a brutalidade prussiana atacando a Belgica.

Transcrevemos algumas palavras do mestre onde elle nos apresenta com uma pincelada, toda a sua vida de combate e de victorias.

"Os órgãos da publicidade, que redigi, eram todos elles de politica militante; os livros, que escrevi, trabalhos de actividade pugnaz; as situações em que me distingui, situações de energia offensiva ou defensiva. Progugnei ou adversei governos; golpeei ou escudei instituições; abalei até á morte um regimen, e collaborei decisiva e capital-

mente no erigir de outro. Pelejei contra ministros e governos, contra prepotencias e abusos, contra oligarchas e tyrannos. Ensinei com a doutrina e o exemplo, mas ainda mais com o exemplo que com a doutrina, o culto e a pratica da legalidade, as normas e o uso da resistencia constitucional, o desprezo e horror da oppressão, o valor e a efficiencia da just.ça, o amor e o exercicio da liberdade”.

O QUE NO'S PRETENDEMOS

O titulo desta revista apresenta nosso programma: trabalhar pela educação nacional.

As publicações de technica pedagogica são pouquissimas neste paiz e não conhecemos nenhuma em São Paulo, onde justamente os problemas de educação mais avultam como consequencia de sua grandeza e prosperidade material, affluindo para aqui grandes correntes immigratorias, sendo necessar.o absorvel-as o que só se poderá fazer pela escola primaria.

Avultam aqui os problemas pedagogicos, sendo tambem este Estado o maior centro educativo do Brasil e isto explica porque se tornou sua capital intellectual, estando tambem aqui o maior numero de pedagogos que poderão exercer uma influencia ampla em nosso paiz, espalhando suas ideias e principios pelas paginas de uma revista de larga circulação.

Mas o que precisamos principalmente é de “educação nova”, que conduza a geração que chega, ao trabalho, ás fabricas, ao commercio, á lavoura, á navegação. Precisamos fazer homens que tenham ambições, ideias, afim de que fujam á burocracia que depaupera, estiola, esgota e mata os individuos e as nações.

O exemplo recente de Mussolini, vem nos mostrar que o individualismo isto é, a capacidade de trabalho dos individuos de uma nação, não é predicado dos Saxonios, mas uma consequencia da educação que se recebe como já demonstraram os Romanos e os Gregos do periodo republicano.

A escola brasileira deve, pois, visar o preparo futuro de operarios, lavradores, homens do commercio, da industria, etc., arrebatando as gerações futuras ao sacrificio do funcionalismo que em nosso paiz se expressa no tetrico numero de 68 % do orçamento federal, a elle destinado, não se tomando em conta o quanto absorve o funcionalismo estadual e municipal.

O problema da educação nacional é duplo: transformar a escola que aqui jaz sem finalidade economica, dando somente formadas de bachareis e doutores, cujos diplomas são passaportes para os empregos publicos; e tornar obrigatorio em todo o territorio nacional o ensino primario num estádio minimo de seis annos, que a nação deve obrigar os governos federal, estadual e municipal, a custearem-no.

Um aparelhamento central se faz indispensavel para controlar o ensino nacional, fiscalizando a escola primaria, secundaria e superior.

A nacionalisação do ensino, principalmente nos estados immigratorios como este, se faz urgentissima, já pelo cumprimento das leis existentes, já pela votação de outras, occorrendo áquella necessidade. E' preciso acabar com o abuso de individuos nacionaes e estrangeiros fazerem-se professores com a mesma facilidade que se transformam em caixeiros viajantes. A competencia de taes individuos deve ser comprovada; e é preciso que os mesmos tenham feito cursos pedagogicos, ou se submettam a um exame que lhes garanta a idoneidade.

Urge tambem que o governo federal entre em accordo com os governos estadoaes afim de mandar aos Estados Unidos, á Allemanha, e á Inglaterra, professores das diferentes escolas, para que vejam os progressos que estes paizes têm feito na pedagogia e tragam ideias que possam ser postas em pratica em nosso meio, evitando de uma vez para sempre as malfadadas reformas com que cada novo governo procura assignalar sua "benefica" passagem, destruindo o que de bom porventura encontrou.

Não temos esperança de ver esta geração livre das endemias que a anniquilam; vermes, impaludismo, syphilis, mas temos absoluta certeza da pujança physica das gerações futuras, educadas em um ambiente de saude, sendo-lhes transmittidos os conhecimentos eugenicicos necessarios á preservação e manutenção da mesma, por intermedio do professor que precisa em seu curso normal estudar hygiene.

Cremos no futuro do Brasil! Cremos tambem no homem que for educado para a grandeza desta terra, na escola de ideias, de trabalho, na "escola nova".

IDEIAS E LIVROS

DUAS CARTAS

Convidados para collaborarem nesta revista, Monteiro Lobato e Sampaio Doria, os dois illustres escriptores, em cartas responderam carinhosamente, acceitando o convite. Não nos furtamos ao prazer de publicar aquellas missivas, que são duas joias literariãs, e que nos trouxeram grande animação á empreza que mettemos hombros.

Escreve-nos o grande educador, Sampaio Doria:

S. Paulo, 5 de Março de 1923.

Amigo Raul de Paula:

A sua iniciativa e coragem são dignas de todo o applauso. Numa época de frio materialismo como a que atravessamos, o seu enthusiasmo pelo problema da educação popular em nosso paiz, e a empreza a que metteu hombros, de publicar uma revista de propaganda pedagogica, merecem o apoio e a solidariedade dos homens de boa vontade. E' o que não regueatará á sua iniciativa o seu amigo A. de Sampaio Doria.

E agora o bizarro regionalista de Jéca Tatu':

S. Paulo, 5 de Março de 1923.

S. Redactor da "Revista da Educação:

Muito me honra a gentileza do convite que V. S. me dirigiu, para collaborar na "Revista da Educação. Fallece-me competencia para tanto, opulenta que é a lista de seus altos collaboradores. Não obstante, comprometto-me a concorrer com que esteja ao meu alcance, afim de que a poderosa machina de guerra contra a ignorancia ora construida e com tanto árdor dirigida por V. S., funcione com a efficiencia que ha mister.

SELVAS E CHOÇAS

Selvas e Choças é o livro de contos regionaes e humorismo que nos dá Othoniel Motta, conhecido autor de livros didacticos. Nosso escriptor não se mostra em nada inferior neste novo assumpto, pelo contrario, revela-se um escriptor firme no dialogo e vivo pintor de quadros sertanejos.

“Fundos sertões de Minas, ha muitos annos atrás”.
“E’ assim que elle prepara com poucas palavras um scenario para um conto vivo e dramatico.

Entre os aspectos interessantes e attrahentes do livro, está o humorismo fino e sadio da vida dos campos. Ahi vae um exemplo e note-se a linguagem caipira como que tachygraphada da bocca do Jéca que a contou.

Estamos “á roda do fogo”. Nossos matutos contam suas proezas ingenuas e phantasticas. Um diz qualquer cousa inverosimil. “Eu aquerdito — principiou o Zeca pachorrento — porque eu já vi cousa mais admirave: ãa casião eu tava piano nambu’ perto de um corgo, na beiradinha da derrubada.

De repente ponharo fogo na roçada, que já era tempo, e não demorô pipocá aquellas taquara que inté arreprezentava ãa guerra. As lavareda lambia o arto das perovera, avoando por riba das copa que nem veu de muié que galopêa de a cavallo.

Quando senão quando, seu Quinca, repontô lá no meio do fogo um lagartão vermeiano que nem brasa, que aquillo vinha apagano p’rá banda do corgo adonde nois estava.

Sururucô no ribeirão que aquillo feis—“chuii...” que nem ferro quente.

Quando elle remanesceu do outro lado, seu Quincas, tava preto que nem tição”.

SOMBRAS QUE VIVEM

“Sombras que vivem” é o titulo do livro que se destina ao ensino de historia em nossas escolas primarias, escripto pelo distincto director da Escola Normal de Campinas, prof. João de Toledo.

E’ uma obra fóra dos moldes communs, vasados em geral na rotina.

Apresenta episodios da historia nacional em narrativas singelas e encantadoras. Nellas a creança vae-se relacionar com os personagens que constituiram nossa nacionalidade e conhecer exemplos que concorrerão para sua formação civica.

Os themas suggestivos das narrativas e o nacionalismo accentuado que ha nas mesmas, casam-se com o regionalismo brasileiro que vive na obra, a qual poderá, sem temor de errar, ser adoptada em qualquer escola do Brasil, porque suas paginas reflectem e vivem a historia nacional em suas varias épochas.

Mas enganar-se-á quem suppor ser uma obra de pura contemplação do passado, é um hymno ao grandioso futuro

que nos está reservado e que se cumprirá pelo esforço de nossa gente.

O autor também não mente á creança sobre a historia de seu paiz, diz-lhe tudo, a verdade toda. E' assim com o caso dos jagunços em Canudos que elle não occulta mas faz passar pela imaginação infantil aquelle horrivel kysto do organismo brasileiro, fructo da politica nacional que vem mantendo o paiz na cegueira da ignorancia.

A parte material e technica do livro tem senões que naturalmente o autor escoimará em edições futuras.

Cada lição é seguida de um interessante interrogatorio onde se resume a mesma.

E ainda notas explicativas, esclarecem o texto.

Agradecemos muito a offerta do exemplar que nos foi feita e damos parabens ao autor pelo excellent livro que produziu.

LIVROS ESCOLARES

Naquella manhã de sol descemos ao Braz para irmos á "Escola Profissional Masculina". Foi para nós uma grande alegria penetrar naquelle ambiente saturado de civismo, hygiene, amor e trabalho. Si o leitor não teve ainda occasião de visitar aquelle estabelecimento, faça-o hoje mesmo e vá espreitar o grande Brasil de amanhã, que se forja naquella grande officina de caracteres e corpos: a "Escola Profissional Masculina de São Paulo".

Entremos no edificio onde funciona a Escola. No "hall", ante dois lances de escada, palmeiras alegam o ar; quadros nas paredes, o soalho encerado, dão á Escola um aspecto de belleza, ordem e aceio, que podem rivalizar com os de qualquer residencia particular.

No pateo, com um jardim todo florido ao centro, veem-se pelas paredes quadros pintados pelos proprios alumnos, representando paisagens dos differentes estados da federação e em dizeres concisos suas possibilidades.

Em baixo de cada quadro, como o verso de um grande hymno "Tudo isto é o Brasil".

Adeante as officinas formigam de pequenos seres que com seus aventaes azues, serram, fundem, pintam, aplainam, moldam, esculpem, desenham, lavram, e leem.

A alegria transparece em todas as physionomias.

Não tememos errar em dizer que foi alli a "primeira" escola no Brasil onde vimos realmente o alumno feliz, trabalhar, estudar, produzir.

São dez horas. Toca a sineta para o almoço, esvaziados os farneis, grupos se divertem no campo, outros vão á bibliotheca, onde, numa sala confortavel, com as paredes ornadas de quadros, vasos com flores perfumando o ambiente, alimentam o espirito com boas leituras.

Eis uma verdadeira "Escola Nova".

Mas a alma de tudo aquillo é o seu director, o entusiasta professor Aprigio Gonzaga.

Vimol-o feliz em seu trabalho, com sua intelligencia viva dirigindo a Casa.

O amor, o entusiasmo, e dedicação só podem explicar o progresso, a ordem e o successo daquella obra em boa hora prestigiada pelos homens publicos de São Paulo.

Mas o professor Aprigio Gonzaga não é sómente o director da "Escola Profissional Masculina de São Paulo". É o amigo da creança, o sonhador do grande Brasil de amanhã, é o bandeirante do ensino, é o autor de livros escolares que reflectem o coração de um mestre apaixonado pela infancia brasileira. Alongamo-nos sem querer em preli-minares.

O objectivo destas linhas é falar do autor de livros escolares.

Em seu labor quotidiano conhece Aprigio Gonzaga as necessidades da creança e as do nosso paiz, dependendo a solução das necessidades deste, das gerações novas, cujos caracteres e aptidões devem ser moldados na Escola por meio do trabalho e do livro.

Pelo trabalho, para que surjam homens de acção, pelo livro para que apareçam homens de pensamento.

Na aprendizagem e pratica da leitura, a creança deve encontrar assumptos que se prendam á sua vida e á de seu paiz. Foi o que fez nosso autor, não se esquecendo de assumptos de ficção que educam e desenvolvem a imaginação infantil.

MINHAS LIÇÕES, CONTOS ESCOLARES e um terceiro livro destinado á formação do estylo do discipulo que faz o curso primario num estadio minimo de quatro annos.

Fala-nos o proprio autor da serie apresentando-nos seu plano pedagogico.

Os "Contos Escolares", diz o professor Gonzaga, são o proseguimento natural das "Minhas Lições".

Nelles visamos collimar os mesmos fins, segundo a orientação de fazer brotar de scenas da vida natural lições moraes que despertem no espirito da creança e do joven, nessa época de maior plasticidade, o desejo intenso de imitação, não só pela razão pedagogica, como, com mais alto

valor, pelo phenomeno do desejo em si e suas consequencias psychicas.

Nessas lições, a bondade, a caridade, a dedicação, o altruismo, a perseverança, a força de vontade, a iniciativa, a economia, a sobriedade, o optimismo, a confiança em si mesmo, o valor do trabalho, o character, o respeito ao nobre e ao justo, e o patriotismo, são forças positivas, no dizer de Orice Sweet Marden, que deslumbram, conquistam e fazem nascer no espirito dos jovens a ancia de parecerem e serem realmente homens perfeitos. E' uma especie de mimetismo moral, digamos; e só a isso attribuo a influencia poderosa das galerias e museus de arte nas escolas de todos os graus na Europa, America do Norte e na Argentina.

A proposito do valor dessa acção moral na formação do character e sobre a plastica do corpo, talqualmente empregamos na Escola Profissional Masculina, lembro-me de ter lido algures, a historia da formação do typo de mulher da sociedade americana, Newyorkina, explicado pela admiração, desejo intenso e imitação das moças americanas pelo typo de belleza de duas personagens — bonecas e figurinos.

A' força de admirarem e procurarem assimelhar-se, cada vez mais, hoje, são communs e notorios, entre as moças americanas, typos perfeitamente eguaes áquelles tão desejados. E' o caso da similhaça do amante á causa amada.

Parece-me, ainda, que, por esse caminho, se logra e, pelo menos, se facilita o estudo e a comprehensão simples, ao alcance dos jovens, de problemas moraes, pondo-se de certo modo alguns entraves á tendencia material, bruta, utilitarista e altamente egoista da vida actual, pela vida do espirito, do sobrenatural, no que tem de mais bello, de mais sublimado.

Nos "Contos Escolares", tambem segui a orientação de Pizzurno, traduzindo e adaptando, de accordo com o nosso meio, as lições desse grande mestre, que me parecem uteis á formação moral da nossa juventude.

Procurando de um modo attrahente dar á creança a leitura, fal-o nosso autor com um ponto de vista elevado, utilizando-se de assumptos importante para o individuo e para a collectividade.

O problema eugenico. E' fóra de qualquer duvida que esta geração actual está perdida pelas endemias reinantes em nosso paiz. O que é preciso é preservar as que chegam, de taes endemias, malária, syphilis, verminoses, fazendo-as adquirir habitos hygienicos para que se furtem aos ataques dos microbios. E é na escola primaria, prégando-se, e plasmando-se no cerebro malleavel da infancia os principios scientificos para que aprendam evitar endemias fu-

turas. Aprigio Gonzaga consegue isto magistralmente, apresentando á creança em forma attrahente, em contos e conversações vivas, em que realça aquelles principios.

Um exemplo: o impaludismo. E' mal evitavel e curavel. Por desconhecer sua etyologia são nossos patricios seus fortes tributarios. NA INFANCIA E' QUE SE FORMAM HABITOS.

O autor narra então á creança a historia de um menino que adocece daquelle mal.

Conta as peripecias da infecção á cura. Na bocca do medico estão todos os ensinamentos a respeito do mesmo: como se evita e como se cura.

Mas o autor não se preocupa somente com as grandes endemias reinantes. Sua série de leitura é um verdadeiro hymno á saude. E' o melhor tratado de Eugenia que conhecemos.

Naquelles livros a creança vê um meio physico ideia! que deve ser seu proprio lar, livre de microbios e podridões. Uma prova? Que ideia faz o leitor do urubu'? De um animal util, que come carniças. Mas a ideia que o leitor tem é absolutamente erronea. Ouça a opinião de um sabio. E' o Dr. Luiz Pereira Barreto, que escreve a Aprigio Gonzaga sobre o valor eugenico de sua obra. Leia.

São Paulo, 6 de Janeiro de 1923.

Meu caro amigo Dr. A. Gonzaga:

Por ter estado um tanto adoentado, só hoje pude concluir a leitura do seu interessante opuscu'o "Contos escolares", e, sem demora, venho cordialmente felicitá-lo pelo modo claro e conciso com que o redigiu.

Não he facil escrever para meninos. Esse genero de literatura exige uma aptidão especial para accomodar a capacidade mental infantil, com as necessidades praticas do methodo didactico a empregar em cada caso, em cada idade. Uma primeira condição de successo he saber o escriptor ser agradavel em todas as suas descrições e evitar a fadiga cerebral das crianças. Em segundo lugar, he preciso que a leitura introduza, de modo agradavel, no cerebro do menino a maior somma possivel de noções exactas e uteis, que lhe possam servir em todo o decurso da sua vida em beneficio proprio e do paiz na esphera especialmente da hygiene.

Neste sentido foi com especial agrado que, entre tantos outros artigos recommendaveis, li o artigo relativo ao papel sinistro exercido ainda hoje pelos nossos urubús.

He só devido á mais crassa ignorancia que muitas das nossas municipalidades continuam a proteger desbragadamente os immundos urubús, no mais completo desprezo do jorro de luz derramado pela doutrina de Pasteur em todo o dominio da hygiene publica.

Se os nossos actuaes edis, sobretudo os da Capital Federal, tivessem sido educados sob o regimen psychologico dos preceitos preconizados pelos "Contos Escolares", bem diversa seria actua'mente a sua conducta e, com certeza, seria-nos poupado o repugnante espectaculo do concurso, que prestam os urubús á nossa limpeza publica.

Graças aos "Contos Escolares", as nossas gerações futuras vão ter á seo serviço uma possante arma de defeza, que á nossa geração actual não foi dado manejar.

Queira, portanto, receber um cordial aperto de mão do

Am.º Aff.º

(a) Dr. L. P. Barreto.

E agora, para não o deixar em desejos, leia tambem a historia do urubú, que é assaz instructiva.

O URUBU'

—Atire, seu Ramiro!

—Que, Não diga! Matar uma ave tão util, que limpa os campos, que come todos os bichos mortos ; isso até é pecado!

—Não, senhor: o urubu' é um feroz inimigo da lavoura e da criação de gado, porque, comendo os animaes atacados de peste, vae voando e dejectando pelos campos, pelas aguas, pastos e terreiros, milhões e milhões de microbios, que espalham as molestias.

Muitas vezes o carbunculo, a febre aphytosa, o mal de cadeiras e a peste, só por elle são espalhados.

Mesmo nós, nossos filhos, nossas familias, podemos adquirir qualquer mal na agua que o urubu', esse nojento bicho, contamina com os microbios que traz nas patas, nas garras e no bico.

Dizendo isso, seu Brasilio tomou a espingarda e dois tiros estouraram, abatendo dois urubús que appareceram.

E foi uma felicidade.

Logo depois manifestaram-se casos de peste no gado ; mas, como todos os lavradores mataram as rezes doentes ; devastaram á tiro quanto urubu' appareceu no logar, a peste parou ali e logo desapareceu.

Matar um urubu' é salvar muito gado, é evitar as doenças, é concorrer para a riqueza da Patria.

E a pulga, esta ferazinha que inconscientemente protegemos e fazemos progredir, em grande numero no lombo da bicharada suja que temos em nossas casas?

A PULGA

Lo'ita gostava de carregar cães e gatos ao collo. A's vezes até fingia que eram crianças; amarrava-lhes toucas e passava o dia a embalal-os: Dorme, nêê, que a cuca vem pegar! ...

A mamãe de Lolita ralhava: Não faças isso, Lolita; olha que esses bichos te passam pulgas! E, ás vezes um "tapinha" na mão completava o ralho. Mas, coitada da menina! O "nêê cachorro" apanhou sarna; e, como Lolita, de quando em quando, ainda o carregava ao collo, começou a sentir coceiras nos dedos e nos cotovellos, tão fortes que até chorava. Sua mãe examinou-a e viu que era sarna. Tratou com muitos banhos e pomada de enxofre, que logo a puzeram boa. Mas, Lolita, tomou tamanho medo aos taes "nêês", que não lhes punha o dedo, por causa das pulgas.

E tinha razão Lolita.

As familias devem evitar ter cães em seus lares, porque podem ficar esses animaes doentes e transmittirem suas enfermidades ás crianças, com muita facilidade.

A pulga é um animal perigoso, porém, muito facil de destruir: basta passar um panno com agua creolinada diariamente nos commodos da casa, para morrerem todas e seus germens.

Outros aspectos da vida nacional são estudados por nosso auctor, servindo de temas para seus livros, afim de dar á creança inspirada em suas necessidades actuaes e futuras, recursos para satisfazel-as. O folk-lore, o civismo, o altruismo, as ideias humanas, o progresso material e moral do Brasil, são ali debatidos.

O folk-lore. Alimenta e inspira a imaginação infantil. Foi o autor bebel-o na mais genuina fonte nacional: na vida dos campos. Além dos abjectivos citados, visa um fim pragmatico: a formação do character da creança, fazendo-a amar o bem e detestar o mal.

Na imaginação popular, o bem é sempre personificado no macaco e o mal na onça. Um conto diz melhor sobre o assumpto.

A ONÇA E O MACACO

A onça brigou com o macaco.

Por causa disso resolveu a onça comer o macaco; mas, como elle é o bicho mais ladino e desconfiado do matto, ella não achava geito. Desconfiar, por medo, é covardia; mas, desconfiar, por cautella, é prudencia.

O macaco não é covarde, é prudente.

A onça, para armar um plano e segural-o, preveniu alguns bichos, que eram inimigos do macaco, e espalhou o boato que estava para morrer.

No dia seguinte amanheceu deitada na toca, entanguida, e a raposa ao lado velando a defunta.

Todos os bichos vieram vel-a; e o macaco tambem.

Quando elle chegou á porta da toca perguntou:

—Comadre raposa, a onça morreu?

—Morreu, compadre.

—Ella já roncou? perguntou o macaco. Quem morre ronca.

Então, a onça, para provar que tinha morrido, roncou devagarinho.

—Minha comadre, disse o macaco, defunto que ronca, longe com elle.

E fugiu para a mais alta arvore que encontrou.

Por hoje só. Para a proxima vez reservamos ao leitor mais dois interessantissimos contos populares.

COLMEIA DE JOÃO RIBEIRO

Após "Notas de um Estudante", dá-nos João Ribeiro "Colmeia", a continuação natural daquellas, rapidos e interessantes fragmentos que sua intelligencia cosmopolita foi beber em assumptos varios: historia, folklore, critica, theoria da relatividade, etc.

Depois de historiador, João Ribeiro fez-se ensaista e como tal só vemos em nossa terra um que lhe póde ficar ao lado, embora a intuição de ambos seja diversa: Tobias Barreto.

João Ribeiro e Tobias Barreto são os dois melhores ensaistas que possuímos. Espirito ancioso de pesquisa, não se detem neste ou naquelle assumpto, mas syndica, estuda, ventilla problemas cujas soluções suppõe achadas. Até no germanismo ambos se simelham: aquelle foi o iniciador e este o continuador daquella corrente literaria em nossa terra, e foi tambem da Allemanha que elle trouxe as theorias e ideias para escrever sua optima "Historia do Brasil".

Para dar mostras do livro de João Ribeiro, destaquemos uns fragmentos de seus ensaios.

Trata-se dos exames, e as ideias sobre os mesmos foram bebidas no autor da theoria da Relatividade.

São interessantissimas as observações que se seguem, principalmente para os professores que conhecem bem o que é o "exame"; e não deixará de ser grato o grande protesto que ora se avoluma contra uma pratica que tyranniza a ambos; professor e alumno. A este, porque delle faz o objectivo da escola, estudando, estudando, para o exame; e áquelle, porque vê seus esforços intelligentes obstruidos pela rotina, que a pratica consagrou.

João Ribeiro cita um trecho da entrevista de Moskowsky com Einstein. O sabio astronomo fala sobre os "diplomas".

Primeiro cita:

Um dos pontos principaes será a economia do tempo e de tudo quanto é superfluo, aborrecivel ou de pura gymnastica deve desaparecer. Hoje, o principal de todo o curso é obter um "certificado" final. Este certificado não deve existir mais.

—E' sério isso, professor? Pois então se ha de acabar com os exames para a matricula universitaria?

—Exactamente, disse Einstein. Deve acabar-se com esse temeroso monstro sempre de guarda ás portas da escola. Se fôr eliminado desaparecerão os terrores de que falaes. Não se aprenderá mais a enormidade de coisas que

se vão esquecer e merecem ser esquecidas. Voltemos á Natureza que nos ensina o divino principio de alcançar o maximo effeito com o minimo esforço. O exame final é exacta e diametralmente o opposto dessa lei natural.

—Sim, obtemperava Moszkowski. Restaria saber quaes os que estão no caso de entrar para a universidade.

—Estará no caso todo aquelle que se mostrar capaz. O professor será o juiz e dirá quem é o qualificado, sem essas provas cruciaes de puro accidente. O proprio comportamento do alumno, as suas notas pessoas de progresso e sufficiencia bastam. Ha evidente sobrecarga de estudos inuteis; a maior parte daquillo que se chama — “Historia Universal” — não passa de aridas taboadas de nomes e de datas. E ainda esses nomes, em grande parte, nada significam. Não considero desgraçado o rapaz que ignora os feitos de A'lexandre, o Grande, ou de Artexerxes, ou de Vercingetorix. Talvez lhe aproveitassem mais e melhor conhecer os pioneiros da cultura e da civilisação, Archimedes, Ptolomeu, Appolonio, do que informar-se dessa triste série de aventuras, de alto banditismo e mortandade.

A cultura contemplativa e livresca deve desaparecer. Na minha opinião, continua Einstein, o verdadeiro meio de estabelecer um contracto entre a vida publica e a escola é “instituir compulsoriamente o apprendizado de um officio”.

Todos os rapazes devem saber um officio qualquer que seja a escolha, devem alcançar qualquer habilitação, de carpinteiro, ou marceneiro, encadernador, serralheiro, etc. O apprendizado technico preenche dois grandes propositos: a formação do ser ethico e moral, e a solidariedade com as massas do povo. A escola não deve ser uma fonte de jurisprudentes, literatos e advogados, nem meramente a fabrica de machinas mentaes. Prometheu, segundo o mytho, não começou a ensinar aos homens a astronomia, mas principiou pelo fogo e suas propriedades e usos praticos.

Agora é João Ribeiro mesmo quem fala. E' um excerpto da carta que elle dirigiu a Afranio Peixoto.

Se os nossos professores não praticam sem restricções e reservas, refere-se ao “working method” é porque o exame, a praga do exame, exige principalmente instrucção livresca de pura retentiva.

Não temos um processo racional e aceitavel que verifique a habilitação daquelles que estudam.

E não o temos por motivo muito simp'es. O principal de todos elles é o conceito especialissimo daquillo que nos parece ser a "habilitação".

A habilitação, na opinião vulgar, consiste em responder improvisadamente sobre qualquer materia a questões meramente escolares.

Por exemplo: Argue-se o catechumeno:

—Quantos são os peccados mortaes?

—“Resposta”: São sete.

—Muito bem. Diga-os.

—“Resposta”: A, B, C, D, etc.

—Perfeitamente. Está “habilitado”.

E' o caso da approvação. Vejamos agora o caso typico da reprovação.

—Men.no, diga-me quantos são os peccados mortaes?

—“Resposta”: Não me lembra, mas ha uma duzia delles.

—Não conhece então nenhum, Não poderá dar um exemplo?

— “Resposta”: Sim, verbi gratia, “não pagar jornal a quem trava ha” é peccado mortal.

—Está enganado. Isso não é peccado mortal; é um dos “peccados que bradam ao céu”. Já vejo que não conhece a materia. E o pobre diabo está reprovado em catechismo.

Todo o exame final é um catechismo, um digesto de perguntas e respostas.

Nas sciencias e estudos é a mesma coisa. O resultado fatal e incontastavel é que na verdade só existe uma materia e uma unica disciplina: a “examinologia”.

E' vulgar essa admoestação: Você sabe, mas não sabe fazer exame.

A “examinologia” é um termo hybrido, segundo os grammaticos. Mas a expressão deve ficar, porque a coisa que corresponde, é ainda mais hybrida.

Quando se approxima a época dos exames a unica coisa que verdadeiramente se estuda é a “examinologia”.

E' a disciplina unica e fundamental.

Recorre-se a uma miseravel literatura didatica, a dos “livrinhos de ponto”, aos resumos de questões provaveis, aos “cramer-books”, como lhes chamam os inglezes, aos repetitoriums e memorandums . . .

Para que tudo isso?

Para responder promptamente ás questões propostas.

Entretanto, responder promptamente a qua'quer questão não constitue apreciavel merito a não ser o da vivacidade ou da excellencia da memoria.

Mais nada.

Aqui termina João Ribeiro e suppomos que a questão do exame em breve se avolumará entre os professores, acabando, repellindo e substituindo por "texts" que demonstrem a efficiencia do alumno.

VERSOS INEDITOS DE FRANCISCA JULIA

Todos sabem que Francsica Julia teve um grande amor pelas creanças, e a prova disto é o livro de poesias infantis que ella publicou de collaboração com Julio Cesar, seu irmão e quem nos cedeu as duas poesias abaixo, destinadas á pe-tizada escolar.

NOSSA TERRA, NOSSA GENTE

Com todo esse amor ardente
Que em nosso peito se encerra
Amemos a nossa terra,
Amemos a nossa gente.

Deus, que por todos nós vela,
O nosso amor abençoa,
Porque esta gente é tão boa!
Porque esta terra é tão bella!

Seja forte o amor e intenso
Por esta terra tão grande,
Que immensamente se expande
Bordando o Atlantico immenso.

Seja igualmente profundo
Nosso amor e sempre novo
Por este meigo e bom povo,
Que é o melhor povo do mundo.

O nosso céu resplandesce
E em éstos de luz palpita
Com uma doçura infinita
Que outra gente não conhece.

Simples, sincero, modesto,
Nosso povo de alma pura,
Tem nas palavras ternura
E um carinho em cada gesto.

Enorme, rico, fecundo,
De maravilhas vestido,
O nosso Brasil querido
E' o melhor paiz do mundo.

Do inimigo ao desafio,
A nossa gente, que é forte,
Affronta, impávida, a morte,
Na defesa do seu brio.

A mão de Deus se revela
Nos gestos com que abençoá
Esta gente, que é tão boa!
Esta terra, que é tão bella!

Com todo esse amor ardente,
Que em nosso peito se encerra,
Amemos a nossa terra,
Amemos a nossa gente.

O DEFEITO DE ARABELLA

Do grupo escolar a alumna
Mais engraçada é Arabella;
Dizem todos que os pais della
São pessoas de boa fortuna.

Em luxo caro e elegante
Não ha nenhuma que a exceda;
Só usa meias de seda
E traz anneis de brilhante;

Usa umas pastas vermelhas
E pós de arroz para o rosto,
E tem até o mau gosto
De pintar as sobrancelhas.

E perto de toda a gente
Tira do rico estojinho,
O seu galante espelhinho
Em que se mira, contente.

Ninguem della caçoa,
Ninguem com ella se implica,
Porque apesar de tão rica
E' uma menina tão boa!

Trata a todos com doçura,
E' a mais querida da classe;
E' muito forte em syntaxe
E é muito forte em leitura.

Não ha nome mais citado
Na escola, que o de Arabella;
A's vezes o nome della
Sae nos jornaes publicado...

Tem talento e habilidade
Para trabalhar em dramas;
Toma parte nos programmas
Das festas de sociedade.

A todos causa surpresa
Quando, graciosa e bonita,
Nos grandes salões recita
Versos em lingua franceza.

Mas essa linda creança
Nem brasileira parece;
E' como se ella tivesse
Vivido sempre na França.

Chega a dizer que a enfastia
Das coisas patrias o estudo;
Da França conhece tudo;
Usos, lingua, geographia.

Essa brilhante menina
Confessa até com vangloria,
Que acerca da nossa historia
Não conhece patavina.

Os nomes e as datas erra,
E' ignorante, com effeito,
De tudo que diz respeito
A's coisas da nossa terra.

O defeito de Arabella
E' ser pouco brasileira;
Ella é quasi uma estrangeira...
Que pena que temos della!

E' um crime, é um feio peccado
Não amar a sua terra;
Nesse amor tudo se encerra,
Tudo que é grande e sagrado.

ENSINO PROFISSIONAL

Secção dirigida por Aprigio Gonzaga,
Director da Escola Profissional Masculina
de S. Paulo

FINALIDADE DO ENSINO PROFISSIONAL

PARA HOMENS

OBSERVAÇÃO, INFERENÇA E ACÇÃO

Alguem me disse um dia: "a França deve manter a sua cultura grega; a França, com a "Sorbonne", é a garantia da superioridade latina na cultura intellectual".

Não sei, respondi-lhe, que cousa é essa cultura grega. Eu sei, porque tenho lido, ser a historia grega um far-mestres, que preconisem a cultura physica como base da formação intellectual; sei ainda que, muitas verdades, hoje pré-gadas como novidade pedagogicas, são aphorismos dos systemas philosophicos da antiga Grecia; mas, no fundo, o que ha é uma verdadeira confusão sobre os fins da nova educação e dos meios para attingil-os.

Julgam muitos que queremos, ou, antes, pré-gamos, se jam todos os homens carpinteiros, ferreiros ou pintores.

Nunca.

O espirito é que nós visamos; e, para educal-o não podemos seguir um systema que deixa de associar o sentido muscular na obra de bem informar ou crear as faculdades logicas, ou informes, as inferencias e as deducções.

Os olhos do corpo vêem; mas os do espirito observam, comparam, reflectem e deduzem.

Se as fontes de inferencias são cegas, cegas serão as conclusões do espirito.

Veio um cego de nascença ao Senhor para que o curasse.

—Vês, perguntou-lhe o Senhor, pondo-lhe as mãos sobre os olhos.

—Sim, vejo; vejo homens andando como arvores.

Para esse cego, mais cego agora com os olhos abertos, que quando os tinha apagados e fechados para o mundo, elle estava certo e via conforme o seu falso juizo: elle andava; as coisas andavam perto delle; logo, as arvores andavam e os homens andavam do mesmo modo.

Assim, vemos, mas não enxergamos; vemos, mas não inferimos; e, se o fazemos, não tiramos as consequencias logicas, porque o nosso espirito não tem cabedal preciso.

Na nova educação, devemos educar primeiro e instruir depois; empregar as mãos em construir, para que sintamos

a verdade, para que, por meio das mãos, que são os "olhos do espirito", formemos o habito da observação, do raciocinio e do julgamento preciso.

A educação literaria não exclue os grandes principios da educação pelo trabalho, pelos sentidos. Não, ella até os requer.

Desde o jardim da infancia, nos brinquedos de Froebel, construindo; através das escolas primarias, com a faca do "Slojd", construindo; até nas escolas normaes e gymnasios, em seus gabinetes de physica e chimica, em seus laboratorios, redescobrimo, analysando, experimentando e compondo, construindo; passando pelas escolas superiores, nas de medicina, dissecando, abrindo cadaveres, praticando nos gabinetes de clinica, cauterisando, destruindo, porque, aqui, o destruir é tambem construir; nas escolas polytechnicas, medindo, pesando, experimentando a resistencia dos materiaes, empregando aparelhos, levantando plantas e cartas, em tudo, emfim, construindo, esse systema de educação, em que o moço é autor e não auditor favorece, crêa, anima e desenvolve essa força propulsora e creadora de que a Inglaterra, a Allemanha, a Belgica, os Estados Unidos e o Japão são os mais formidaveis exemplos.

Tentarei, pois, eu mesmo, posto que me não sinta forte bastante, mas fazendo das fraquezas força, tentarei esclerecer e mostrar como se pratica e o que se almeja com esse methodo de ensino, onde a actividade, a intelligencia, a liberdade e a associação dos mestres e alumnos estão sempre em jogo, e a tão alto elevam e cultuam a dignidade do homem.

NOSSOS FILHOS

Nicolay e Eislander são dois espiritos que se completam.

O primeiro, francez, lançou uma obra de critica sobre a educação de creanças e engenhosamente nos mostra como isso se passa, acompanhando o desabrochar da vida de um menino nas tres phases da existencia — infancia, juventude e virilidade.

Lel-o é ficar a gente envergonhado de suas proprias fraquezas. E' fazer-se tenção e promessas comsigo mesmo de desenvolver melhor os meios para que os nossos filhos sejam uteis a si, á familia, e á sociedade, porque, indiscutivelmente, cousa ha que tenha sido mais maltrada nem peor orientada que a educação dos nossos filhos.

O filho é, em geral, um tyranete.

O MENINO

Os paes, para não contrariarem o pequeno, deixam que todos os maus instinctos se manifestem na sua forma mais simples; a manha, a teima, e o egoismo.

Chora? coitadinho! não vá estar doente. Cuidados, atenções, mil e um soffrimentos passam os paes. Elle observa esta attenção e os desvellos, comprehende e sabe que se interessam por si. Faz manha. A casa toda gyra em torno desse diabrete. Os paes, afflictos, choram, chamam medicos, cedem em tudo e, aos poucos, o egoismo se manifesta com um cortejo de grosserias que é a tristeza dos paes e o inferno dos creados, se os ha.

O nêê quer isso; não quer; clama; bate os pés; chora, berra e obtem. Seus paes são para elle outros tantos creados; a casa, os amigos, a sociedade, o mundo, o universo, tudo gyra em torno desse astro de primeira grandeza. E assim se fecha o cyclo da infancia.

O JOVEM

Cresceu o menino. Agora estas formas estão atenuadas. Elle finge temer os paes e manifesta então — hypocrisia, preguiça e vaidade.

Junto aos paes finge attendel-os; lá fóra, porta-se como um arrieiro.

Nos estudos, colla; queixa-se dos mestres: arranca lagrimas ás irmãs, com as suas grosserias; pede aos paes que o recommendem aos amigos; precisa passar, deve passar nos exames. . .

Embellecado, risonho, cuida das unhas, cheira a Erasmic e a d'Orsay, fuma, é insolente no olhar, no gosto e no trato; porém, se alguem o ameaça, manifesta logo a tempera de sua pobre alma, num sorrir covarde, no "perdão, cavalheiro", e outras pacholices creadas pelo desmantelamento dos costumes.

E torna-se homem esta creatura!

O HOMEM NO LAR E NA SOCIEDADE

Que principios, que orientação, que finalidade, que sentimento do "eu" tem para se tornar elemento de uma sociedade, formador de uma nacionalidade?

Ha tyranos menos tyranos, ha féras menos féras que certos homens em seus lares.

A esposa, victima quasi sempre da sanha, dos rancores, dos vicios e das neurasthenias desses desfibrados, padecem e soffrem torturas immensas.

Maltratadas, diminuidas até na sua dignidade de mulheres e mães, vêm passar os dias acorrentadas ao poste da ignominia.

Seus filhos, fructo do amor, elle os olha como "pestes" que a mão da desgraça empurrou subtilmente pela porta a dentro.

Na sociedade é um mau amigo; offende com os seus re-
moques.

Não póde ser contrariado, porque, acostumado na infancia, e no seu lar, a ser senhor absoluto, faz-se maldizente, corruptor, incivil e mentiroso, porque não póde vencer. Suas amizades, são sempre baseadas no interesse del e; seus amigos toleram-no, se é rico; mas, quando pobre, enxotam-no, como se faz aos sevandijas mais grosseiros.

Figura então Nicolay um desses num café: Entra. Senta-se e logo colloca o pé numa cadeira. Bate com a bengala sobre a mesa, e, insolentemente, do alto da sua nulidade, berra ao caixeiro ou o "garçon", que o despreza e tem ganas de lhe dar educação.

O autor francez, não conhece os nossos bondes, se não elle não figuraria o café, daria o exemplo num outro lugar:

Vêde um bonde da Light. Entra uma senhora. Os homens nem de leve desviam o corpo. Mantêm-se firmes, ou, grosseiramente, de pernas estendidas. A pobre senhora lá vae por entre elles, a esfregar-se pelos seus joelhos, num prodigio de gymnastica para não cahir!

Outras vezes, o que é commum, os cavalheiros — si taes individuos se póde chamar cavalheiros — no banco da frente, "vis a vis" com senhoras, sentam-se immoralmente, em attitude de moleques, porque seria offender aos simples carroceiros, se os comparasse com esses "senhores".

Eu sei ser a critica de Nicolay muito pouco applicavel entre nós; mas, em vista dos perigos latentes em tal systema de guiar as creanças, me apresso em prevenir, porque, mais tarde, ha de se querer remediar e não se ha de poder.

Não ha civilidade, não ha porque ella é o fructo da intelligencia culta, porque ella é a resultante da moral e essa não se adquire com um systema falho de educação.

Póde haver instrucção sem que haja educação.

Eislander é um producto da revolução que abalou o mundo. Eislander na "Escola Nova", despedaça todas as convenções e mostra o valor dos nossos filhos levados pelo systema que preconisa, systema esse que tem a novidade de

algumas centenas de annos, porém, que elle veste de novas roupagens e mostra como se pratica:

Vejamos: Num bonde vão alguns alumnos á “Escola Nova” — excuso dizer que a escola nova é o que chamamos — Escola Profissional, — e surge entre os menores uma duvida sobre o thema de suas licções.

O mais velho, geralmente, intervem e faz cessar, com a sua demonstração e autoridade, a duvida, sendo sempre acatado.

Um passageiro, gentilmente entabola uma palestra com o moço, e, durante o colloquio, se admira da superioridade de raciocinio, pontos de vista, elevação de character, emfim, da moralidade do joven. Ao chegarem junto á escola, o moço o convida a visita-la, e, então, como um verdadeiro homem, conduz, mostra e explica todo aquelle mecanismo. O que é a Escola Nova?

A ESCOLA NOVA

A Escola Nova é a associação da instrucção litteraria e profissional, baseando-se a primeira sobre a segunda, de modo que, pela associação das observações nascidas do trabalho constructivo, o espirito deduza as verdades logicas.

Assim as aulas são revezadas com os trabalhos praticos das officinas e outros exercicios distractivos, digamos assim, que tendem a offerecer sadios derivativos á actividade do educando, e que lhe despertam os habitos de fazer, tenacidade, iniciativa, paciencia, e, sobre tudo, a confiança propria, qualidade essa que, sobre ser a base do character, é a cellula mater das grandes nacionalidades.

Isso parece, talvez, um logar commum; mas me falta uma phrase mais incisiva para explicar a coincidencia das grandes formações sociaes, do espirito de commercio e de indústria, de actividade combativa, que demonstram certos povos, devido ao methodo de educação que adoptam.

Charles Ham, em “The Eucation Eyes and Hand”, diz que a moral é consequencia da organização social e não esta daquella.

O TRABALHO MANUAL E SUAS VANTAGENS

Este, com Eislander, Demolins e Woodward, crê, como eu, ser o trabalho manual não um fim, senão o meio para a educação geral do moço, de modo a se obter a cultura do espirito e do corpo unicamente feita.

Porém, é necessario observar que esta nova educação incluye a antiga, porque fazemos o que se fazia, sómente por meio do largo emprego de ferramentas e materiaes, com intelligente applicação do desenho.

E' empregando ferramentas que o espirito apprehende nitidamente as relações exteriores; é, ainda, por meio dellas que o homem, como disse Carlyle — "O homem é o animal que usa ferramentas" — desloca montanhas, perfura serras; suprime distancias, estabelecendo relações entre os pontos mais afastados do orbe, pensando e sentindo, ouvindo e transmittindo idéas, em intervallos de segundos, aos seus irmãos antipodas, apertando cada vez mais os laços para a verdadeira communhão do pensamento, para a união perfeita e para a confraternidade universal dos povos.

Com ferramentas, quer seja o buril ou o camartello, desbastando, modelando, contornado, retocando e polindo, crea as maravilhas da estatuaria — Miguel Angelo; com os pinceis, desenha, colore, anima e eterniza na tela a natureza, arrancando dos nossos corações expressões de admiração intensa — Raphael.

Na expansibilidade dos vapores e dos gases, abre os desertos ás locomotivas; fende os ares em aeroplanos, galgando abysmos; com o submarino, mergulha no seio azul das aguas; e, emfim, com as ferramentas, não ha limites que cerceiem a expansão da intelligencia humana.

Esse systema de educação dá ensejo á larga facilidade educativa e meios de cultura litteraria; desenvolve a intelligencia; modela o character; crea força physica e coragem, dando habitos civicos e habitos de trabalho.

SUGGESTÕES

Veamos succintamente um facto: A, é filho de uma familia medianamente abastada. Na idade propria, entra para uma escola publica. Percorre o cyclo do ensino e sáe, após tres ou quatro annos de estudo. Conhece uma multidão de regras e cousas inapplicaveis, ou que não lhe servirão de nada, por ser tudo verbalismo puro.

O moço, como acontece sempre, cheio de boa vontade, deseja trabalhar, mas falta-lhe a adaptação para o trabalho, falta-lhe a solidez dos estudos, porque, ou esqueceu, desaprendeu, ou não sabe como se servir delles. Desanimado, fraco, sem confiança em si mesmo, corre a atrelar-se no carro do Estado, como funcionario publico, deixando, quasi sempre, presa a sua solidariedade com o grupo politico de F. Noutros casos, o moço intelligente, sáe da escola comum, entra para um curso de preparatorios, rapido e electrico, arranja-os, matricula-se numa faculdade e é o Sr. Bacharel, no fim de alguns annos.

Conversemos com ambos:

A: "Não sei que falta de sorte me trouxe a esta repartição. O chefe é um "tigre", não me dá nem tempo de "cavar" um augmento de ordenado. Não me deixa sahir e eu não posso ganhar por fóra. Antes eu fosse um operario.

Sabes, e me bate ao hombro, assim com ares de quem já se sente nos ultimos quarteis da vida, o Fulano, aquelle nosso collega, aquella cabeça dura, que vivia a brincar com caixinhas de phosphoros, no grupo escolar, Fulano, se fez carpinteiro. Trabalhou alli no Fioravanti, comprou uns bancos, umas machinas, metheu operarios, e hoje está rico. Encontrei-o numa "baratinha", e eu aqui estou amarrado a isso, e atira com um officio sobre a mesa! Dr. L., o bacharel, fez carreira. É' intelligente, bem collocado. Disse-me um dia:

Qual, isto não vae! É' o dia inteiro a correr do escriptorio para o Forum, do Forum para o escriptorio. Obrigações sociaes, representações, compromissos, etc. E se dissesse que isto dava para tudo, vá; mas, com franqueza, ganho o bastante para viver, não posso guardar um pouco para os meus filhos, nem para a velhice. E, com espanto, verifico que mais este collega naufragou.

Será culpa delles? Delles não, mas da sociedade.

Eis a razão por que se deve crear o Habito de Fazer.

O HABITO DE FAZER

As sociedades são formadas de cidadãos, que tendem a manter as mesmas organizações e os mesmos habitos adquiridos. Si os systemas de educação são falhos, falhas serão taes sociedades, sua moralidade e suas organizações.

Nos dois casos typicos que apresento, nós vemos que o moço que segue uma educação litteraria, pode ter resultados muito brilhantes, representações e ademanes sociaes; mas, aquelle que tem a educação pelo trabalho — educação professional de artes e officios, embora os resultados não sejam tão brilhantes, são remuneradores, dão bem estar, saude, riqueza, e, commumente, maiores influencias sociaes. Essa é a opinião de Baldwin; e, inegavelmente, é o que vemos diariamente entre nós, e que o romance de George Ohnet, "O grande industria", nos mostra.

Voltemos ao menino das caixas de phosphoros.

O fulano era o que se chama em linguagem escolar um indisciplinado.

Nos bancos, não ficava de braços cruzados, olhar a fakir a lousa, brincando de silencio.

Pelo contrario, tinha sempre nos bolsos grão de milho e feijões de côres; figurinhas e outras bugigangas para trocar e vender.

Activo, de uma actividade assombrosa, dizia-nos sempre que preferia levar uma surra diaria a ficar quieto, sentado, uma hora.

Aos poucos foi galgando os annos até que o perdi de vista.

Muito tempo depois soube que elle era empregado das officinas do antigo industrial Francisco Amaro, o seu Chico Amaro, como se dizia naquelles priscos tempos, em que elle fornecia essas maravilhas mechanicas — arcos, columnas, pontos, trilhos, vagonetes, etc.

Ahi, seu Amaro, o meu ex-collega arranhou um pequeno capital, montou uma fundição, abriu annexo uma serraria, desenvolveu os negocios, augmentou, desdobrou e, hoje, rico, feliz, é um dos maiores industriaes desta praça.

Toda essa felicidade, tudo isso, adveio dos habitos de trabalho, da iniciativa, tudo isso adveio da confiança propria, que só a educação pelo trabalho manual pôde desenvolver e crear.

Eu digo pode crear, porque os esforços feitos com o educando, por meio de trabalho, não são perdidos; esses esforços, feitos nos ancestraes, se manifestam nas tendencias dos filhos e na operosidade das gerações.

Entre nós, ha, numa das nossas escolas normaes, um homem, que, filho de um illustre medico, me contou o seguinte caso:

“Meu pae, que foi medico, amava tanto o trabalho manual, que diariamente trabalhava em seu banco de carpinteiro.

Algumas vezes, a chegada de clientes interrompia-o, e se passava esta scena:

—Dr. Fulano está?

—Está, sim senhor, queira entrar.

O cliente sentava-se. O carpinteiro entrava, trocava a blusa e, dahi a momentos, voltava o medico, carinhoso e paternalmente, ascultava e receitava, com alegria do cliente, que recebia duas receitas: a lição de trabalho e a therapeutica para o corpo enfermo”.

A esses habitos de trabalho, mantidos por seu genitor, attribue, ainda hoje o filho, a sua capacidade de adaptação e os successos de sua vida social.

Finalmente, essas conclusões, sedições, estão e são continuamente prégadas na “New Education”.

Pois se nós admiramos os progressos americanos, porque não lhes copiamos os habitos e o systema de educação pelo trabalho?

Vençamos a nossa inercia; lembremo-nos que os fructos, se não forem para nós, serão, como o velho da fabula, que plantava nogueira, para os nossos filhos.

A's gerações de agora cabe preparar a Patria de amanhã.

O LAR - ESCOLA

Imaginemos um grande lar, ou, antes, uma fazenda. O fazendeiro distribue aos filhos o serviço e os fiscaliza. Aos mesmos entrega a construcção das pás para revolver o café, o concerto das tulhas e de uma porta quebrada. Ainda lhes entrega o arranjo do motor paralyzado: limpar, brunir, lixar e concertar uma chaveta, os volantes, as valvulas, etc.

Noutro dia alguns pintam as paredes; outros, raspam, queimam e decoram de novo a propriedade commum.

Mais além, ainda, os rapazes encilham, arreiam e atrelam animaes nos carros e trollys; ensaccam, transportam e expedem o café.

Pois, meus amigos, tudo isso, que é a vida de uma fazenda, é a vida naturalmente, como deve ser e será futuramente na escola.

Os homens hão de chegar ao ponto de reconhecer que, empregados ou funcionarios publicos, é perder as possibilidades de ser alguém, e abdicar a propria personalidade.

Imaginem uma creatura fadada a ganhar sempre os mesmos vencimentos, fadada a fazer sempre o mesmo: da casa á repartição e da repartição á casa; ganhando e comendo para tornar a ganhar o mesmo e gastar homeopathicamente, dia a dia.

Forçosamente alguma cousa se precisa fazer para melhorar, quando não endireitar, este estado de cousas. A chave deste problema, como eu a imagino, é a escola profissional, que na preparação do moço não deve visar essa ou aquella, deve fazel-o operar como operava o pae de familia. Os moços devem ser educados no trabalho para o trabalho, de modo que sem serem especializados, nesta ou naquella arte, se possam adaptar a todas. Os exercicios são como as portas abertas para toda e qualquer profissão; e fundamentalmente servem para a cultura geral, baseando-se os conhecimentos nas inferencias do trabalho manual.

PROVAS

Ha tempos, um **amigo** meu, homem de seus 40 annos, es-
teve fortemente **neurasthenico**. Phosphato, ferro, clima,
banhos, etc., nada **adeantava** ao enfermo. Lembrou-se, em-
fim, de consultar o Dr. **Stapler**.

Este, após tel-o **examinado**, bondosamente, perguntou-
lhe: Qual a sua **profissão**?

—Funcionario **publico**, Dr.!

—Olhe, o Snr. tem um **jardim**, ou quintal?

—Sim, tenho um **quintal**.

—Pois compre uma **enxada**, faça buracos, plante arvo-
res, semeie, colha flôres, vá e volte a pé ao trabalho, que,
com uma camisa que sue **por dia**, lá se irão os males.

E assim foi: **trabalhou**, suou, cançou-se e os nervos se
restabeleceram.

Quanta razão tinha **Ramalho Ortigão**, quando dizia:
Qual cognoscível, nem **pera** cognoscível, creado e increado!
Ponham-lhe um **sacho á mão**, que com a segunda camisa
que suar, lá se vão os prob'emas transcendentales!

COMO FAZ A ESCOLA DO BRAZ E MANDA BALDWIN

A escola profissional é um laboratorio de homens.

Nella não procuramos **fazer** o muito nem o bonito, mas
o util, satisfazendo assim as exigencias imperiosas da exis-
tencia, tal como se nos apresenta. Fazemos como fazem
os paes de familia que têm necessidade de que os filhos
maiores os ajudem na confecção do que lhes é preciso para
a manutenção da propria familia e para a satisfacção do lar
feliz, de modo que os seus irmãosinhos encontrem uma at-
mosphera de carinho e conforto.

O trabalho profissional, ministrado como o fazemos,
não é materia isolada, que ajustamos ás outras discip'inas
correlatas, mas a base mesma de todo o desenvolvimento
physico e intellectual, harmoniosamente. O alumno deve
ser activo, e para o desenvolvimento dessa actividade, não
devemos aqui modificar os objectivos do "Slojd". Faz-se
preciso não cansar o alumno nem dar-lhe **systemas** rigidos,
de preconcebida execução, todos os annos, **sem** variação, ao
contrario, cumpre observar o seu gosto, **as** suas tendencias,
o seu interesse, de maneira que elle **execute** o que quizer,
dentro, porém, das linhas geraes da nossa **orientação**.

O alumno que deseja a execução de **um** trabalho, já o
tem de ante-mão delineado, medindo as **difficuldades** que
terá de enfrentar.

Assim sendo, a sua execução já está quasi assegurada, e a confiança em si mesmo demonstrada pelo alumno vale mais que a total cooperação do mestre.

Ainda mais: se elle sabe que esse trabalho lhe pertencerá, ou que nelle terá um lucro material, — empregará então toda a energia de que fôr capaz, para vencel-o.

E' a realisação do lemma: "alumno contente em escola alegre".

Nós não repetimos programmas, nem trabalhos, porque essas repetições nos levariam ao trabalho formal, e, conseqüentemente, á morte espiritual; preferimos a mutação, rigorosamente adaptada ás necessidades da vida, mesmo que os resultados externos sejam até difficeis. A perfeição do ser, isto é, a perfeição interna da individualidade, pelo exercicio das faculdades; a confiança propria, e a certeza de valor individual, que todos devem obter, leva-nos a preparar homens capazes, que não tolerem "palmadinhas na face", nem sejam levados como os "anjinhos", de que nos falla Emerson.

Mas, isso não quer dizer que não tenhamos principios e linhas directrizes. Entendemos que educar é preparar para o trabalho pelo trabalho, e, desse modo, ao apresentarmos as series educativas, temos unicamente em vista as condições do trabalho no passado, afim de facilitá-las no presente, garantindo a sua perfeita execução no futuro, isto é, educar para construir, e não construir para educar.

A natureza do alumno, o seu character, a sua alma, a sua individualidade, emfim, tudo é estudado, variando por isso o nosso programma de individuo para individuo, visando, como dissemos, o lar seguro e feliz.

A adaptação á autoridade do mestre (o pae); o amor aos seus semelhantes; o respeito pelo bem da collectividade, tudo o irá levando ao altruismo, ao desapego e ao desprendimento, para a organização da familia e o bem da sociedade, o que só se consegue educando a expressão propria e a repressão dos instinctos.

O trabalho profiissional é o centro da vida escolar e todas as demais disciplinas lhe gravitam em torno.

Aqui, em nossa escola, ainda estamos experimentando modificar a vida social do alumno pela vida escolar, o que dá ao nosso problema uma vasta importancia philosophica.

Na educação do espirito e do corpo, pelo exercicio manual e intellectual, combinados, este apoiado naquelle, procuramos fazer na escola a evolução do proprio ser, a nova educação, que é o centro da futura democracia.

HESITAÇÃO DOS MOÇOS

Os moços da nossa sociedade, de origem brasileira, ao sahirem dos grupos escolares, ficam attonitos: não sabem que rumo tomar. Aos bordos, vão, dia aqui, dia ali, por esta costa d'Africa, da vida, como disse um poeta, sem adaptação, experimentando um caminho hoje, para deixal-o amanhã, até serem surpreendidos com a chamada á vida das responsabilidades.

Quanto aos filhos dos estrangeiros, o caso muda de figura, devido, á educação de que os paes são portadores — a educação utilitaria. Synthetisada no adagio "quem tem officio tem beneficio", os paes, assim que os rapazes saem dos grupos, dão-lhes logo o mestre de officina, o patrão. E, aos poucos, vagarosamente, mas sempre subindo de salario, chegam a ser officiaes de officio, contra-mestres, patrões, industriaes, senhores cavalheiros, commendadores, apalacetados e ricos, emquanto o seu collega de escola, o moço brasileiro, vegeta e soffre as consequencias da má orientação na vida.

NO INTERIOR

Ainda aqui, em São Paulo, ou mesmo em Santos, a falta de educação profissional, a ausencia da escola technica, não se faz sentir tão prementemente como no interior do Estado.

Quem de nós não conhece uma cidade do interior?
E' uma lastima!

Os moços, ao sahirem dos grupos escolares, procuram collocação no commercio da aldeia; não acham, porque, dizem os negociantes, "eu mesmo faço os meus embrulhos".

As estações de estradas de ferro, se ha, andam repletas de praticantes de telegraphistas, a 30\$000; na camara ha gente effectiva, addida, e suplementar, o que já levou alguem a dizer que os fiscaes são feitos para recolher a renda e esta para pagar os fiscaes.

Por fim, vivem os moços ao léo, aqui e alli, aprendendo vicios, dormindo demais, ou, o que é communissimo, empregando-se em occupações humilissimas, que mal dão para comer.

Se os moços brasileiros vão ser bachareis, é porque não têm outro caminho para o emprego de sua actividade; e, até nisso dão provas das boas qualidades da nossa gente, pois em vez de se fazerem vadios ou batoteiros, vão em busca de um diploma, positivamente bem mais difficil de conquistar que, em 3 annos, ou menos, ser um bom operario mechanico ou marceneiro.

A culpa é da nossa organização social, da falta de utilitarismo do systema de educação que lhes não dá escolas profissionaes, simples, mas largamente espalhadas, para derivação da sua actividade.

A culpa é do nosso systema de educação, eivada de vícios e preconceitos, que pensa cuidar do espirito, quando sómente sobrecarrega a memoria de falsas noções e indigestas theorias, podendo-se aqui applicar o preceito de hygiene — não é na quantidade que se absorve que faz bem e nos fortalece, mas o pouco que se digere.

Educando a mão, encaminhando desde os primeiros annos o homem para o trabalho, se chega a esta profunda verdade: Deus, condemnando o homem ao trabalho, para regeneração do seu crime, foi Pae amantissimo, pois a natureza humana o exige, para a propria conservação da especie.

Desde o electron até o Universo, em tudo as leis do trabalho imperam e salutarmente cooperam para a eterna evolução, para o eterno aperfeiçoamento, para o Bem Ultimo.

NA ESCOLA COMMUM

Ainda para mostrar como se póde orientar o trabalho manual nas escolas communs de qualquer gráo, em qualquer zona, com qualquer meio, vejamos estes exemplos:

Conta M. Muller, in "The Flyinh Kites": O professor, para o ensino das formas geometricas, empregou a construcção de papagaios de variadissimas formas. Propoz fosse nas férias, aberto um concurso entre os alumnos das escolas locaes, para ver quem apresentava o mais interessante, o mais bizarro papagaio. Porém, o fim desse plano, com o trabalho manual, era mostrar-lhes e fazel-os comprehender noções de geometria: a construcção de figuras, o traçado dos quadrilateros e polygonos, e, sempre com muito interesse pelos alumnos, por meio de palestras, dar-lhes os conhecimentos precisos dessa arida materia. E, diz ainda o referido autor que, no dia aprazado, além das bellas licções obtidas, houve na cidade da California uma verdadeira festa, com centenas e centenas de vistosos papagaios, a alegrarem o céu, na festa da escola.

Assim se pratica nos Estados Unidos, assim se vê a distancia que vae de mestre a mestre e de escola a escola. Mais: Ben Johnson, com muita graça, implantou o trabalho de serrinhas, fazendo animaes, bonecas, arcaes de Noé, etc., com o fito de ensinar de verdade fórmulas geometricas e os exercicios de construcção, como fazemos com os antigos tórnos, tão sem graça, tão despídos de interesse, que nem ao menos alegram, ou dão derivativo á actividade infantil.

O CARACTER

Dois effeitos immediatos acarreta este systema de educação — o desenvolvimento das faculdades, ou aptidões e a formação do caracter. Estas vantagens são de todo indiscutíveis, pois, o moço, que não tem boa occupação, busca e encontra a má.

Queixam-se os paes, muitas vezes, que os filhos, aos 14 e 15 annos, já não se importam com os livros, procuram sensações fortes, fumam, e, aos poucos, decaem na saude, e na moral. Ora cançando sufficientemente o corpo, com um trabalho util, o moço tem fatalmente um somno reparador, levanta-se mais bem disposto e a sua natureza se torna mais forte.

Quanto á moral, então, o campo e os resultados são vastissimos.

O moço que começa uma construcção, pensa, delibera, raciocina e conclua.

Esta gymnastica dá um resultado moral elevado, porque, como bem tendes visto, onde mais elevado e diffundido é o trabalho, mais alta é a moralidade e mais dignas as normas de vida.

O OPTIMISMO

Por que não nos convencemos que a escola acrysolas as almas?

E' ahi que se moldam os caracteres, porque além do exemplo do mestre, da sua acção e da tendencia do jovem em imital-o, tudo exerce acção educativa no periodo de maior plasticidade humana, em que se modela o caracter da creança, e se solidificam as impressões recebidas.

Nessa época, a escola e o mestre devem ser fundamentalmente optimistas. O mestre não póde e não deve, de modo algum, lançar na alma em formação do jovem a má semente da descrença, da duvida, da crítica mordaz contra os credos e as tendencias christãs que elle traz do lar.

Essas crenças são um thesouro formidavel de fé e de esperança: ellas são a scintilla do Bem que lhe brilha n'alma, que o ha de guiar na vida, na pratica da caridade, no respeito de tudo quanto é nobre.

Matal-as, é lançar o fogo do exterminio ás idéas generosas; é tornar arido, pela descrença e pela duvida, um coração repleto de bondade, um coração votado á Esperança.

Amordacemos as nossas descrenças; afivelemos a máscara da alegria, do valor, da esperança, da fé e do optimismo, para que o jovem tenha animo, tenha coragem, tenha esperança, e confiança no futuro e no seu valor pessoal.

Por que destruir essa enorme riqueza, que nós não seremos capazes de dar! E que valor tem o optimismo. Que poder extraordinario dá a fé!

Quem se apoia na esperança sincera, agrada, conquista e vence.

“Abri caminho”! E’ um livro que recommendo aos que, como eu, moirrejam nesta seara do ensino; aos paes e a todos que perderam o optimismo; aos que não tem fé.

Nelle o seu autor Orice Sweet Marden, cujas obras servem de livros de leitura no Japão, que, em um anno, tirou 28.000 exemplares só desta, nos mostra o successo dos grandes vencedores na lucta pela vida em sua Patria, que tomei para exemplo por não querer ferir susceptibilidades.

Todos, sem excepção, partiram dos postos mais humildes, das maiores privações e attingiram as maximas posições e o mais alto conceito social.

Rockfeller, de operario diarista a archimillionario, grande bemfeitor da humanidade; Morgan, o operario pauperismo, o ricaço, o doador de fortunas; Edison, vendedor de jornaes, sabio, nababo, senhor potente da electricidade; Armour, que atravessou o deserto americano, á pé, com um sacco ás costas, operario, grande industrial, multimillionario.

Não tenho menos autor para a prova que Abraham Lincoln, o sociologo, que se viu pastor de ovelhas, creado, operario, estudante, advogado, jornalista, conselheiro de Estado e presidente da Republica Americana.

Por aqui se vê que não ha prover sem provar; todos subiram, enriqueceram, mas foi com trabalho e pela escola da adversidade.

Voltemos a pagina; pensemos aqui mesmo, em nosso meio.

Olhemos para estes palacios, são de grandes industriaes; olhemos estes bellos parques, automoveis, casas de praia, tudo, ou quasi tudo, é dos que partiram das posições humildes; é dos que com fé e trabalho conseguiram vencer e se impor.

A sorte, a fortuna, a prosperidade, a dita, a riqueza, o talento, a virtude, o poder, a fama, o exito, todas essas forças positivas do homem não estão, como crêem muitos, fóra dos limites da possibilidade de qualquer um.

A questão é applicarmos firmemente os meios para despertal-as ou adquiril-as.

Sem esse exercício, que o optimismo crea e anima, o homem é empolgado pela duvida, e surge, então, o desalento, o pessimismo, a vacilação, a timidez, a tibiez, o acanhamento e a descrença, forças negativas, que fazem mais victimas que todas as prepotencias, como disse E. Root, como causa do fracasso dos homens.

Um meu amigo, joven muito talentoso, cujos olhos mostram o vigor, a tempera de aço de sua alma, deu, á minha vista, certa vez, uma lição de optimismo:

—Seu Cyro, isto é “jettatura”!

—Seu Fulano, não diga esta palavra. Só pronuncial-a, é nos indispor, é desalentar-nos.

—O Snr. tem razão; nem mais hei de pronuncial-a, disse o Fulano. E assim foi: Insistiu, trabalhou, luctou e, finalmente, vencedor, foi procurar o bom Cyro de Freitas Valle, para dizer-lhe: O Sr. tinha razão, o que eu julgava “jettatura” era simplesmente falta de vigor e impropriedade de meios por mim empregados.

A proposito da orientação optimista dos nossos jovens, cabe-me relatar, porque a “humanidade é sempre a mesma”, que, em geral, os moços se encontram nas mesmas condições em que eu me encontrei aos 20 annos:

Frei Sylverio foi um espirito superior. — Elle exerceu na formação do meu character preponderancia tal que já-mais o tempo apagou.

Jámais apagou, e não apagará, porque, quanto mais os annos distanciam os factos, mais elle cresce em meu espirito: “os heróes, ao contrario das estatuas, crescem quanto mais delles nos afastamos”.

Disse Carlyle:

Alli no velho convento dos Franciscanos, foi onde o conheci.

Orçava elle então pelos 60 seculos, seculos são os annos dos que olham a vida como um degredo; eu contava 20 estroinices, cada anno de joven é uma estroinice continua.

Na Escola Normal de então, talvez ainda em muitas, era chic, era “smart”, ser-se moderno. Os professores não perdiam occasião de fazer propaganda de seus credos. Nós, jovens, sem maturidade de espirito, eramos como garrafas vasiaas, promptas a serem cheias de qualquer liquido, fosse ou não boa a doutrina; uns, sectarios de A. Comte, com o prof. X, de mathematica; outros positivistas, com F., ou materialistas, com B., mas, emfim, grupos de sectarios, praticantes e não praticantes doutrinando, demolindo tudo, na ancia de nos mostrarmos “chics”, todos empe-

nhados em atacar principalmente a Jesus, victima escolhida pelas reticencias dos tolerantes positivistas, excluido sempre das conclusões scientificas dos materialistas.

Augusto Comte, philosophia primeira, systematisaçaõ da sciencia; Buchner, força e materia; Haeckel, Sciencia e Religião; tudo foi material que devoramos, tudo foi lido de um jacto, soffregamente, indigestamente.

Que desejos tinha eu então de polemizar. Era o fructo daquelle ensino, do pseudo ensino leigo; era a consequencia da inobservancia da neutralidade dos cultos, que queria, significar: tudo permittido, menos que nos faleis de Deus.

Foi nesse periodo que conheci a Frei Sylverio, casualmente.

No Largo da Liberdade, inaugurava-se a casa do velho commendador Faria e elle foi abençoal-a.

Lá estive; de lá acompanhei-o ao convento.

Conversámos.

Elle me ouviu bondosamente. Deixou que se me extravasasse aquella corrente de factos concretos, axiomas, leis, etc.; e, por fim, num gesto paternal, perguntou-me: conhece a moral christã?

—Não.

E' isso: ainda não conheces, nada sabes, e já tens o espirito repleto de doutrinas mentirosas, de cousas inuteis.

E lá foi, cabeça baixa, vagarosamente...

Não voltei, sinão dahi a muitos dias.

Entrei. O velho portão de pau, pintado de azul, com uma enorme taramella de ferro, corroida pelo tempo e desgongçada, estava apenas cerrado.

Frei Sylverio, sentado no topo da escada, que dava para o jardim, fez-me signal para que eu me sentasse perto d'elle, o que fiz, uns dois degrãos abaixo.

Remendava. A linha e a agulha não estavam dispostas, naquelle dia, a segurar os pedaços de panno; embaraçavam-se. Elle, pachorrentamente, esticava o fio, encolhia a manga, e sorria.

Alli, calmamente, expoz doutrinas philosophicas: comparou, deduziu, esmiuçou, com rigor de analysta, mostrando-me superiormente como tudo é falho, desde as leis phisicas, que o radio contraria, até a classificação de illogica, por Stuart Mill, á doutrina positivista, passando pelas mentiras de Haeckel, e contestações de Virchow.

Quiz fallar-lhe; mas talvez por timidez, talvez, porque o seu exemplo e a sua austeridade m'o impedissem, eu não enunciava o fim que me levava.

Em frente a nós, num canteiro de malvas, dois tico-ticos rinchavam: afastavam-se aos pulinhos, azas cahidas, rabos em leque.

Erguiam-se num pequeno pulo-vôo e chocavam-se no ar, peito a peito, garra á garra, para cahirem depois, mudos, cançadinhos.

O frade levantou-se, foi até um canteiro e concertou uma roseira. Os seus movimentos espantaram os brigões, que fugiram para um arbusto.

Levantei-me tambem para pegar o meu chapéo, que ficára sobre o beiral do poço.

Voltei-me; ia despedir-me, quando, um dos tico-ticos, descendo da arvore, posou sobre a costura do frade, e, estouvadamente, empurrou o novello de linha, que rolou pela escada; preso como estava á costura, deixou um fio longo, e foi cahir numa poça dagua.

Frei Sylverio abaixou-se, pegou o novello, e limpando-o, na manga, disse: Vossos mestres são como os passaros: desmancham-nos a costura e pouco se importam com o destino do novello. E atalhou: A culpa é de quem deixa o novello e a costura no chão...

Esse facto foi concludente. Procurei estudar e comparar as varias doutrinas de que me tinham enfartado e me deixaram sceptico.

Cotejei-as; expurguei o que me não convinha; e, aos poucos, cheguei a raciocinar por mim e a ver o mal que me tinham feito com a duvida e o scepticismo lançado em meu espirito.

Era um velho aos 20 annos!

QUE SE DEVE FAZER DO MOÇO

Penso que, se a questão fosse tão sómente fazer o operario, ou dar-lhe a memoria da execução de uns tantos trabalhos ou exercicios, para atiral-o depois á fogueira das fabricas e uzina, como quem ateia lenha ou outro qualquer material de somenos valor, talvez eu concordasse; si ao Estado coubesse esta ridicula missão de predestinar os moços para este ou aquelle officio, eu diria ser melhor que tal tarefa coubesse ás fabricas e officinas, porque, além de nos evitar a vergonha dessa missão ingloria, nada nos custaria tal serviço; as escolas profissionaes não teriam razão de ser.

Sou contrario á especialização. Acho que a educação profissional deve dar habitos de trabalho. Exercitar a intelligencia por meio de qualquer arte, para a qual o alumno tenha pendor, dando-lhe pelos melhores processos da

economia do tempo e do bom emprego da sua actividade, uma noção exacta da elaboração geral porque passa a materia prima dessa arte.

Isso, que não é o fim, é o meio de que nos devemos servir para a completa educação do moço, educação essa que não fará automatatos, mas que, ao envez, preparará seres aptos, dignos, fortes, moralizados, e capazes de modificar as condições de vida em que tenham nascido e fundar ou abrir novas eras de prosperidade para si e para a sociedade.

A especialização, que é o determinismo industrial, ou antes, o captiveiro do homem á fabrica, á industria, acarreta legiões de desesperados, que, tantalicamente, aspiram subir, aspiram viver e attingir ás altas posições sociaes e conquistar para si e para sua familia os gosos dos bens aquinhoados, mas que se sentem amarrados pela impreparação, pelo "só servimos para isto", como dizem, desanimados e olhando raivosos para o ramerrão de todos os dias.

Disso surgem as blasphemias, as revoltas e os governos demagogicos, de que as Russias dão o triste exemplo.

A orientação que o alumno deve praticar nas varias officinas onde a materia prima de sua arte soffre elaborações, e, mais ainda a pratica que elle obtem nessas modalidades de fórmula por que passa o objecto em construcção, é a garantia segura contra a mecanização das profissões manuaes, que, dia a dia, mais se impõe no "labor saving", dispensando a cooperação do homem, ou a participação do operario.

Ha pouco tempo tive occasião de ver uma machina americana para copiar estatuas. Munida de um dispositivo especial, especie de pantographo, onde, collocado o modelo, se marcam os principaes pontos, como se usa em esculptura, em outro local da mesma machina collocado um bloco de marmore, ou madeira, e posto em movimento o aparelho, reproduz, em alguns minutos uma estatua tão perfeita quão o modelo, cujo valor de mão de obra é nullo. ,

Assim, em nosso mercado, por preços infimos, podemos adquirir objectos de arte — até com a firma de esculptores de nomeada, sem mais trabalho que collocar e tirar blocos de pedra.

Já me não refiro ás machinas de entalhar, tão em uso nos Estados Unidos, como diz H. Buyse; ás machinas de compor, linotypos; que causaram entre nós tanta miseria, com a dispensa, em pouco tempo, de milhares de compositores; ás prensas, que baniram, em massas, os funileiros; ás

machinas para a preparação da madeira e seus affins, para o ferro, onde o operario se limita a entregar a materia prima e recebe-la elaborada.

Essa foi a razão primordial que nos levou a adoptar o systema de educação technica-integral, porque, além da vantagem que tem o moço egresso de se aperfeiçoar em qualquer ramo de sua arte, e, em caso de necessidade, deslocar-se, sem grande esforço, de um para outro ramo, de sua profissão, onde a sua adaptação está assegurada, favorece a cultura e o desenvolvimento do espirito.

Preparar o operario, para que seja o melhor operario, preparar um nucleo forte de bons trabalhadores, que sejam os detentores das boas normas do trabalho e da technica perfeita, é pelo menos agora, uma campanha justificada e louvavel.

Quando o Brasil, particularmente o Estado de São Paulo, chegar ao desenvolvimento dos velhos paizes, e mesmo de alguns novos, que tem excesso de população, onde se justifica a especialização, pela luta de produzir muito, embora se transforme o homem em animal de carga, ainda nessa época, a acção defensora da Escola Profissional, terá sempre influencia energica na direcção geral das industrias e no bem estar das classes laboriosas.

Todavia, se não bastassem essas razões, avultaria ainda o habito de trabalho, as energias despertadas e o sentimento de confiança propria, de tenacidade e ambição de ascender, que mostram os apprendizes, para testemunhar o valor e a oportunidade desse systema de educação popular, que, segundo o nosso exemplo, foi adoptado no Rio de Janeiro, pela reforma Sodré e tem dado os melhores resultados.

Temos observado a esse respeito, que o alumno, uma vez adquirida a pratica sufficiente para interpretar o desenho e represental-o com alguns conhecimentos dos calculos para a abertura de roscas, abandona a escola, e, em pouco tempo, attinge elevados salarios, tornando-se operario completo.

A reforma do "homem medio", da classe, produz e exige a cultura do espirito e a habilitação para o trabalho. Essa deve ser a missão do Estado.

NOVO RUMO

Hoje, que um novo surto de esplendor e grandeza de processos empolga o professor, que o ensino verbalista cedeu lugar ao ensino-experiencia; que os alumnos como que redescobrem as leis physicas e inferem, pelo proprio esforço, deduzindo e tirando illações; emfim, quando o alumno é actor e não auditor, não é mais cabivel ás escolas pro-

fissionaes darem para guias da mocidade trabalhadora esses mestres vindos das mais baixas camadas sociaes, pensando e agindo sem idéas, exercendo um pernicioso exemplo, desviando os moços e contaminando com os males de que são portadores.

Se a missão das escolas profissionaes é isto; se ella tem por objectivo a formação de homens machinas, melhor será dar ás fabricas e officinas uma subvenção para que admittam um certo numero de menores, e façam do filho do ferreiro um ferreiro, do filho do pianista outro pianista, da filha da costureira uma costureira, novo eito de escravos dessa gleba disfarçada, que é a industria entre nós.

Não; ella tem de educar pelo trabalho, para o trabalho, despertando no espirito dos moços os nobres ideaes da propria perfeição, o desejo, a ancia de subir, de attingir a todas as posições, por mais elevadas que sejam, embora não as atinjam nunca, mas caminhando de degráo em degráo, na escala da propria evolução, evitando a paralysação morna e estagnada da mediocridade, dos que se limitam ás accomodações invariaveis.

Ter idéas proprias é ser alguem, é ser homem, é ser original. (Inginieros).

Pensar com o proprio cerebro, agir de accordo com a propria individualidade, é erguer-se, é dar um cunho proprio e fóra do commum á sociedade e á Patria, que vale pela qualidade de seus filhos. Se valesse a quantidade de "Jecas", qual seria a nossa posição no continente americano! Mas, em verdade, só os que têm idéas, só os que aspiram ascender, essa meia duzia dos que pensam, é que arrasta e levanta a massa dos que pensam e sentem com o cerebro e os nervos alheios.

Essa é a razão do operario-cerebro ao invés do operario-machina.

Não ha nada de illogico no que acabamos de affirmar; mas, sendo a escola o reflexo do meio em que existe, não podemos, de um momento para outro, romper com o equilibrio estabelecido, e, por isso, nossa acção é algo morosa, mas profundamente remodeladora.

Nossa taréfa na preparação do "homem-médio", que não é synonymo de mediocridade, tem de ser energica, mas ponderada e gradativamente remodeladora.

Essa é a acção que mantemos ha dez annos, embora combatidos por todos os modos, como é natural, numa sociedade, que, infelizmente, fórma este conceito geral sobre o operario: "o homem que deve trabalhar braçalmente, e que, para isso, não precisa saber ler nem escrever".

Se em nosso meio, ainda predomina a mediocridade industrial, profissional e burocrática, como querer que essa camada que sempre se oppoz pela força atávica da conservação do passado, accommodaticia e oppressora ás novas idéas e aos surtos imaginativos, que só vê o que passou e não antevê o futuro, nos recebesse sem hostilidade?

Disse-me de uma feita um alto funcionario federal, aqui em visita:

“Para que exigir dos candidatos ao curso profissional que saibam ler e escrever? Então os analphabetos não podem ser operarios?”.

—Sim, podem, empyricamente. Mas, esses infelizes, serão sempre uns serventes de machinas, incapazes de acompanhar os processos de evlução do trabalho, desconhecendo a economia do material e ficando estacionarios, sem fazer mais nada do que aquillo que aprenderam.

Hoje, que para o simples desdobro de uma prancha, ou de um tóro, ha regras geometricas, que ensinam a aproveitá-las completamente sem que nada se perca, vemos, como temos observado em nosso meio, em tal serviço, perderem os operarios enorme quantidade de madeira; para a cravação de uma caldeira, sobrarem kilos de rebites; para o enrolamento de um cylindro, perderem larga copia de chapas, encarecendo o trabalho e diminuindo o valor da mão de obra.

Não, absolutamente. Ou novas fórmãs são adoptadas na educação do operario, ou, de uma vez para sempre, se fechem as escolas e adopte-se a pratica e, a orientação do “Conseil du Travail”, de Paris, que distribue, fiscalisa, orienta e auxilia a diffusão do ensino profissional, pagando ás famlias dos mestres, que se recommendem pe’a sua competencia e honestidade, para terem em sua companhia, como filhos, moças e moços, que se destinem ás profissões manuaes.

Ainda mais: pelo projecto de Mr. Villemain, na “Chambre de Commerce”, tal ensino, que foi classificado como o “unico meio de progresso e evolução das nações”, é adoptado pelas municipalidades, corporações e syndicatos de trabalho em toda a França, porque esse paiz, tão duramente experimentado pelas vicissitudes da guerra e outros problemas sociaes, que nós ainda não conhecemos, mas que para lá caminhamos rapidamente, accordou e sentiu a verdade emanada das patrioticas palavras de Mr. George Blondel, em seu livro “Essor industriel et commercial du peuple allemand”.

“Verrons nous le “made in Germany” envahir tous les pais du monde?”

“Celá dependra des moyens que la concurrence internationale mettre en oeuvre pour arrêter cette invasion. Mais en ce qui concerne notre Patrie, nous ne saurions trop répéter que á l'exemple de ce que c'est fait ailleurs, il faut changer le point h'honneur et orienter la jeunesse vers les carrières commerciales et industrielles, où elle trouvera de plus en plus consideration et profit. Le developpement de l'enseignement technique peut contribuer, ici, a favoriser, lá a créer un nouvel état d'esprit.

“L'Allemagne l'a compris; elle a courageusement mis ses institutions scolaires en harmonie avec les necessités sociales.

“Pourquoi, sans la copier servilment, et tout en respectant le génie de notre race, ne nous inspirons pas de ses léçons?”

Não é o caso do Brasil, na America do Sul, onde outras nações visinhas contam, só em suas capitaes, dezenas de cursos profissionaes mechanicos, magnificas escolas de pesca, de apicultura, de artes, cujos productos, como os artefactos para moveis, já nos são exportados?

Na propria Allemanha, como nos diz Van der Gvelt, os novos methodos de trabalho estão sendo empregados, e a nova educação — sem especializar ganha terreno dia a dia.

Eu creio que a machinização das industrias é um facto indiscutivel. Muito breve a mão de obra terá desapparecido; ás machinas caberá a execução integral; e, então, só aquelles que tiverem habitos de trabalho, de inventiya, de adaptação, de tenacidade, de paciencia e confiança propria, que só se adquirem com o systema de educação manual e inte lectual harmonicamente feito, serão os vencedores.

A' escola não cabe fazer ferreiros ou carpinteiros. A ella, mercê de Deus, está destinada missão mais alta.

Dissemos; mostremos o que fizemos, e o que ainda temos a fazer, pensando nas estrophes admiraveis de um grande espirito creador:

Vós que hoje colheis, por esses campos largos,
O doce fructo e a flor,
Acaso esqueceréis os asperos e amargos
Tempos do sementeiro?

.....

O Paulos do sertão! Que dia e que batalha!
Venceste-a; e podeis
Entre as dobras dormir da secular mortalha
Viveres, viveres...

O trabalho de hoje, como o de hontem, esta lucta, onde o que menos se ganha é a saude, e que já dura dez annos, não cessará jámais.

Agora ha de ir e irá sempre em frente, porque ella representa a victoria da razão sobre os velhos preconceitos da escolastica.

Trabalhar é ascender para a propria perfeição.

APRIGIO GONZAGA.

Director da Escola Profissional Masculina de S. Paulo.

O APRENDIZADO MANUAL

A SCIENCIA NÃO SE APRENDE, FAZ-SE.

O ensino, historicamente, começou por meio da palavra, depois se deu pela imagem, em seguida pelo objecto, emfim pela actividade individual e pela actividade manual. Veiu do vertice para a base: devêra ser assim, si a psychologia do adulto foi a primeira conhecida e a psychologia genetica, da qual faz parte a infantil, é dos nossos tempos e ainda está em formação.

A apprendizado activo divide-se em: meditativo—acção interior, acção do espirito, actividade mental; e factivo—acção exterior, acção muscular, especialmente manual.

“Learning by doing”, aprender agindo, aprender trabalhando por si mesmo, é a formula de toda aprendizagem e portanto não é nova; o que é novo é sua extensão a toda cultura, especialmente á cultura intellectual. Outrora só se aprendiam pela acção os ramos “instrumentaes”—leitura, escripta, calculo, desenho e trabalho manual e isto porque não se podiam aprender de outro modo. Hoje quasi todas as disciplinas devem ser ensinadas atravez da actividade individual e muscular, especialmente da actividade manual.

O ensino das sciencias ex-cathedra e a sicencia mesma são cousas tão differentes, que uma é quasi opposta a outra, como o activo é o contrario do passivo e a invenção da memoria. Ninguem se faz um experimentador porque assista a um spectaculo de experimentação. O ensino pelo aspecto não é o mesmo que o ensino pela acção e nossos alumnos não “fazem”: apenas olham, registam, resumem.

A finalidade dos que professam “aprender sciencia” é van. Só os “resultados” podem ser objecto de saber; mas

os resultados não mais que um "índice", não são nem o livro, nem o espirito que o dictou. Saber, de "sapio", é provar, e prova-se experimentando, fazendo; é o lemma de H. Poincaré: "a experiencia, mãe de toda verdade".

O papel do mestre deve diminuir, crescendo o do alumno, que faz a sciencia á medida que observa, experimenta, compara, generaliza. Fazer é sempre possível, ainda nas sciencias a que Ostwald chama "sciencias de papel": depois da evidencia, medida do volume da pyramide, é facil procurar a lei que o faz igual ao terço da base pela altura; nas sciencias naturaes é absolutamente indispensavel.

Ao "ensino scientifico", que é uma contradicção nos seus termos, substitue-se o "trabalho scientifico", que, sómente, é sciencia. "A sciencia não se aprende, faz-se".

O EVANGELHO DO TRABALHO

Abrem-se novos horizontes para a formação psychologica da creança. A Allemanha é o centro de um grande movimento reformador: um immenso progresso realizado pela applicação dos trabalhos manuaes á educação do character é devido a iniciativa genial e á perseverança do pedagogo de Munich, G. Kerschensteiner.

A "escola do trabalho" (die Arbeitsschule), quer a educação "pela actividade individual, como recurso systematico no ensino intellectual e quer uma educação fundada no trabalho manual".

Vinda de Comenius, Rabelais, Locke, Rousseau e passando por Pestalozzi, Fichte, Herbart, Ziller, Froebel; teve sua consagração maxima em Kerschensteiner, que se occupa da escola primaria e visa a formação civica dos futros cidadãos; e em Gaudig, que se interessa pelo ensino superior e considera a educação da personalidade como o fim educativo por excellencia; querem ambos a formação do character pelo trabalho pessoal, pela autonomia intellectual do alumno; querem a substituição da escola publica actual, convencidos, como Pestalozzi, de que a "cultura profiissional é a porta de toda cultura humana".

Os principios da "escola do trabalho" já foram experimentados com exito em classes existente na Allemanha, Inglaterra, E. Unidos, Suissa, França, Italia, Bulgaria e no Extremo Oriente.

Semelhantes a essas, ha as "escolas novas", a New School Abbtsholme, fundada em 1889 por Cecil Reddie, a Land-Erziehungs-Heim de Hermann Lietz, E'cole des Roches, de Demolins, internatos no campo, onde os trabalhos manuaes são a base e o centro da educação, onde a

“acção ao ar livre” é o principio essencial de educação; o escotismo de Baden Powel, onde as creanças aprendem pelo serviço no campo, todas as virtudes de que precisa o homem moderno, escolas baseadas sobre o desenvolvimento do caracter, da habilidade manual, da saude, do habito de servir os outros, do dever de sempre sorrir, escolas cuja orientação é a unica que se adapta á psychologia da adolescencia; ás “Case dei bambini”, da doutora Montessori, na Italia, escolas do trabalho espontaneo; nos E. Unidos, as escolas que se orientam por Dewey.

Tendo o russo Victor Della-Vos introduzido em 1868 na Escola Technica de Moscou o ensino da utilização das ferramentas, o norte-americano J. D. Runkle em 1876 o adaptou no Instituto de Technologia de Mass, mostrando que o “manual training” tinha inestimavel valor na educação geral. Por isso em 1879, Woodward fundou a St. Louis Manual Training School, em 1883 surgiu a de Baltimore, em 1884 a de Chicago e hoje são numerosissimas as escolas onde os trabalhos manuaes são a alma da educação.

A Inglaterra chega até a obrigar todos os alumnos de 5 a 18 annos a passarem pela escola profissional, como preparatorio para todas as carreiras: treze annos de trabalhos manuaes!

Na Allemanha uma litteratura abundante e rica surgiu a respeito da escola do trabalho, travaram-se os mais violentos debates e afinal a constituição allemã ha poucos mezes acaba de officializar para a escola unica e fundamental da Allemanha nova, o methodo da “escola do trabalho”, que só era adoptado em Leipzig e Munich, o evangelho do trabalho é o evangelho da civilisação.

A CONCEPÇÃO DE KERSCHENSTEINER

O trabalho manual é um principio de ensino e não um ramo especial ou um objecto ensinado. E' o suporte activo, vivo, das noções abstractas da geometria, da physica, das sciencias naturaes, o vehiculo de quasi todos os conhecimentos. **TODAS AS MATERIAS DEVEM SER ENSINADAS ATRAVEZ DOS TRABALHOS MANUAES.**

Não se deve assimilar-o a um simples ensino technico, que é um fim secundario, pois a habilidade edifica o sentimento da personalidade, mas o fim principal é a formação da vontade e do character moral—unicos penhores dignos de uma existencia digna. Dahi evitar-se acima de tudo o trabalho machinal, impessoal; cada movimento deve emanar da idéia, o espirito ficará permanentemente associado á mão

e aos olhos, o corpo será um instrumento docil do espirito —é o verdadeiro exercicio de uma vontade reflectida.

As tendencias instructivas e espontaneas das creanças para jogar, manipular e construir tomam-se como base de todo o ensino, de modo que o jogo, as occupações manuaes e agricolas, as pequenas industrias e artes e as experiencias directas com a natureza e a vida social, “precederão, motivarão e acompanharão” a instrucção formal, systematica.

Num mesmo assumpto devem se exercitar as aptidões sensitivas, intellectuaes e motoras. “Nenhuma impressão sem sua correspondente expressão”. Todos os modos de expressão—mimicos, verbaes e manuaes—aclaram, completam, corrigem, fixam, fortificam e individualizam as ideas.

Evidentemente o primeiro saber é experimental; o que é preciso é ficar fiel a este primeiro modo de aquisição. O homem só chega á verdadeira cultura, diz Kerschensteiner, por um trabalho pratico, claramente delimitado, adaptado ás faculdades de cada individuo. A escola deve visar antes de tudo formar cidadãos de intelligencia aberta e de caracter forte. No trabalho da escola se deve dar mais logar á actividade motora, empregar methodos mais dynamicos do que estaticos.

INSTRUIR-SE, CONSTRUINDO

Não ha quasi ramo em que o principio do trabalho não ache sua applicação.

NA ARITHMETICA: feitura e uso de tornos, de contador, do abaco, para os numeros e numeração; de moedas, nos calculos; de letras, nos descontos; construcção e uso do metro, do litro, do kilo e seus multiplos e submultiplos, da braça, da vara, do selamim, na metrologia; os graphics, nas fracções; emfim, todos os problemas suggeridos pela fabricação de objectos, pelo desenho, pela cartographia, pela cartonagem, pela modelagem, pelo sloyde, pela jardinagem, pela pecuaria, pelas experiencias.

NA GEOMETRIA: construcção de solidos geometricos em madeira, barro, cartão, arame e cera, para o aprendizado experimental dos theoremas, mediante o emprego de areia ou agua; construcção de cartões representando superficies, para a tachymetria; construcção e uso do compasso, do transferidor, da regua metrica, do esquadro; medida dos terreiros, dos canteiros, da altura de casas, emprego da trena, da bussola, do graphometro.

NA GEOGRAPHIA: representação dos accidentes do terreno nos taboleiros de areia ou terra; mappas communs

e mappas comparativos desenhados; mappas em relevo modelados em barro; mappas de madeira; construção de globos.

NA HISTORIA: representação plastica e graphica dos objectos característicos de uma epoca; feitura de mappas historicos, de roteiros; dramatisação de factos historicos, como o faziam, por meio de scenas, Anchieta em S. Paulo, por meio de procissões o catholicismo e a quasi pre-historica civilização rhamica.

NAS SCIENCIAS PHYSICAS: os alumnos constroem os instrumentos e fazem as experiencias.

NAS SCIENCIAS NATURAES: herborisação e a feitura de herbarios; a jardinagem, a horticultura, a arboricultura, a criação de abelhas, do bicho da seda, de pombos; a caça de borboletas, de besouros, de larvas, de gyrinos; a organização annual de museus; a dissecação de animaes.

Na **COMPOSIÇÃO, NA DECLAMAÇÃO:** os gestos, a mimica, o desenho e modelagem de objectos a descrever.

Nem todo ensino se pôde fazer pelo trabalho manual e força é sujeitarmo-nos ao principio da receptividade, á communicação directa pelo mestre e pelo livro. Ainda quando a actividade corporal se adapte a todo ensino, sua effi-cacia didactica é discontinua.

NO PAIZ DA ACÇÃO

Omer Buyse descreve as escolas americanas, onde tudo é producção ou imitação de actos:

Os alumnos fabricam seus cadernos, albums e lapiseiras; aproveitando-se o desejo que têm de usar brinquedos inventados por elles mesmos, dá-se-lhes completa liberdade com um programma de trabalho instructivo e attrahente.

Convidados a imaginar a cabana de um selvagem, desenham-na, edificam-na, mobiliam-na, decoram-na. Que de noções uteis passam pelo espirito e se fixam para sempre, mediante a acção, melhor que todas as lições, leituras e recitações do mundo.

Aprendem a vida civica construindo urnas, listas de votos, cartazes, programmas, estandartes; fazendo meetings, sendo candidatos, solicitando votos dos collegas e fazendo a eleição.

No curso medio se instruem acerca dos productos da industria e elles mesmos os produzem; e acerca das verdades scientificas, reproduzindo-as pela experimentação. Nós explicamos aos alumnos o que é um tecido: os pequenos americanos o aprendem tecendo; ainda mais: semeiam (a escola

tem um campo), cultivam, ceifam e fiam o linho antes de tecel-o.

Nós contamos a historia dos meios de iluminação e o progresso que vae da vella á electricidade; elles fabricam uma vella com cebo e algodão e a collocam num castiçal feito por seus dedos.

Que é assucar? Explicamos com maior ou menor interesse. No paiz da acção as creanças cultivam um pedaço de terra com beterraba e chegam a apresentar assucar. Assim não fazem falta nem livros nem lições para recitar.

Quer-se representar a habitação e a vida de um homem que vive só nos prados do oeste? Procura-se, junto com o professor, imagina-se, discute-se, sobre a fôrma, as dimensões, os materiaes; cada alumno faz o plano em seu caderno, e, approved, entrega-se á obra. Durante todo o trabalho surgem questões de historia (origens dos viventes e seus efeitos na vida social e economica) de geometria, de calculo, noções de geographia sobre o terreno, a orientação, a chuva, o sol, a vida das plantas. E estas noções assim adquiridas se assimilam admiravelmente.

O ensino das sciencias physicas e naturaes se dá nos laboratorios. Os alumnos controem aparelhos. A geometria, o calculo se aprendem no terreno, no jardim e na fabricação de objectos. Laisant mostrou que a iniciação mathematica pode ser ajudada por um interesse pratico. A cultura literaria requer tambem acção: é preciso falar para aprender uma lingua. O melhor modo de aprender a geographia é fazer sobre o terreno os accidentes topographicos: o geographo moderno é antes de tudo um viajante, um explorador.

Quanto á historia: os factos não são acções humanas? Não é a historia, quando bem ensinada, a representação, a resurreição? Imitam-se as acções em scenas e jogos em que os alumnos revivem os costumes dos personagens e a pratica das instituições.

A acção moral ensina a moralidade; a instrucção civica é uma aprendizagem. Tudo se resume no "self-government", que confia aos alumnos a disciplina da classe. As funções de vigilancia, de "contrôle", de administração, de justiça, de limpeza, estão confiadas a alumnos, eleitos. Essas eleições e a marcha desses serviços publicos ensinam a cada uma consciencia das responsabilidades, o bom uso da liberdade, o espirito social e civico.

Em geral a educação norte-americana está impregnada do espirito praticista. Em vez de recheiar a creança de informações sobre as cousas, a escola moderna lhe proporciona experiencia, fazendo-a fazer cousas. Antes faziamos

um sermão ao alumno sobre o cuidado de seus dentes; hoje o dentista vae á escola e faz o seu trabalho dentario. Uma moça adquire no departamento de sciencias domesticas a experiencia de uma dona de casa; o rapaz vae ao departamento de educação manual, constroe uma mesa, dando assim a medida de sua educação pratica. Em vez de decorar os principios abstractos da economia, as creanças adquirem o habito de pôr o dinheiro na caixa, o que é a verdadeira essencia da economia.

A medida da educação de um joven não é o numero de materias que estudou na escola ou a quantidade de conhecimentos technicos que tem sobre tal ou qual assumpto, senão o grau de habilidade e de experiencia que extraiu de seus estudos para fazer coisas uteis. Eis a definição moderna da educação americana: "Habilidade para fazer coisas uteis".

A Bulgaria, tambem, querendo impregnar os programas de uma cor mais pratica, e tendo em conta o desenvolvimento polylateral das creanças e a utilidade em prepara-as para a vida augmentou e melhorou os laboratorios e as officinas escolares e installou-as em toda parte onde não havia.

Ainda mais: d'ora avante, por ordem do ministerio da instrucção publica, cada escola bulgara é obrigada a introduzir em seus programmas uma "semana de trabalho" durante a qual as creanças deverão executar trabalhos manuaes e agricolas. Os principaes são: limpeza, lavagem e espanadura dos locaes escolares, varredura do pateo, nivelamento do jardim e das salas de gymnastica, reparação das installações diversas da escola, concerto de portas, janelas, etc., encadernação dos livros da classe e da bibliotheca, confecção do material de ensino, cultura de f'ores e legumes no jardim escolar, plantação de arvores em torno da escola e da bibliotheca, conserva das arvores, concerto das ruas que levam á escola, pesquisas archeologicas, etc.

Felizes creanças que não conhecem sempre o martyrio do banco e podem satisfazer as necessidades de actividade e de movimento que lhe são proprias!

"LICHT, LIEBE, LEBEN"

O fim das occupações manuaes, para Dewey, não se limita ao conhecimento de receitas praticas ou á aquisição de qualidades technicas que fazem as cosinheiras, costureiras ou marceneiros, mas visa a criação de centros activos para o desenvolvimento da pesquisa scientifica exercendo-se sobre os materiaes e os processos de fabricação e para esta-

belecer os pontos de partida de onde as creanças serão conduzidas a realizar o desenvolvimento historico do homem.

O ensino—para meninos e meninas de 12 annos—de costura, concerto e tecelagem, tem um fim educativo: as creanças seguem os progressos da humanidade na historia e estudam as materias primas utilizadas e os principios mecanicos: é um resumo do desenvolvimento da humanidade.

Exemplo: pomos nas mãos das creanças a materia bruta—linho, algodão não cardado, lã tal como se apresenta após a tosa da ovelha e, si possivel, no momento e no lugar da tosa. Ellas estudam estas materias brutas e no ponto de vista da adaptação aos usos que della se podem fazer; comparam a fibra de algodão e o filamento de lã; algumas descobrem que foi lento o desenvolvimento do tecido da fibra algodoeira, porque a fibra de algodão é muito difficil de, á mão, se separar da semente e porque os fios de lã são mais longos (30cm.) que as fibras de algodão (3mm.) e são rugosas o que as faz adherir uns aos outros, facilitando a fiação ao passo que as fibras de algodão são unidas.

As creanças passam depois ás etapas da fabricação do panno com as fibras e os fios; inventam de novo o primeiro instrumento para cardar a lã, feito de duas pranchas munidas de pregos; acham o processo elementar para fiar a lã, passando-a numa pedra com buracos. Passamos depois com as creanças á invenção que chega logo após na ordem historica. Fazemos seu estudo experimental; procuramos as circumstancias que a determinaram; notamos os efeitos numa industria em particular e nos modos geraes da vida social.

Resultados deste methodo: a) exposição de noções scientificas: observação anatomica das fibras, estudo das circumstancias geographicas e climatericas que acompanham a producção da materia bruta, dos principios de mecanica implicados nas machinas de transformação, resumo da historia dos povos, estudo da evolução que presidiu o uso industrial do linho, do algodão, da lã; b) cultura liberal, pela interpretação historica e scientifica que o mestre der; c) este exercicio é um caso de sciencia applicada e só isso devera dar um logar ás occupações manuaes na educação; d) o desenvolvimento do sentido social e da perspicacia da creança; e) uma disciplina liberal.

Os “Compagnons de l'Université Nouvelle”, sociedade pedagogica da França, sustentam que a Universidade actual, com seu desprezo pelo ensino technico, forma cerebros e não homens. Querem a escola primaria de typo agricola e de typo industrial, com meio dia de aula e outro meio dia de trabalho e de exercicios physicos, dando assim a instruc-

ção geral e profissional. Nessas escolas unicas, os alumnos de 13 annos que tivessem boas notas iriam para os lyceus e os outros receberiam obrigatoriamente ensino technico dos 14 aos 18 annos.

Reintegremos os alumnos na vida natural. Só em Washington, 45.000 creanças cultivam os jardins escolares, trabalhando, plantando, colhendo, organizando exposições de flores, plantas ornamentaes e outros productos cultivados por elles.

A escola deve ser luz, amor e vida —Licht, Liebe, Leben —palavras que o dr. Lietz leu no tumulo de Fichte e que fez a divisa da escola nova.

NULLA DIES SINE LINEA

A escola ingleza tem a ambição de preparar antes de tudo para a vida pratica. Na exposição pedagogica franco-britannica de Londres, em 1908, viam-se poucos cadernos, poucos livros, nada de estudos grammaticaes, de enumerações seccas, de materias a decorar, mas uma engenhosidade extrema de meios para fazer a creança observar por si mesma e entrar em contacto com o mundo vivo.

A creança toma nota, desenha ou reproduz factos que a interessam; assim, tem seu caderno de observações meteorologicas: na pagina á esquerda, na 1.^a columna, a data, na 2.^a o tempo que faz, na 3.^a factos observados nesse dia sobre o crescimento das plantas, a vida dos passaros, as experiencias feitas em classes; na pagina á direita um desenho referente ás observações da pagina esquerda; no fim do mez tira dahi diagrammas, schemas e curvas de nivel.

O desenho é o meio por excellencia para aprender a observar; o alumno inglez desenha tudo e a proposito de tudo, em todos os graus de ensino: na lingua materna—illustra as narrações, desenha os objectos de que se lhe fala: Robinson Crusoe, a morte de Arthur, o livro de Jungle; na historia—desenho livre: Xerxes sobre o Hellesponto, Annibal e seus elephantes, Ricardo Coração de Leão sobre os muros de S. João d'Acre, armaduras, arnezes, construcções, machinas de guerra, templos, cidades etc.; nas linguas vivas—desenho para o espirito do alumno associar directamente a palavra estrangeira ao objecto sem passar pelo vernaculo: desenho das varias partes do vestuario, dos objectos, do mobiliario; na geographia, na gymnastica, nos jogos; nas sciencias naturaes—observa o animal que cresce, desenha-o, pesa-o, mede-o diariamente, nota o que elle come, quaes as condições ambientes que lhe convem; quanto ás plantas, de um desenho a outro, vê-se crescer o broto, germinar e desa-

brochar a flor; nas lições de cousas—desenho e reproducção de machinas, illustração de textos que tratam da fabricacão de velas, sabão, assucar, colheita do arroz, do café, do chá, etc.

O REGIMEN FAMILIAR DE OUTR'ORA

Outr'ora tudo se fazia em casa: tecia-se a roupa; mata-vam-se os animaes, fazia-se a mecha, moldava-se a vela; plantava-se o café, colhia-se, torrava-se, moia-se; fazia-se a farinha e os proprios moveis. O resto era feito nas visinhanças, facil de inspeccionar: a moenda, o monjolo, a serraria hydraulica, a ferraria, as officinas e essas forças educativas estavam em constante actividade.

Cada membro da familia fazia uma parte do trabalho. A creança, á medida que crescia em vigor e habilidade, se iniciava nos segredos dos processos industriaes; adquiria solidos habitos de ordem e engnhosidade, o sentido da responsabilidade, a consciencia clara da obrigação de fazer obra util, de produzir alguma cousa; era um perpetuo treino da observação, da imaginação constructora, do raciocinio logico, graças ao contacto com as realidade da existencia.

Hoje a centralisação industrial e a divisão do trabalho supprimiram a industria familiar e communitaria, ou pelo menos, o que lhe dava um valor educativo.

Nenhuma lição de coisas, tomada como tal, e só tendo por fim ensinar uma noção, póde substituir, mesmo imperfeitamente, conhecimento que possuiam das plantas da horta e dos animaes do sitio, as creanças que viviam em perpetuo contacto com estes seres e tratavam delles. Nenhuma educação dos sentidos na escola pode se comparar com a intensidade da vida real que comportam as occupaões quotidianas da vida de familia. A memoria berbal pode ser aperdianas da vida de familia. A memoria verbal pode ser aperfeiçoada pelas lições, certa disciplina de raciocinio por meio de sciencias, mas estes resultados são poucos perto do impulso dado á attenção e ao juizo, exercitados com um motivo REAL, como ponto de partida, e um resultado REAL, como fim a attingir,

O problema da escola actual é portanto: 1.º) reter as vantagens da vida moderna—acrescimo do espirito de tolerancia e do sentido social, conhecimento mais profundo da natureza humana, maior clarividencia no discernir caracteres e interpretar situaões sociaes, maior aptidão para se harmonizar com os differentes meios, contacto com actividades mais intensas; 2.º) introduzir um elemento que substitúa o lado social desaparecido—occupaões que dão

responsabilidades pessoas precisas e de modo a armar a creança para as realidades praticas da existencia.

Isto se resolve pelas occupações manuaes: trabalhos de officina—marcenaria, forja, tecido, trabalhos de interior, costura, educação domestica. Esse achado se deve a um certo instincto social, á verificação da importancia vital do trabalho manual para a creança, a quem confere uma serie de vantagens que só elle dá.

De feito, o trabalho manual exige attenção, engenhosidade, decisão, habilidade manipulatória, esforço; põe em contacto com a realidade; varia os modos de nossa attenção; ensina a agir; alguns formam o gosto e despertam o sentimento do bello: são eminentemente educativos.

A CONCEPÇÃO MEDIEVAL DA SCIENCIA

Critica-se a introduccão dos trabalhos manuaes, das artes e das sciencias applicadas nas escolas primarias e secundarias, sob o pretexto de que são technicos, tendem a formar especialistas e se desviam dos principios de cultura liberal e desinteressada.

Ora, nosso systema de educação, dominado pela concepção medieval da sciencia, é que é especializado, appellando o mais das vezes para o elemento intellectual, para nossa curiosidade de saber, de accumular informações, de possuir os symbolos theoreticos da verdade, e desprezando nossas impulsões e nossas tendencias á acção, á creação, á produção no dominio utilitario e artistico. Restringe-se a educação, ao desenvolvimento intellectual e ao saber só como saber.

Porém não ha nenhum motivo social que justifique a simples aquisição do saber. E' um trabalho de tal modo individualista, que tende naturalmente a transformar-se em egoismo, ao passo que o trabalho manual produz a cooperação e a associação. Sejam hospitaleiros para os elementos de actividade que agradam aos individuos trabalhadores e empreendedores, afim de que a influencia da escola se lhes torne mais vital, mais prolongada, mais verdadeiramente educativa.

Sob um angulo restricto, vê-se que o manualismo põe em actividade as faculdades do alumno, ao envez de deixal-o passivo e receptivo; torna-o capaz de ser util, disposto ao trabalho caseiro, prepara-o numa certa medida aos deveres praticos que assumirá mais tarde: a moça, a governar a casa, senão a cosinhar e a cuidar da roupa e o moço a fazer bôa figura numa carreira.

Sob a luz de sua verdadeira significação social, os trabalhos de marcenaria, de forja, de tecidos, de costura, de instrucção domestica, não devem ser considerados como estudos distinctos, mas COMO METHODOS DE VIDA; como processos auxiliando a sociedade a continuar sua marcha; como meios para introduzir perto da creança, no seu lar mesmo, algumas das necessidades primordiaes da vida em communitate; como soluções novas trazidas á satisfacção de suas necessidades, pela intuição e engenhosidade crescentes do homem; como factores permittindo á escola revestir uma forma authentica da vida communitaria activa em vez de ser um recanto isolado do meio social, onde se limita a ensinar lições.

O MAXIMO ESFORÇO PARA A PATRIA MAXIMA

A "escola do trabalho" teve preludios sociologicos, que são: as exigencias de nossa civilização economica, as tendencias do socialismo victorioso.

As industrias, o commercio, a necessidade do prazer que-rem resultados immediatos e levam-nos cada vez mais a um phrenesi da acção. A vida moderna tem necessidade de realismo, de factos, de acção directa; é preciso produzir prompto, manejar rapidamente os assumptos, converter os salarios e os ganhos em satisfacções immediatas e recommear.

O socialismo tem duas tendencias: a evolução e a revolução. Para evitarmos a violencia desta, é mister fazermos a escola-officina: a atmospheria social, a communitate de trabalho, estreitam a solidariedade; a paz social se prepara nos bancos escolares; a lima e a enxó farão a nivelacção das classes, a reconciliação entre o capital e o trabalho, pois os filhos dos ricos, em occupações rudes, as respeitarão, e olharão com sympathia e interesse os operarios de qualquer profissão.

Entre nós, a escola do trabalho deve ser uma verdadeira campanha nacionalista: a terra, e portanto a riqueza, está caindo em poder de extranhos, emquanto as nossas escolas oratorias, o nosso academismo devaneador, a nossa verbosidade farfalhante, vae augmentando os "almofadinhas" intellectuaes e as "melindrosas" vadias.

Todos os factores concorrentes na formação do character da maioria da nossa população—as raças portugueza, india e negra, e o clima quente e humido—se ajuntaram para predispor á aversão pelo trabalho physico e pelas cousas concretas, de onde lhe resultou a incapacidade para todo esforço duradouro e coordenado. Entre os nobres e plebeus

portuguezes era geral a negação pelos trabalhos manuaes, que eram relegados aos pretos, nossos escravos.

Por isso hoje somos economicamente escravos do estrangeiro. Ha lares em que todos padecem fome—por vergonha de cosinhar, engommar ou costurar! Quando a exportação de Cuba é, para cada habitante, de 2:920\$000, da Argentina de 920\$000, do velho e cansado Portugal 160\$000, a do Brasil é apenas 55\$000!

No emtanto possuímos a maior reserva de ferro do globo: só no cordão de serras de Ouro Preto a Diamantina, no centro do planalto de Minas, existem, segundo Gorceix, cincoenta bilhões de toneladas de minerio de ferro, suficientes para abastecer o mundo durante varios seculos de intensa vida industrial.

Emquanto não semearmos no espirito dos alumnos, durante sua infancia ou adolescencia, diz Dewey, os germens do instincto de construcção e de producção, dando-lhes um ensino com tendencias sociaes, enriquecido de interpretações historicas, não descobriremos a fonte dos nossos males economicos e muito menos o seu remedio.

Gozar era a honra e a belleza da vida; produzir, realizar uma obra—é hoje a concepção viril da existencia. E' preciso dar ao povo a grande disciplina que lhe convem— a da acção. O maximo esforço para a Patria maxima!

VIVERE ET VELLE

Durante muito tempo, sobretudo entre os povos descendentes de gregos e latinos, se considerou a vida especulativa, como a vida nobre, como a vida humana por excellencia: Aristoteles ensina que a mais elevada virtude consiste no pensamento contemp'ativo; no fim do V.º seculo, antes de Christo, Socrates deplorava já o preconceito dos gregos que desprezavam o trabalho manual, julgando-o indigno de homens de condição livre, principalmente quando servia para ganhar a vida; Poincaré não quer que se faça a sciencia para construir machinas, mas que se construam machinas para cada vez mais dar commodidade de fazer a sciencia.

Mas afinal o homem se cançou da contemplação pura; da analyse praticada simplesmente para analysar, que se applicava a tudo e que tudo dissolvia, até a vontade de viver; cançou-se do intellectualismo radical, do diletantismo, em que a intelligencia se atraza e se distrae ante o espectáculo das cousas, sem querer entrar na acção; cançou-se do diletantismo de um Renan, que nos convida a desligar-nos de tudo e a ver tudo do alto de Sirius, e do de Anatole

France, que nos retem na duvida e que nos convida á dita de duvidar ainda da duvida—dita deliciosa e superior (dizem elles) mas funesta como a morphina do espirito, accrescenta Chabot, maximé á juventude do paiz que irá á degenerancia. O homem sentiu a nostalgia da acção e surgiu o pragmatismo de James, Shiller e Dewey, que collocam a acção acima do saber.

De accordo com o espirito novo, o homem é naturalmente activo. “Quem se limita a pensar, a meditar, a especular, não é mais que uma metade do ser humano.

Diz Ribot: Não basta “comprender” para ser apto para as grandes empresas. A attracção pelas doutrinas moraes ou philosophicas, que preparam para a vida intensa; a disposição de buscar a pedra de toque da verdade de tal ou qual doutrina na força que ella communica pela acção fecunda; tudo isto parece annunciar um tempo em que se gostará mais de agir que de dissertar.

A “escola do trabalho” é resultante de preocupações philosophicas contemporaneas: o pragmatismo, o voluntarismo, o individualismo, reacções felizes, contra o exclusivismo intellectualista; a psychologia experimental, que revelou as relações entre os processos psychicos e physicos e a importancia da vida muscular na vida mental; o voluntarismo, systema psychologico de Wundt, que faz da vontade o centro da vida psychica, devendo a educação agir antes de tudo sobre a vontade.

Não só “vivere et cogitare” mas “vivere et velle”.

HOMO FABER

O ensino pela acção é o que está de accordo com a psychologia do homem e da creança, como o mostrou Bergson.

A intelligencia do homem encontra na acção pratica sua funcção natural. Incapaz de comprehender a vida, e, nisto, inferior ao instincto, ella é maravilhosamente apta para a producção utilitaria e para a invenção mecanica, para a utilização dos instrumentos inorganizados. Já o dissera Carlyle: “Man is a tool using animal”, o homem é um animal que usa ferramentas.

Nós pensamos PARA FAZER, nascemos artesãos e geometras: homo faber. O mecanismo de nossa faculdade de conhecer foi construido sobre o plano da acção. A consciencia não é mais que um meio de escolher a adaptação mais util. E dahi; percepção, attenção, memoria, associação, imaginação, juizo e raciocinio, não são, no fundo, mas que processos motores que interpretam as concepções ideaes.

Segundo Broudhom a ideia nasce da acção e a ella volta: o movimento é a causa inicial e final de toda excitação dos sentidos e de todo trabalho cerebral mesmo. "O homem verdadeiro e profundo é o homem activo".

A creança, pequeno selvagem, se manifesta muito mais um organismo productora. O jogo—demonstrou-o Claparède em sua theoria funcional da educação, que organiza scientificamente as ideias de Rousseau—o jogo é para a creança a verdadeira e sufficiente aprendizagem da vida: é uma producção de movimentos ou de objectos, uma criação que se converte naturalmente com a idade em criação industrial.

Emfim é a acção que modera e equilibra as necessidades da creança; nada lhe é mais fastidioso do que não fazer nada. Querendo fazer "jovens doutores", diz Rousseau, vamos contra a natureza e só fazemos "velhas creanças".

A natureza tende desde a infancia á conquista do mundo e de si mesma pela acção. A conducta e a acção constituem as tres quartas partes da vida. O homem é a somma de seus movimentos.

Por um longo habito, só nos servimos, na educação intellectual, dos livros e do estudo das linguas. Mas, durante as longas epocas da evolução que fez do animal um homem, o cerebro não se desenvolveu pela leitura e sim pela acção; usos da mão, foi esta que ensinou seus usos ao cerebro. "O homem pensa porque tem uma mão". E é assim que deve ser na evolução seguida pela creança para se tornar um homem.

Bem hajam os positivistas, que obrigam os seus adeptos a aprenderem um officio, e, o que é mais, a "viverem do seu officio". Assim, vemos homens como Teixeira Mendes, robusta cerebração, formado em engenharia, medicina e direito, viver modestamente do officio de ourives, e gratuitamente, como é de sua seita, dar aulas e manter o culto religioso. A cultura judaica, tambem, desejava que todo homem, dado ao trabalho do espirito, aprendesse um officio.

Não ha no trabalho manual um perigo para a cultura do espirito. Todos os pioneiros da sciencia, de Dedalo a Archimedes, de Galileu a Newton, foram habéis artifices; em todos foi a habilidade manual que fez o desenvolvimento do espirito. To'stoi impellia a charrua e Spinoza cortava vidros de optica; em Harrow, Inglaterra, o professor de rhetorica era ao mesmo tempo marceneiro e mecanico, tão habil, que foi encarregado de installar inteiramente a electricidade no estabelecimento.

Em nossa época a habilidade manual é cada vez mais necessaria. E' mais vergonhoso para uma moça não saber fazer a sopa, do que não saber ler.

No continente americano não ha causa para guerra. O problema americano, que se resumia nesta phrase "governar é povoar" agora é: "cada povo bastar-se a si mesmo, dentro de cada fronteira, produzir e manufacturar o necessario para si, trabalhar mais, dentro do paiz, para conquistar a independencia economica". Já o disse Cincinato Braga: um paiz civilisado não é senão um grande laboratório: a mecanica e a chimica são os olhos da civilisação de um povo.

A grandeza da civilisação repousa sobre a capacidade industrial e technica. Na época das industrias, vence o povo educado na luta pacifica, que é a mais encarniçada, o povo que aprende na atmospheria creadora das officinas e dos laboratorios o segredo triumphador da idade moderna.

As occasiões de trabalho, as oportunidades de fundar uma obra, se multiplicam em torno de nós: mas nós ahi não estamos. Um esforço cada vez maior é necessario ao homem e só um pequeno numero se mostra capaz desse esforço.

Diz Carneiro Leão: Educar para a sociedade actual, agitada e vertiginosa, pelos mesmos processos com que se faziam homens contemp'ativos e homens de claustro, é produzir creaturas absurdas e em eterna e ingloria desavença com a realidade. E' crear falhos na vida.

O que todos pedem á escola é formar productores. E' preciso fazer conhecer o mundo real, o mundo da materia onde o homem é estrangeiro si não o estuda com amor, diz Kergomard. A escola de amanhã cuidará das realidades immediatas e actuaes, da planta e da cultura da industria e de seus materiaes; ensinará a manejar a materia com respeito, com economia, com arte.

UNIDADE PSYCHO-SOMATICA

O trabalho muscular e a actividade cerebral, que o determinam, estão intimamente ligados sob o ponto de vista anatomico, physiologico e psychico.

Uma consideravel porção da parte cinzenta do cerebro reside aos movimentos musculares; e estes movimentos são causa da organisação, desenvolvimento e aperfeição do cerebro na sede dos centros motores, por meio de uma acção reflexa. Os centros e tecidos activos nutrem-se, crescem e vivem mais intensamente; os inactivos atrophiam-se e morrem.

Assim, nos individuos de membros amputados, as cellulas dos centros motores cerebraes se acham atrophiadas; na região medullo-cerebral, que preside os complexos movimentos dos braços e das mãos ha 48.000 fibras, em quanto ha 30.000 apenas na que preside os movimentos das pernas, mais simples.

Psychologicamente, os movimentos musculares e o pensamento têm intima ligação. O exame do cerebro de Gambeta revelou nos centros psycho-motores grande desenvolvimento no centro da palavra e pequeno quanto ao cerebro de Bertillon. Inversamente as excitações psychicas têm influencia dynamogenica, pois os ruidos, os perfumes, etc., determinam variações notaveis na curva do cansaço, obtida com o orgographo de Angelo Mosso.

Logo, o exercicio physico é UMA FUNÇÃO PSYCHICA e um FACTOR PSYCHICO. O character, a vontade, capacidade de assimilação, etc., são funcções physiologicas e psychologicas, dependentes do trabalho physico.

Nada favorece o espirito como uma cultura racional do corpo e nada favorece a cultura do corpo como a do espirito. não separemos jámais o homem moral do homem physico.

A ATENÇÃO

Alleguemos uma grande razão psychologica dos trabalhos manuaes: a atenção.

A atenção se divide em voluntaria e involuntaria; esta póde ser espontanea e derivada. A atenção voluntaria não existe na creança: é producto do esforço, do trabalho, da civilisação. A creança tem apenas a involuntaria: "a atenção da creança é uma perpetua distracção"; a creança pertence menos a si que ao primeiro objecto que a captiva.

Não ha aprendizagem sem atenção; não ha atenção sem interesse. E a "escola do trabalho" attende ao interesse, ás disposições especiaes, ao grau de desenvolvimento da creança.

Faz-se intervir directamente seu instincto principal—á tendencia, á actividade, á motricidade, que, satisfeita, dá o prazer; o prazer fixa a atenção sobre o trabalho. A creança contrae pouco a pouco habitos de atenção continuada—é de algum modo a educação da atenção voluntaria: o que era ver, tocar—é olhar, palpar, isto é, ver com atenção, tocar com atenção; opera-se uma fusão entre os aspectos intellectuaes e motor de um assumpto de estudo.

Resultados inesperados surgiram com o manualismo applicado aos anormaes, alargando o horizonte da pedagogia.

As creanças anormaes teem, engrandecidos, todos os defeitos das normaes. Como não aproveitassem o ensino intellectual, applicaram-lhes processos mentaes, mais elementares, dirigindo-se aos sentidos por meio de trabalhos manuaes, desde o simples manejo de objectos ao seu reconhecimento ou á sua reproducção pelo desenho ou pela modelagem.

Esta educação, além de util, se mostrou indispensavel; depois se viu que em alguns alumnos, enquanto por estes exercicios a intelligencia se desenvolvia de um modo imprevisto, a attenção tinha surgido e com ella a sequencia das ideias na observação e no raciocinio.

De feito, mais forte do que a attenção receptiva é a attenção investigativa; e mais forte do que esta, é a attenção constructiva, que, além disso, é mais facil de se instalar.

A attenção é factor capital da vida do espirito e não ha phenomeno psychico que não implique a attenção. Pois o trabalho manual cultiva todos os seis graus da attenção.

O interesse, desperta-o a simples apresentação de um objecto de predilecção da creança; o interesse augmenta com a ideia da execução do trabalho.

A reflexão está preparada pelo interesse e pelo desejo da execução. O objecto é estudado em conjuncto, depois em suas partes; vem a ideia de começo e fim do trabalho, dos meios de o realisar; surge a necessidade da escolha de instrumentos, da materia bruta, da côr e resistencia, do peso e proporções; vem o estudo da posição do modelo, afim de que todas as suas partes possam ser observadas e executadas.

A applicação—é consequencia do plano estabelecido, do material e apparelho seleccionados, do desejo de realisar o que se viu e observou.

A contenção—provém do esforço na execução do plano que a mente delineou; a actividade se concentra e a creança, empolgada pelo fim a attingir, com o que se alheia aos objectos circumjacentes.

A contemplação é exercida do começo ao fim do trabalho.

A INTELLIGENCIA

Estudemos esta razão psychologica dos trabalhos manuaes—a intelligencia.

A percepção é, de todos os phenomenos intellectuaes (lembranças, reflexões, etc.) o que mais attrae nossa attenção e se conserva melhor na memoria.

No ensino puramente intellectual, o alumno concentra a energia sobre processos de receptividade estrictamente "ideaes", sobre esforços de comprehensão, de associação, de retenção; e no trabalho manual é sobre percepções "visuaes", sensações de movimentos. Aqui, o esforço para resistir ás tentações é menor, portanto os habitos de actividade voluntaria se contraem mais facilmente e mais seguidamente, porque a attitude activa mais seguidamente se sustenta: e a percepção é mais vívida e duradoura.

James diz: O trabalho de laboratorios e de officina engendra habitos de observação, mostra, claramente a differença entre uma ideia exacta e uma ideia vaga, dá certa intuição da complexidade da natureza e demonstra como uma ideia abstracta é impotente para substituir uma concreta.

Quanto á memoria: Ao lado da memoria visual, auditiva, deve-se pôr a motora, para fixar mais a lição. Binet e Henri provaram que a lembrança de uma impressão complexa será melhor, quanto maior numero de memorias parciaes forem postas em acção por esta impressão, isto é, retém-se melhor um facto que interessa simultaneamente varios orgams sensoriaes. James vai mais longe: Nada de impressões no alumno, sem reacção de sua parte; na realidade a creança não fixa o que recebe si não o produz ella mesma, si não projecta objectivamente o que se lhe ensinou.

No concernente ao raciocinio, diz Le Bon: Não creiamos na omnipotencia educativa dos livros: o trabalho manual exercita mais o raciocinio do que a recitação de todos os tratados de logica e é só por meio das experiencias que se crêam as associações pelas quaes as noções se fixam no espirito. Não ha necessidade de raciocinar absolutamente para aprender-se uma lição e nem de muito para fabricar um curso composto de reminiscencias e é preciso raciocinar com justeza e ter adquirido o habito da precisão para fazer correctamente uma experiencia: Um homem que conhece bem um officio, tem por este facto, mais juizo, logica e aptidão para reflectir, do que o mais perfeito rhetorico da Universidade.

A acção, já se disse, é um raciocinio concreto que grava a ideia no espirito e na mão.

Respeito á intelligencia em geral, Binet fez lindas pesquisas, mostrando que "o desenvolvimento da motilidade concorre para o desenvolvimento da intelligencia".

A ATTITUDE REAL DA CONFIANÇA EM SI MESMO

Examinemos outra razão psychologica dos trabalhos manuaes: a vontade.

O educando é uma vontade. A educação é a preparação desta vontade ao melhor destino julgado pelos paes; ou, segundo a fórmula de George Sand: uma exaltação da vontade num meio de realidade.

A vontade é a resultante de dois elementos: um, affectivo (appetite, instincto, sentimento, emoção, etc.), que fornece a energia á acção; e outro, intellectual (ideia, juizo, relexão), que dá a direcção. Exemplo: quando entro numa joalheira, o "instincto" da vaidade me impelle a comprar uma joia; o impulso tomará uma direcção: si a "ideia" de economia me domina, não a compro; compro-a si me domina a "ideia" de prodigalidade.

A educação da vontade é então indirecta: submettemos ao regimen do habito os constituintes mais activos do processo volitivo—os SENTIMENTOS motores e os PENSAMENTOS directores, pela actividade manual.

Quanto a um motor affectivo: a necessidade de movimento e de acção—uma das mais preciosas tendencias para a educação e para a vida—é encorajada, e sua volta é preparada pela repetição; augmenta-se assim a energia dessa mola da actividade voluntaria.

A creança aprende a dizer: "Eu posso". Fica com coragem para emprehender e constancia para realisar. A pratica de conseguir, apezar dos obices, fortifica a vontade. A ideia de que um obstaculo é superavel crêa a confiança, deixa ganjento para a victoria, é uma das maiores molas do processo volitivo.

Diz Stanley Hall que os musculos são de algum modo os órgãos da vontade; e, na "Adolescencia", aclara: a educação dos movimentos é necessaria á juventude e começa-se a reconhecer que toda educação que não deixa uma parte ao movimento é incompleta. Pode-se dizer que a agilidade, a resistencia e a perseverança são virtudes musculares, e que a fadiga, a velleidade, o capricho, o tedio, a agitação, a falta de dominio de si e de equilibrio são faltas musculares.

O lemma dos educadores vae ser doravante elaborar homens, vigorosos e energicos; lançar na sociedade germens fecundos de vida, que a renovarão; fazer o educando emprehender e conquistar este mundo, theatro illimitado de acção para a vontade creadora.

Sendo o dominio de si mesmo o maior poder que ha sobre a terra, como dizia Socrates, a ambição da escola é "formar creaturas victoriosas e bellas, que se façam trium-

phalmente para a vida"; é ensinar ao alumno a arte de agir e o mistér de homem, a coragem de olhar de frente as difficuldades da vida nova, o gosto do esforço e da responsabilidade, a attitude real da confiança em si mesmo!

EDUCAR E' PREPARAR PARA O TRABALHO

Agora, razões pedagogicas.

Hegel foi o promotor da cultura puramente intellectual e geral que até estes ultimos annos caracterizou a pedagogia, dando em resultado o abafamento da personalidade por uma disciplina inflexivel, o nivelamento das intelligencias por um ensino demasiado geral e exclusivamente livresco destinado a dissipar-se antes de servir. Collocava systematicamente o desenvolvimento da memoria e da intelligencia acima do da acção: era a direcção do pensamento, deixando de lado os instinctos e os gostos da creança.

Patenteou-se a mediocridade dos resultados do ensino verbal. Mandemos um bacharel servir-se de uma trena; a elle, cheio de trigonometria, a elle, que estudou a balança de Roberval, a bascula, pesar um sacco de batatas; fazer a planta de sua casa, redigir um relatorio para uma companhia de seguros; dizer quantas petalas ha numa flor, como se planta um geranio ou uma roseira, como se enxerta uma fructeira; mostrar os brotos de fructos ou de folhas num pegueiro; cheio da theoria das correntes electricas, ir ao telegrapho expedir uma mensagem; dizer onde está o cartorio tal e tal no de seu bairro. Nada disso é com elle: o seu ensino foi muito formal, inteiramente theorico, muito desligado da vida, muito escolar e escolastico.

A reacção agora é viva: a philosophia pragmatica diz que o ensino só é integral quando forma a capacidade de converter em factos ou cousas, nossos pensamentos ou creações. Só se sabe verdadeiramente o que se sabe fazer ou pôr em pratica. Este saber activo parece pobre porque não sabe se enunciar, é incosciente; mas só elle é real e vivo, só elle deve sr cobiçado: o ensino transmite apenas o saber informativo, o saber morto. A influencia educativa do trabalho cria iniciativas e desenvolve aptidões.

A educação tem como unico fim a acção. Ora, no ensino, si se tem o principio da acção "por fim", deve-se utilisal-o como "meio"; a educação "para" a acção deve se fazer "pela" acção. Afastando-se a creança da acção durante o tempo de escola, ella fica debil, entorpecida, incapaz de abrir caminho e de bastar-se.

Na primeira infancia, na escola maternal ou froebeliana, ou em casa, deve-se exigir a acção; pela educação dos

sentidos se faz a cultura do espirito e os **sen**tidos se cultivam mediante a acção. No curso primario e **secundario**: o aprendido pelo aspecto, pelas lições de cousas, **é** melhor que pela phrase, mas ainda é melhor pela acção: **fazer VER**, é bom: fazer **MANEJAR**, é melhor. Quantos aos **atrazados** e anormaes, a actividade deve ser exclusiva: **é**-lhes impossivel guardar ideias nos cerebros desherdados.

O pragmatismo pedagogico não **anulla** o intellectualismo: desperta-lhe a preeminencia. O **trabalho** e a cultura devem desenvolver-se simultaneamente **desde** a iniciação escolar. Convem associar a **theoria** e a **pratica**, combinando o racional com o manual, o profissional **com** o esthetico, o abstracto com o plastico, o estatico com o funcional: já-mais separar o pensamento da acção.

Já se disse que ensinar a ler e **escrever** é dar a faca e o garfo, mas não é dar o alimento.

Sendo o trabalho o primeiro dever **social**, deve a escola preparar o homem para cumpril-o; o **aperfeiçoamento** da capacidade technica converterá todo o officio em arte e todo trabalhador aspirará ser um artista em sua profissão.

A principio se educará para o trabalho não especializado, estimulando a agudeza de engenho e a habilidade manual; antes de aprender uma arte é necessario adquirir o habito do esforço que depois se applicará ao desenvolvimeto da vocação.

E' preciso inculcar profundamente o sentimento da beleza e da dignidade do trabalho até se formar o amor e o gosto de seu exercicio.

Nunca como hoje, diz Pires do Rio, se verificou de um modo tão effectivo, que o homem nasceu para trabalhar. Uma nação moderna é cada vez mais uma sociedade de trabalhadores de todas as fórmias e gradações, de tal arte que **GOVERNAR E' DIRIGIR TRABALHO E GOVERNA MELHOR QUEM MELHOR ENSINA A TRABALHAR.**

Bem proclama Ingenieros:

"Educar é desenvolver a capacidade para trabalhar; o direito á vida presuppõe o dever do trabalho".

SER O PRIMEIRO TRABALHADOR E' SER O PRIMEIRO DOS HOMENS

As razões moraes! A obra bem dita do trabalho... A ideia não produz a acção, como diz Spencer: Quantos bravos e heroes da virtude ignoram a analyse moral e a classificacão dos deveres. O character é simplesmente um conjuncto de habitos musculares.

Com o trabalho manual o alumno adquire a ordem, o cuidado, o methodo, a clareza, o sentimento da responsabi-

lidade, a solidariedade, a sympathy pelos trabalhadores; pratica este ideal do aprendizado activo: "o maior serviço que pode prestar um sêr a outro sêr é ajudal-o a que se ajude a si mesmo."

Com o trabalho manual se applica com rigor e sem inconveniente a disciplina das consequencias ou das reacções naturaes, de Spencer.

Uma concepção estreita e estereotypada da disciplina tridicional impede de ver que a disciplina é mais profunda e infinitamente mais larga quando resulta da participação de um trabalho constructivo, da cooperação para um resultado, cuja significação social não suprime o alcance material e tangivel e permite impôr uma responsabilidade a cada individuo afim de se ter sobre elle um juizo positivo e preciso.

E a escola actual se tornou um organismo de tal modo á parte, tão isolado das condições ordinarias de existencia, que o meio onde as creanças vão adquirir disciplina é precisamente o logar do mundo onde é mais difficil adquirir esta especie de experiencia, que é o principio de toda disciplina digna deste nome.

Os subterfugios, o acaso, as circumstancias favoraveis, quantonto agem na educação intellectual, nas perguntas e nos exames, não influem no trabalho manual: este não se "colla", é o que é, o alumno o vê, na implacavel sinceridade da propria obra.

Entre os maiores resultados moraes do trabalho manual, ha o cultivo da honestidade pessoal pelo habito de lidar com cousas e não com symbolos, de distinguir o certo do errado, de substituir o julgamento pessoal e directo, expresso em liguagem simples, ao criterio alheio. Desde cedo as creanças veem que as cousas não cedem aos desejos nem á prece, mas sómente ao trabalho: o trabalho é prece.

A virtude, como a intelligencia, é condicionada numa certa medida pela nossa physiologia: quanto mais o corpo é fraco, mais manda; quanto mais forte, mais obedece; a psyché prefere o corpo forte, pois para estudar, para descobrir, para produzir, para fazer o bem, é preciso força. Os trabalhos robustecem a vontade e são verdadeiros exercicios de resistencia moral. Bem disse Confucio: Deus poz o trabalho por sentinella á virtude.

Ruskin, o apostolo da religião da belleza, via no trabalho manual praticada por todos, o meio mais seguro de evitar que a sociedade fosse cada vez mais se dividindo em intellectuaes morbidos e em trabalhadores miseraveis.

Com os trabalhos manuaes juntos aos intellectuaes, fica esboçada a escola vocacional, preparando-se ahi o alumno

para a escolha de uma profissão e não forçando essa escolha prematuramente.

Toda renovação economica, diz Ingenieros, implica uma nova moral. A liberdade, a dignidade, a personalidade, no individuo como nas collectividades, sómente são possiveis nos homens e grupos que sabem BASTAR-SE A SI MESMOS POR SEU TRABALHO.

Nem os esportes, nem mesmo a cultura physica podem ser comparados aos trabalhos manuaes. Por isso exhorta o dr. C. Pagés: Procurae antes de tudo ser mais aptos do que tanto agem na educação intellectual, nas perguntas e tiverdes de chegar ás situações mais elevadas.

Eis o evangelho moderno, na bocca de ouro de Ruy Barbosa:

“SER O PRIMEIRO TRABALHADOR E’ SER O PRIMEIRO DOS HOMENS”.

José Ribeiro Escobar.

Lente da Escola Normal da Capital.

METODOLOGIA

O ENSINO DA GEOGRAPHIA NO BRASIL

Entre todas as disciplinas systematisadas e professadas com enthusiasmo e carinho em nossas escolas, a Geographia occupa ainda uma posição humilde e inferior. E' incontestavelmente a mais negligenciada. Ninguem lhe dá valor, ninguem a estuda profundamente. Tanto alumnos como professores tratam-n'a com o maior desprezo e por isso bem poucos são aquelles que sahem das escolas levando alguns conhecimentos ainda que mesquinhos e imperfeitos desta materia, tão importante quão fundamental, como um dos alicerces, sobre o qual se deve erguer o monumento de uma cultura solida.

Qual será a causa de semelhante mal?

Vejamos a primeira.

Riquissima é a nossa literatura escolar, vastissimos são os seus recursos. Raramente precisamos hoje, em dia, recorrer aos auctores estrangeiros.

Possuimos em nossa lingua, graças á collaboração de grandes mestres brasileiros, obras de real merecimento quanto á essencia, quanto á força expositiva e de grande valor didactico; boas grammaticas, excellentes historias, copiosa série referente á mathematica elementar e superior e outros muitos livros nacionaes que em nada são inferiores aos melhores compendios de outras procedencias; entretanto, até agora, não se publicou uma Geographia completa siquer, que corresponda ás nossas necessidades e que esteja na altura do nosso progresso intellectual. Até aqui perdura ainda o typo colonial. Tem-se acompanhado a evolução da physica, da chimica, da linguistica, mas a moderna orientação de Humboldt, Karl Ritter, Lapparent e outros, é ainda quasi desconhecida em nosso meio; foi só no anno passado que appareceu o primeiro atlas moderno de Geographia, traduzido em nossa lingua, graças á empresa italiana Agostini.

Vasados nos mesmos moldes arcaicos que, ha meio seculo foram banidos das universidades europeas, repetindo sempre as mesmas sedições velharias, pecam todos elles pelas mesmas lacunas e defeitos, e constituem esses compendios o maior entrave e pesadelo no curso de humanidades, suffocando todo o sentimento de sympathia para com as questões geographicas.

Não é gratuita a nossa afirmação.

Em synthese, que encerram esses volumosos livros?

Não passam de um agglomerado de listas interminaveis de nomes, de tabellas, ás vezes phantasticas, e de registro

de curiosidades tolas e inúteis que escapam completamente ao fim da Geographia.

Vem a propósito lembrar que uma vez um collega mostrou-me uma Geographia em portuguez, tão minuciosa em detalhes que descrevendo certa cidade da India, mencionou haver alli, entre outras cousas importantes, um hospital para insectos.

Esta é, a meu ver, a primeira causa do grande mal que nos assoberba no ensino desta disciplina.

A segunda, não menos prejudicial, consiste nos methodos didacticos inteiramente falhos e precarios nos cursos escolares.

Vejamos.

Um grande erro, quasi um crime ainda é muito comum entregar-se um compendio indigesto nas mãos de um incipiente exige-se que elle decore todas as futilidades que o mesmo encerra, quando um bom compendio devia ser excluído do curso primario e intermediario e adoptado com sabio criterio no curso secundario.

A segunda falha não menos prejudicial é que vivemos ainda indecisos, quanto aos methodos em relação ao ensino desta materia, da qual nos occupamos. E dominando ainda a mais completa anarchia neste particular, acceitamos o primeiro methodo extravagante, desde que venha precedido de alto renome.

Haja vista a ultima invenção ou importação com o nome pomposo de methodo intuitivo: qual seja de exigir que o alumno desenhe os mappas de memoria, isto é, sem modelos; o que constitue o maior absurdo, a maior monstruosidade inventada, porque é exigir do alumno aquillo que a maioria dos professores são incapazes de executarem.

Vivendo assim entre Scilla e Carybdis, entre velharias, bolorentas e modernismos insanos, difficil nos será resolvermos o problema do ensino da Geographia no Brasil.

E' tempo de tomarmos um novo rumo.

O tirocinio de varios annos de magisterio, segundo a orientação moderna e os bons fructos colhidos nesse labor, dá-nos a ousadia de apresentar algumas suggestões a respeito de tão momentoso assumpto.

A questão fundamental a resolver é esta: **QUAL DEVE SER O PRINCIPAL ESCOPO DO PROFESSOR DE GEOGRAPHIA?**

Estou certo de que bem poucos poderiam responder com acerto a minha pergunta, porque segundo a orientação geralmente seguida, o professor limita-se a exigir que as lições do compendio sejam decoradas de qualquer maneira, tornando por isso a Geographia a materia a mais arida, a

mais insipida e a mais detestada nos varios cursos escolares.

A solução do problema proposto pode ser expressada da seguinte maneira: o professor de Geographia deve ter como escopo principal imprimir o mappa na mente do alumno. A carta geographica é a imagem que nos dá a forma, o relevo do mundo, é o auxiliar poderoso e indispensavel para a comprehensão da geographia geral, da phitogeographia, da climatologia e da cartographia; é o instrumento mnemonico mais efficiente para gravar de modo ás vezes quasi phantastico na mente, por tempo indeterminado, milhares de nomes que se encontram, maximé, na parte politica. Attingido este ideal torna-se suave o esforço para adquirir as noções complementares sobre governos, estatisticas, etc.

O segundo problema a resolver não é menos importante; consiste em determinar qual o methodo mais efficiente é mais racional e efficaz para se conseguir o objectivo proposto? Em geral são dois, os systemas empregados pelos poucos professores que têm em vista tal desideratum: o methodo de reproduzir a carta geographica, com todo o capricho, numa rede de parallellos e meridianos previamente traçados segundo um systema de projecção e o de reproduzil-o sem modelo á vista, dando apenas uma idéa imperfeita, já se vê, do original. Ambos partem do principio falho que só se pode reter na memoria uma imagem, por meio do desenho da mesma. O primeiro, além de ser muito trabalhoso é inexequivel, si quizessemos adoptal-o em relação a todos os paizes estudados; o segundo constitue uma innovação tola, erriçada de vicios, e contraproducente, como o tem demonstrado a experiencia.

O seu primeiro defeito está patente. E' impossivel que um tal systema possa conduzir ao fim desejado.

O desenho imperfeitissimo, vago, de um paiz, de uma região, não pode ter nenhum valor pedagogico por sua notavel defficiencia; revela tão sómente a duvida, a incerteza, a ignorancia; não indica de forma alguma a noção mais elementar a respeito do relevo, da posição astronomica e das condições climatericas provaveis da região. Devemos desejar mais. O segundo defeito é ainda mais grave. Tal methodo é quasi impraticavel, porque depende de certo pendor para o desenho e da faculdade de poder reproduzir de cór aquillo que o alumno, ás vezes, nunca seria capaz de fazer, tendo o modelo á vista.

São mui communs os estudantes intelligentes que constituem uma verdadeira negação para a arte do desenho; incapazes de reproduzirem os contornos da simples folha de

uma arvore, e a estes é que devemos impor o duro encargo de, numa classe ou num exame, desenharem, de memoria, a carta do Dominio do Canadá, ou da Grecia!

Porventura poderá haver trabalho mais difficil ?

Acredito que aos professores que sabem desenhar, que sabem avaliar melhor semelhante esforço, repugna impor uma tarefa tão pesada a seus alumnos; estão convencidos, que os mais idoneos mestres, nem sempre seriam capazes de executar este trabalho de modo satisfactorio, sem um exercicio prévio.

Demais, não é verdade que só se consegue conservar ou gravar na mente uma figura, por meio do desenho.

A memoria visual é a faculdade mais prodigiosa que provavelmente possuímos, a mais desenvolvida sobre as outras. Assim, esquecemo-nos facilmente dos caracteristicos de um individuo, como o timbre da voz, os gestos, porém conservamos facilmente os traços physionomicos, sem todavia nunca termos feito um exercicio de reprodução graphica.

Portanto, appellamos para a memoria visual.

Procuremos imprimir o mappa na mente, por meio da visão perenne e prolongada de um modelo nitido e perfeito. Cartas geraes e parciaes, exactas e impeccaveis, eis o instrumento principal. Dahi a necessidade imprescindivel do uso dos globos geographicos e dos mappas de classe, do atlas moderno, como elementos indispensaveis.

Em synthese: a lição deve ser estudada quasi exclusivamente pelo atlas e não pelo compendio que o alumno deseja sempre decorar. Desta forma o estudo se torna mais attrahente, e proveitoso, e menos cansativo, como o provam os fructos da experiencia.

Os trabalhos de carthographia por meio de mappas mudos e eschemas prestam relevante auxilio e constituem complementos de subido valor pedagogico.

Dest'arte conseguir-se-á desenvolver de tal maneira a memoria visual do alumno que a imagem da superficie do mundo, nas suas particularidades, nos seus detalhes, se imprimirá de modo indelevel na sua mente, auxiliando a memoria a cada passo a se lembrar dos nomes e dos factos geographicos de qualquer região do globo.

Saulo Ferraz.

HYGIENE

Secção dirigida pelo dr. Rocha Botelho
do Instituto Butantan

O ALCOOLISMO E AS SUAS CONSEQUENCIAS

(Conferencia feita **na** Associação Christã de Moços de S. Paulo, em 3 de março, pelo Dr. Rocha Botelho, do Instituto Butantan)

Minhas **senhoras** e meus senhores:

Domina a nossa intenção a idéa humanitaria de, neste auditorio culto e **cheio** de urbanidade, explanar uma these que tem grande **importancia** actual, cuja solução depende em grande parte **dos** poderes publicos, supprimindo um grande mal que na **sua** faina devoradora vem solapando, numa voracidade **insaciavel**, uma infinidade de energias novas, centenaes de **vidas**, que bem poderiam ser aproveitadas para maior **desenvolvimento** economico, para prosperidade da nossa **Patria**.

A nossa these, **o** Alcoolismo, tem grande importancia actual, diziamos, e **depende** em grande parte dos poderes publicos, pela sua **acção** mais directa e efficaz, legislando, impondo assim um **dique** que possa conter esse flagello terrivel, que é como uma onda de fogo que queima os castellos sumptuosos e enche **de** dôr e miseria o tugurio do pobre.

O alcoolismo, **mais** do que a propria tuberculose minaz, do que a propria lepra, mais que a propria syphilis destruidora, maiores danos produz, porque sobre ser uma **moles**tia de effectos actuaes, effectos immediatos, é um vicio tremendo de consequencias funestissimas para o individuo, como para toda a sua prole que paga cruel tributo a esses prazeres ephemeros, usufruidos por seus ascendentes, nas festas de Baccho, nos salões aristocraticos, pela borda **lul**ina caninha do O', que, na ingenuidade pittoresca **do** nosso Géca, arrefece no verão e aquece no inverno.

São terriveis os danos causados pelo alcoolismo, esse mal que vem sulcando fundo a sociedade, abalando **profun**damente o alicerce inviolavel da vida, como se fôra um ferrete cruel a ferir a corolla livida de um lirio.

Não é, meus senhores, dever sómente dos poderes constituidos, não é dever somente do medico como **sentinella** avançada na defesa da saude publica, é dever, sim, **de** todos nós, que nos interessamos realmente pelos destinos e pelo progresso moral e physico do nosso povo, da **nossa** raça, combater esse vicio, o alcoolismo.

E' um velho thema, nós o sabemos, mas é um **thema** de actualidade, para ser sempre combatido e sempre **profligado**, emquanto existir sobre a terra tanta miseria humana **cau**sada por esse polvo de mil tentaculos, que insensivelmente

contorse, comprime e destróe, esse vicio que é a porta aberta para todos os vicios, para todos os crimes, trazendo pela sua intoxicação a ruina do individuo, o compromettimento da especie e a degeneração da raça.

Não ha, meus senhores, quem se recuse á amabilidade de um convite para uma conferencia como esta, mormente quando a nobreza da causa que se defende é suggestiva e empolgante.

E para se falar desse vicio tremendo e cruel, que vive na choupana do pobre e talvez no palacio do rico, devemos penetrar profundamente a anatomia pathologica por todos os seus meandros, a pathologia interna e descobrir nos seus recessos o quadro doloroso das mal-formações, de todos os órgãos, de todas as visceras, com especial e immediata "predilecção" pelo systema nervoso central e peripherico.

O alcool é um poderoso veneno, injectado na veia de um animal, provoca-lhe a morte rapida; mas o habito do alcool, o alcoolismo, mata lentamente e esse alcoolismo pode ser chronico ou ser agudo; no alcoolismo agudo apparecem diferentes periodos da embriaguez, e pela continuidade do uso do alcool, o alcoolismo torna-se chronico, sendo este de prognostico gravissimo, creando no organismo do alcoola tra um "locus minoris resistentiae", em todos os órgãos e o seu equilibrio physiologico torna-se precario e não poderá lutar e reagir contra qualquer processo morbido intercorrente é assim que a mais ligeira infecção por menos grave que seja póde assumir proporções gravissimas, torna o organismo um terreno perfeitamente preparado á tuberculose, ou, na melhor hypothese, entrará em decadencia funcional, sobrevindo a cachexia alcoolica e a velhice prematura; ao lado da velhice precoce apparecem as arterias endurecidas, rigidas, é a esclerose, é o atheroma do systema arterial, dando começo ás neo-formações anatomo-pathologicas da tunica media das arterias, originando os aneurismas sem remissão para a vida do paciente.

Mas, para pormos em destaque a acção malefica do alcool sobre o organismo humano, façamos uma descripção clinica, embora suscinta, da sua acção sobre os diferentes órgãos. Já vistes um alcoolico, como é ridiculo o seu aspecto, quasi que somente a inspecção, no alcoolismo chronico nos é sufficiente para fazer um diagnostico. A sua face é caracteristica e caracterisada pela coloração avermelhada typica, em consequencia da dilatação dos capilares

e das arteriolas. Estes são manifestações morbidas exteriores, mas é sobre o ninho da mucosa gástrica que o alcohol dorme o seu primeiro somno, produzindo fermentações anormaes, diminuindo e alterando a secreção do succo gástrico, e sob a acção constante do alcohol a mucosa gástrica secreta um mucus esbranquiçado, produzindo vomitos matinaes, conhecidos pela denominação de pituitas. Ha a perda do apetite, a anorexia se torna habitual, apparecem as inflammações e erosões da mucosa gástrica, dando origem á gastrite alcoolica que muitas vezes se complica de ulcera do estomago. É pela solução de continuidade produzida pela ulcera de estomago nas tunicas estomacaeas, pode determinar até gastrite, a gastrite phlegmonosa, por infiltração do tecido celllular e a peritonite aguda ou chronica. Sobre o intestino não deixa de ter a sua acção malefica o uso desse corrosivo — o alcohol. A mucosa gastro-intestinal emfim, é uma das mais importantes vias de eliminação do alcohol e soffre os seus effeitos de uma maneira precoce e quasi constante. As glandulas annexas do intestino, figado e pancreas, não toleram o alcohol. Triboulet e Mignot affirmam que o alcohol excita a funcção das cellulas secretantes, mas não se deve esquecer quanto é perigosa a excitação artificial dessas cellulas.

No figado, é o elemento vascular e o tecido interstrial que são os mais lesados, o alcohol congestiona activamente os vasos hepaticos, sobre as suas cellulas produz, a principio, uma excitação e depois um torpor funccional, trazendo as congestões, as steatoses, cirrhoses gordurosas, e principalmente a cirrhose strophica. Nestas affecções hepaticas apparece o individuo, da noite para o dia amarellecido, as conjunctivas amarellas, a face, o tronco, emfim, todo o organismo, invadido pela bilis que se despejou no sangue, pela obstrucção do coledoco, é a colemia generalisada, é a ictericia aguda, consequencia do alcoolismo e que tem uma gravidade excepcional.

O baço torna-se hypertrophiado e endurecido. Sobre o systema circulatorio a sua acção é grandemente prejudicial, alterando o sangue, os vasos, e tendo uma grande acção pathologica sobre o coração. O sangue torna-se gorduroso, os vasos tornam-se friaveis e sujeitos, pela ruptura, ás hemorragias cerebraes. O musculo cardiaco augmenta consideravelmente de volume, hypertrophia-se e torna-se gorduroso. Ha um compromettimento do endocardio pela esclerose e degeneração atheromatosa.

E qual, meus senhores, no organismo humano, o orgão ou systema pelo qual o alcohol tem sua maior predilecção?

Bem vêdes que é o systema nervoso. Os principaes phenomenos que apparecem, após o uso do alcool, são phenomenos nervosos e psychicos, e que no individuo ascendem, explodem, despertando em cada um o seu temperamento. Sob a acção do alcool o individuo revella-se, ha como que uma anesthesia de todas as funcções, de todos os orgãos, uma exaltação inconsciente do systema nervoso e psychico. Nenhum orgão ainda manifestou seus symptomas, no entretanto o systema nervoso, mais sensivel, indiscretamente, já deu o alarme, já abriu a pagina da alma de cada um; surge então o provocador, o aggressivo, o criminoso, o melancholico, o alegre, o orador, o poeta, o patriota, o libidinoso. São phenomenos psychicos agudos, e pela sequencia no uso e abuso das bebidas, apparecem phenomenos nervosos bastardos, como o tremor alcoolico, que se revela nos membros superiores, tremor caracteristico de todos os bebidos, quando o individuo tenta espalmar a mão; e as cephaléas, as vertigens, e os formigamentos nos pés, allucinações, convulsões epileptiformes, apparecem muitas vezes perturbações cerebraes semelhantes á paralysisia geral, que foi muito tempo descripta sob a denominação de paralysisia geral alcoolica; hoje tende-se a dissociar esses casos em 2 categorias, uma, o alcoolismo, (nos individuos predispostos) produz a paralysisia geral verdadeira, noutra, o alcoolismo conduz á demencia. O "delirium tremens" é o phenomeno mais alarmante do systema nervoso, sendo preciso muitas vezes o emprego de medidas coercitivas e energicas, como por exemp'lo a camisa de força. A paralysisia é outro processo do morbido systema nervoso e é extremamente dolorosa; a perturbação da locomoção simulando a ataxia locomotora (pseudo-tabes alcoolica). Esta paralysisia, affirma Dejerine, póde invadir os musculos da respiração, attingir o coração, produzindo desfallecimentos, syncopes, até a morte.

Perturbações da visão, da voz, que se torna, em consequencia da congestão da mucosa pharingéa e laryngéa, compromettedoras de todos os pequenos filletes, que enervam os diversos orgãos funcçionaes, produzindo as nephrites periphericas e trazendo na sua caudal as polynevrites que muitas vezes terminam na confusão mental. A esta exaltação da funcção psychica, no alcoolismo agudo, no primeiro periodo da embriaguez, succede o adormecimento das funcções nervosas e é a confusão mental, resultando dahi, conforme diz o professor Couto, o viciado não ter **character**, no sentido philosophico da expressão; **character** é a consciencia vigilante, e o alcool tira a consciencia, tanto **que** é em medicina legal uma derimente ou uma aggravante. Cara-

cter é a substancia mesma de cada um e o alcool dissolve; o caracter é o aço da creatura, que a torna sempre igual a si mesmo em qualquer situação, e no alcoolico é cera inconsistente e amoldavel.

Ha, actualmente, meus senhores, **uma** verdadeira revolução social para combater o alcoolismo; os cientistas se manifestam nos Congressos, os oradores nos Parlamntos e na tribuna popular; as nações, a principiar pelos Estados Unidos, tomam providencias energicas **prohibindo** a venda do alcool, quer seja por uma lei nacional ou por uma lei local. Esta lei, affirma um sociologo, já tem trazido vantagens inestimaveis para a nação americana, augmentando o bem estar do paiz, reduzindo o numero de crimes, diminuindo o numero de prisões. Trabalhadores e operarios que gastavam todas as suas economias em libações alcoolicas, trazem agora para o socego de seu lar o resultado de seu trabalho, pagam as suas viagens, e preparam o seu peculio para as incertezas do futuro. Diz o presidente Harding que daqui ha vinte annos nos Estados Unidos o alcool não existirá sinão na lembrança dos seus habitantes. Dados os seus maleficios, e como consequencia dos magnificos estatisticos produzidos pela abstinencia, muito tem caminhado ultimamente a propaganda tenaz e de effeitos efficazes contra o alcoolismo.

Thomaz Olivier mostra claramente os beneficios da abstinencia sobre todos os trabalhadores, sobre todos os individuos que se dedicam aos esportes, que se dedicam a jogos athleticos e evidencia que nos que não fazem o uso do alcool o numero de accidentes é muito menor que nos individuos dados aos prazeres ephemeros da bebida e conclue affirmando que as perspectivas do futuro são cheias de promessas.

O Dr. Beninde, numa relação feita sobre a questão do alcool em Berlim, em 1920, falando sobre a influencia do alcool durante a grande guerra, relativamente á saúde moral e physica do povo, mostra de par com a diminuição do consumo do alcool, a melhoria consideravel do estado sanitario, diminuindo sobremodo o numero dos internados nos asylos, hõspitaes e clinicas psychiatricas, por molestias nervosas e mentaes e numa estatistica, affirma que, se em 1913 o numero de internados por molestias mentaes, "delirium tremens", allucinações alcoolicas, epilepsias alcoolicas e outras perturbações psychiatricas de origem alcoolica era de 4.224, esse numero baixou em 1917 para 781. Pela

proibição em Londres, durante a guerra de 1914, o "Bulletin de l'Office International de Hygiene Publique", afirma em sua estatística que, ao lado de 64.783 condenações pelo alcoolismo em 1913, só houve 27.410 condenações em 1921.

No 19.º Congresso Internacional contra o Alcoolismo, reunido em Lausanne em agosto de 1921, muitas conclusões e afirmações scientificas foram tiradas e estabelecidas.

O Dr. Scharffenberg, de Christiania, annunciou que foi creada uma cadeira especial para o estudo de tudo que se refere ao alcool na Universidade de Helsingfors.

O Dr. Saleby, de Londres, que fez tres viagens aos Estados Unidos para estudar as consequencias e as restricções do alcool, annuncia que a taxa da mortalidade infantil depois da lei americana, baixou consideravelmente.

O Dr. Vernon, resume as suas engenhosas investigações sobre a influencia de doses, mesmo diminutas, de alcool sobre o trabalho intelectual, mostrando a sua acção nefasta sobre a attenção, e a incoordenação das impulsões neuromusculares.

Fazem ainda importantes considerações nesse mesmo Congresso de Lausanne, o Dr. Vervaeck, da Belgica, o Dr. Hindhedem, da Dinamarca, e finalmente o Dr. Carter, da Inglaterra, mostrando que de 1914 a 1918 os obitos devido ao uso do alcool diminuíram de 83 %^o, os suicidios de 87 %^o, a mortalidade infantil devido á violencia de paes embriagados de 54 %^o. e a cirrhose do figado de 57 %^o.

Os males physicos, meus senhores, produzidos pelo alcoolismo, talvez sejam as chagas mais doloridas; dolorosa é a herança aviltante que desalmados escravos dos illusorios e ephmeros prazeres do alcool e todas as bebidas de base a'coolica, legam aos seus descendentes; doloroso é o tributo que as creanças innocentes, que mal principiam a baluciar as primeiras palavras, como que já tendo a tristeza no sorriso, pagam pelos prazeres criminosos de seus paes; doloroso é o quadro que se depara através das grades das prisões, doloroso é o quadro que se depara na reclusão dos manicomios; consultae as estatisticas e encontrareis innumeras dessas affirmações, são dados positivos que bem demonstram quão nefastas são as consequencias produzidas pelo alcool, "essa espada de dois gumes, vela de duas chammas", se por um lado produz a suave phantasia illusoria de

um instante, o estonteante prazer de um momento, por outro lado vibra-lhe o golpe fatal da "hereditariedade morbida".

Preso assim, senhores, ás contingencias da vida, ás eventualidades fataes resultantes do mais perigoso de todos os vicios, vae o alcoolista, inconscientemente arrastado pela estrada da miseria, pontilhada de urzes, de degradação em degradação, de villipendio em villipendio, numa progressiva decadencia physica e moral, derramando por onde passa, a penuria e a ruina, inexoravelmente. Chefe de familia que leva para o lar a dissolução e a miseria, cidadão que offerece á Patria uma descendencia morbida, doentia, e tarada.

E' preciso que vos diga, senhores, para que melhor "grave" na retina da vossa memoria, que a placenta não filtra o alcool. E quando me refiro ao alcool, não me refiro sómente ao alcool, producto da distillação da canna; me refiro a todas as bebidas de base alcoolica fermentaveis e fermenteciveis, os licores, as cervejas, que contêm grande quantidade de acido salycilico, eminentemente vulnerante para as cellulas hepaticas, me refiro aos whyskies, aos grogs, que os beberões dizem são aperitivos, isto é, estimulam o appetite, e facilitam a digestão, isto para justificar o seu uso após as refeições. Não é nem digestivo e muito menos aperitivo; são antes congestivos das tunicas estomacaes, produzindo forte irritação dessas mesmas tunicas, como se fôra uma gotta de veneno a mortificar-lhe a constituição anatomica; havendo depois desse traumatismo um affluxo sanguineo, os globulos do sangue affluem para a defesa do orgão lesado, depois do que ha uma ischemia, ha um entorpecimento, uma verdadeira anesthesia da parede interna do estomago, aproveitam os glutões, os "gourmants" dos francezes, do embotamento da sua sensibilidade e introduzem pela deglutinação suggestionamente, no continente estomacal, sem que no entretanto o estomago se aperceba, por um phenomeno reflexo da distincção das suas paredes, grandes quantidades substanciaes alimenticias; virá, naturalmente, ao lado de outras molestias alimentares, a dilatação do estomago. O alcool não é, portanto, nem aperitivo, nem digestivo, e diziamos que a placenta não o filtra, ao contrario, elle a atravessa e infiltra-se por todas as cellulas, contundindo, destruindo, traumatizando, desorganizando, e infiltra-se pelos capillares, circula no sangue materno para a progenie.

Eis, meus senhores, o phenomeno physiologico da transmissão directa do alcool de mãe a filhos. Multiplas experiencias foram feitas nesse sentido. De uma parturiente que ingerisse um pouco de alcool, momentos antes da sua sagrada funcção, encontrariamos no sangue do recém-nascido, pe'a secção da veia umbelical, a presença desse toxico. As mulheres que fazem uso do alcool, por occasião da gestação, ao mesmo tempo que se intoxicam, envenenam tambem o fructo de seu amor, e com que funestas consequencias!

São interessantes as experiencias de Stockard e Sta. Craig, porque se approximam muito das condições da intoxicação habitual no homem; fizeram respirar, uma vez por semana, a cobayas de ambos os sexos, vapores de alcool, tendo o cuidado de suspender essa verdadeira chloroformisação logo que apparecessem os primeiros symptomas da intoxicação. Estes animaes viveram bem, mas a sua descendencia pagou forte o tributo; dos que conseguiram nascer vivos, morreram logo após o nascimento, com convulsões epileptiformes, alguns viveram mas ficaram menores que o tamanho normal.

Esta é a alcoolisação mais rapida, produzindo os diferentes periodos da embriaguez; porém, a alcoolisação de peiores consequencias para a especie humana, é a alcoolisação moderada e intermittente, é um envenenamento lento, como é tão commum por ahi afóra, na sumptuosidade dos banquetes, na promiscuidade dos bars ou na atmospherá abafadiça e morna da orgia pagã dos cabarets. E' moderadamente, lentamente, que o alcool melhor se fixa nas cellulas do systema nervoso, deformando-as, desmembrando-as da sua nobre e elevada funcção estimuladora da vida.

Estigmatiza as cellulas nervosas com as suas deformações, deforma as cellulas testiculares e emorbidece o seu conteudo, os elementos constituintes da vida, e dessa maneira transmittem os paes aos filhos o presente dessas néo-formações anatomo-pathologicas. E' a familia alcoolica, diz o prof. Couto, o sabio mestre, a familia dos bebedores com as suas variantes, beberricos, beberrotes, bebedos, beberries, beberrões, entremeiados de epilepticos, imbecis, loucos e criminosos; é hereditario, bebe quem traz comsigo o sangue de quem bebeu.

Eis, meus senhores, alguns exemplos da hereditariedade morbida:

Brunon refere que uma jovem de 19 annos, teve do primeiro matrimonio um menino robusto e sadio. Casou-se em segundas nupcias com um individuo dado ao uso de bebidas; o primeiro filho rachitico, não andava senão com o uso de muletas, o segundo idiota, o terceiro com luxação congenita da anca, o penultimo nasceu normal, mas o ultimo nasceu morto, com quatro dedos sómente em cada mão.

Lagrain, cita o caso de um alcoolatra morto num asylo de alienados, cujos seis filhos morreram em tenra idade e em convulsões e cita outros casos identicos.

Galton, lembra a historia de um mendigo alcoolatra que viveu no seculo XVII nos Estados Unidos, e do qual seguiu sua descendencia durante mais de seis gerações; em mais de 800 descendentes, mais de 700 tornaram-se delinquentes e condemnados a penas diversas, 342 foram perseguidos pelo vicio da embriaguez ou detidos por delirio alcoolico, 127 entre as mulheres tornaram-se hetairas, 37 commetteram crimes, tendo sido condemnados á morte. Lagrain, seguiu 215 familias de alcoolistas; na primeira geração encontrou 508 individuos com taras hereditarias, representadas por deformações, surdez, degeneração psychica, alienação e epilepsia; na segunda geração constatou 294 individuos attingidos de idiotia, imbecilidade e alienação mental; na terceira geração 17 creanças apresentaram perturbações psychicas e verificou mais 174 casos de morte em recém-nascidos nestas 215 familias.

Domme apresenta uma observação interessante: durante 12 annos acompanhou 10 familias de bebedores e 10 familias indemnes de alcoolismo, estabelecendo comparações flagrantes e positivas. Dos alcoolistas, de 57 creanças, somente 9 eram normaes, e das familias indemnes de alcoolismo, dentre 61 creanças observadas, 50 eram perfeitamente normaes.

O Dr. Domingos Jaguaribe, numa conferencia sobre o alcoolismo, cita o Prof. Pelman que fez observações da ebria Addo Jurke, de Bonn; seus descendentes foram 834, devidamente reconhecidos, dos quaes cresceram 734, sendo que 142 viveram como mendigos, 108 nascidos de adulterio, 64 viveram á custa da assistencia publica, 181 mulheres messalinas, 76 condemnados por graves crimes, dos quaes 7 assassinos. Durante 15 annos, esta notavel progenie custou ao Estado mais de 6 milhões de francos.

Deixo, por inoportuno, de vos indicar a therapeutica do alcoolismo: antes vos aconselharia que vos dedicasseis com todo o enthusiasmo que vos é peculiar, com todas as

veras de vossa alma, ao importante problema da prophylaxia, principa'mente no que se refere á propaganda tenaz contra o alcoolismo.

Vistes, meus senhores, o que é o alcool e quaes são as suas consequencias, e como segue o alcoolista por uma trajectoria dolorosa e crivada de espinhos, na sua desordem intellectual, babugem das sargetas, levado até á loucura, que é o termo final da sua desgraçada e intoleravel existencia.

Por isso, combater o alcoolismo, é prégar a saude phisica e a saude mora', é dar combate a um dos mais serios factores dyseogenisantes da especie, é desejar uma mocidade sadia e forte, é prégar a saude organica e a saude psychica; combater o alcoolismo é combater as psychoses sob todas as suas modalidades, a psychose actual ou a psychose remota transmittida de paes a filhos pela lei fatal da hereditariedade morbida; combater o alcoolismo numa assembléa como esta, onde vejo um ambiente saturado da vossa boa vontade e do vosso entusiasmo de moços, onde vejo a fina flor da juventude brasileira, seria como se no meio de um combate levantassemos bem alto o pavilhão de nossa terra e sob o laurel bemdicto do auri-verde pendão da nossa Patria, gritassemos: Mocidade, avante! e essa bandeira que hoje procuramos agitar aqui, á vossa frente, guiando-nos como um clarão de luz por entre a cerração dos nossos dias, cheios de torpezas e de vicios, essa bandeira nesta causa, são os nossos principios, escarpellando, criticando, profligando, procurando destruir o alcoolismo: são os nossos sonhos, as nossas aspirações por uma Patria forte na pujança de seus filhos, unida pela integridade absoluta do nosso vastissimo territorio e honrada perante o mundo e perante Deus.

O ENSINO NO EXTRANGEIRO

A REPUBLICA DE PIRIAPOLIS

De todas as formas de educação a que mais contribuirá para a paz do mundo é a tolerancia inculcada pelo conhecimento e amizade reciprocos entre os povos das differentes nações. Sympathia para todas as causas boas e tolerancia são provas de uma educação completa.

Aqui na America do sul entre os povos latino-americanos temos uma esplendida oportunidade para pôr em pratica uma Liga das Nações em pequena escala. A maioria dessas republicas fala o hespanhol, menos o Brasil que fala o portuguez, perfeitamente comprehensíveis estas linguas entre si. A differença de linguas concorre para desconhecimento mutuo e falta de confiança entre os povos.

Certamente todo trabalho educativo internacional é digno de nosso apoio e nosso auxilio. Devemos, nos dias de hoje, tornarmos-nos pelo pensamento cidadãos cosmopolitas si queremos fazer do nosso mundo um logar habitavel. Outra grande guerra entre as nações destruirá irremediavelmente nossa civilisação. E depois então? Reconstruir lentamente para voltar á situação tão pouco vantajosa quando consideramos as possibilidades, que tinhamos deante das quaes podiamos avançar para um mundo melhor e feliz, unido, onde principios verdadeiramente christãos deviam constantemente operar nas relações pessoases, sociaes, commerciaes, nacionaes e internacionaes.

Chamamos este tempo futuro o Reino de Deus ou o Reino dos Ceus que é uma realidade possivel e concreta e que poderemos obter seguindo principios definidos e bem claros: os principios christãos. Isto é verdadeiramente tão demonstravel como uma formula chimica que dará um resultado conhecido anteriormente de accordo com determinada reacção.

Tudo isto vem a proposito da Republica de Piriapolis, reunião de academicos de varios paizes da America do Sul, perto de Montivideo, onde annualmente se congregam para estudarem problemas nacionaes, internacionaes e tambem relativos á vida dos estudantes, á luz de melhor conhecimento dos povos ibero-americanos em nossos dias.

Este anno o Sr. Luiz de Souza, diplomado em engenharia civil, representou S. Paulo naquella Republica e fala da cordeal aprovação que aquella reunião recebeu de homens publicos como o então presidente do Uruguay, Dr. Baltasar Brum, e o ministro do mesmo paiz no Chile e o presidente da Liga das Nações, Augustin Edwards, e ainda outros. O Dr. Brum ficou no acampamento 24 horas examinando os

programmas de estudo, e tomou parte nos debates interrompidos pelos jogos athleticos e natação ás tardes.

Durou o setimo acampamento internacional, diz o Dr. Luiz de Souza, de 17 a 27 de janeiro, sendo as primeiras horas da manhã destinadas a conferencias por conhecidos professores e homens de letras, como: professores Ricci, da Universidade de Buenos Aires, Nuñez Regueiro, da de Rosario, Ernesto Nelson, sociologo argentino, Navarro Manso, antigo critico d'arte da "Nacion", Erasmo Braga, professor Brasileiro. Parte do dia era consagrada a um bem elaborado programma de cultura physica, sob a direcção do sr. Justo Hopkins, do Comité International de Jogos Olympicos, e Julio Rodriguez, do Consejo Nacional de Educacion Fisica, do Uruguay.

A' tarde, depois de jogos campestres de cavalgatas, desciam os acampantes á praia do grande balneario, para natação. A' noite, celebrava-se no Cerro del Toro o "camp-fire", para conversação intima sobre assumptos moraes.

Sómente da approximação dos futuros estadistas, sobre principios basicos de honestidade, conhecimento e respeito mutuos, podemos esperar o desenvolvimento de uma mentalidade cosmopolita que é necessaria para a segurança absoluta de nosso mundo, e de nossa civilização.

D. G. Magee.

Secretario da A. C. M.

OS ESTADOS UNIDOS, OBSERVADOS POR UM EUROPEO

(Participação dos E. U. A. na exposição do Rio de Janeiro)

Os Estados Unidos da America do Norte comparecem á Exposição do Rio de Janeiro como a unica nação — faltando a Russia e a Allemanha — encarando o problema da organização social em toda a sua complexidade.

Todas as suas tentativas neste sentido apresentam lados de provida humanidade, que merecem ser estudados.

Os problemas do alcoolismo, instrucção e embellezamento da vida em todas as suas modalidades, foram enfrentados com bostante sinceridade, conseguindo o paiz a realização d'uma civilização que hoje o faz caminhar muito adeante da cultura européa.

No tocante ao principio: que todo o ser tem de ser instruído, e que o proprio governo reconhece publicamente e applica, facultam-se meios educativos para 27.728.788 rapazes e meninos de 5 a 18 annos de idade .

Esta porcentagem em um paiz que abriga uma população de 105 milhões de habitantes significa o extincção do analfabetismo.

As escolas publicas e gratuitas de instrução superior têm augmentando rapidamente nos ultimos 25 annos.

Em 1918 havia 13.951 escolas, além de 2.093 particulares, das elementares que abrangem 19.378.927 matriculados, dos 7.835 jardins da infancia, das 109 universidades, escolas agricolas, ruraes, subsidiadas em parte pelo Governo Federal, collegios para professores e todas as escolas particulares, que attingem a milhares .

Os jardins da infancia são escolas onde os meninos recebem uma educação civica completada com a saude da vida campestre.

O custo total da instrução primaria e secundaria monta a \$1.033.070.682 annualmente.

O custo da instrução publica primaria e secundaria vem a ser para cada matriculado de \$47.88.

Uma complexa organização estadual subsidiada algumas vezes, em parte, pelo Governo Federal, influencia sobre todas as ramificações da vida moral e economica do paiz.

A saude publica é tratada scienficamente de accordo com o proverbio:

“Good health makes good citizens”

Regras de bem estar são espalhadas de viva voz, para visitantes estaduaes, que encaram o problema prophylactico juntamente com o economico.

E' já um passo a caminho das infinitas necessidades dos povos.

Recommendam comer legumes frescos, cereaes, ovos, fructas, um pouco de carne ou peixe.

Dormir com as janellas abertas ao menos 8 horas.

Lavar as mãos antes de comer.

Tomar uma quantidade sufficiente de comida de boa qualidade.

Comer devagar e mastigar bem.

Beber tres copos de leite por dia.

Ir á privada a horas determinadas.

Não trabalhar nem brincar com excessiva intensidade.

Escovar os dentes á noite e de manhã.

Corrigir os defeitos physicos.
São espalhados cartazes por todo lado.
Póde-se ler o seguinte: — Si você é forte e sadio deve poder fazer:

32 k'ms. por dia.

8 vezes a barra fixa.

100 metros em 12 segundos.

Trabalhar 8 horas por dia nos campos.

Aconselham a limpeza com todo esmero e os periodos de somno:

Até 4 annos. 12 horas diarias.

De 5 a 7 annos 11-12 horas diarias.

De 8 a 11 annos 10-11 horas diarias.

De 12 a 14 annos 9-11 horas diarias.

E ajuntam: "As creanças crescem principalmente quando dormem".

Lutam contra o habito de dar ás crianças:

Bife, batatas fritas, bolos feitos com gordura; mas aconselham:

Fructos, hortaliças, pudim, carneiro ensopado, leite.

Esta demonstração é realizada por meio de duas bonecas, sentadas ás cabeceiras da mesma mesa, uma pallida, desmaiada, outra côr de rosa e sadia.

Senhoras pertencentes á organização da "Saude Publica" visitam as casas e observam detalhadamente as condições de vida em uma determinada localidade, para depois em uma palestra publica, para a qual são convidadas todas as pessoas que têm alguma responsabilidade sobre a vida economica daquella localidade, referir e aconselhar os remedios e as providencias, que devem ser tomadas em beneficio do levantamento do nivel material e espirital de todos.

Todas as demais pequenas localidades no interior recebem a visita desta organização, que juntamente com outras iniciativas humanitarias, não deixam a região no pauperismo e abandono á exploração, pragas que tambem a distancia e a ignorancia favorecem.

Estas iniciativas tendo reconhecido a inseparabilidade do problema economico dos demais prob'emas — o sanitario incluido — são sinceras, ajudam o mundo a sahir das trevas da exploração do homem pelo homem e por isso merecem respeito e ajuda.

O problema da escola foi resolvido pondo ao serviço da comunidade meios de transporte de todo genero: electricos, automoveis, carros. Foram transportadas 600.000.000 de crianças num anno, gastando neste serviço \$15.000.000.

Os governos facultam, pois, cursos praticos para mulheres, deste genero:

clothing repair	costureiras
household records	registro domestico
laundry	lavadeiras
care of the house	trabalhos caseiros.
house furnishing	mobilias de casa
care of grounds	cuidado do solo
house p'annings	planos de casa
home nursing	cuidados do lar
physical children	physico juvenil
child training	instrucção infantil
participation in civic funcions	participação nas func- ções civicas.
maintenance of home at- mosphere	manutenção da harmonia do lar.

Um exame ainda que superficial destes cursos oferece uma base para bem comprehender que o que se procura é o desenvolvimento racional das qualidades inherentes a cada ser, em beneficio de todos, e por consequencia de si mesmo.

E' logico que cursos como estes se enquadram perfeitamente no programma da educação do ser e o que se alcança é verdadeiramente o que chamam:

maintenance of home atmosphere—manutenção da harmonia no lar

Innovação e realização admiravel, obtida encarando o desenvolvimento da individualidade, o que dá a cada ser com a sua parte de responsabilidade, uma visão da vida bastante exacta para bem agir com os outros e consigo mesmo.

Pensae: maintenance of home atmosphere, com a ignorancia e a difficuldade da vida que cansa o mundo inteiro, a sua realização hoje parece um milagre.

E' natural que isso fosse realizado com o concurso de senhoras cuja devoção e religião foi um "bem para todos", aquelle bem a quem todos têm direito e que lhes é tantas vezes roubado!

Nó tocante ao que elles chamam "the stress of life" muito está sendo realizado. A experiencia de um é para todos, e é assim que as luctas e as difficuldades da vida estão sendo vencidas paulatinamente.

Um “demonstrador estadual ambulante” especializado em cada ramo, visita o interior e aconselha meios modernos mecanicos para poupar trabalho e energia, fazendo jus ao moto:

“Não faça o homem o que uma machina póde fazer”.

E’ assim que estão sendo proporcionadas noções de uma maneira clara e facil, até nos lugares mais afastados do paiz, das ultimas descobertas nos campos scientificos e mecanicos.

Os rios são guiados e a sua immensa força aproveitada; a electricidade espalha as suas faiscas desde o Maine até a California; as aguas sabiamente distribuidas durante o anno todo transformam desertos sub-tropicaes em laranjaes e campos duma fertilidade assombrosa.

Os norte-americanos estão transformando o seu paiz em um jardim da lenda.

O QUE SE FAZ NO CAMPO DA INDUSTRIA

Esta secção é dividida assim:

SAFETY FIRST

(segurança antes que cuida da segurança do trabalhador para com as machinas e os machinismos. (Escriptorio de prevenção de accidentes, comité de medidas sanitarias — 7, Broadway N. Y. City).

SANITATION

(Hygiene)

HOUSING

(Habitação

MILL RESTAURANTS

(cosinhas)

LUNCH ROOMS

(refeitorios)

REST ROOMS

(quartos de repouso)

GARDENS

(jardins)

trata da installação de chuveiros, tanques de natação, armarios, lavatorios, privadas hygienicas nas usinas, etc.

ensina a melhorar o lar, constróe casas apropriadas com as necessidades modernas, com jardins, etc.

restaurantes, refeitorios, salas de descanso, de leitura, de diversões nas usinas

estuda o embellezamento das usinas com a harmonica disposição de canteiros, etc.

DISTRICT AND VISITING NURSING

(Departamento de visitas e cuidados)

mulheres especializadas que proporcionam conselhos sobre a comida, a prophylaxia, a ordem, o bem estar das familias, dos operarios, estudam as verdadeiras condições da vida dos trabalhadores, referem aos órgãos responsaveis os resultados das pesquisas e os remedios para suavizar as deficiencias.

RECREATION

(Diversões)

cuidam da construcção de tanques de natação (todas as pessoas—lê-se—são obrigadas a tomar um banho de chuveiro antes de entrar nos tanques), campos de "basket" e "base-ball", para os operarios e para a communidadade em geral, tanques de recreio para as crianças das mesmas localidades.

EDUCATION

(educação)

Não se póde exaggerar a influencia que estas instituições têm no bem publico.

STOK SUBSCRIPTION PLAN

PENSION

VOLUNTARY ACCIDENT PLAN

tratam da instrucção professional em bibliothecas e cursos feitos por especialistas.

A Associação Christã de Moços de Lorain póde ser tomada como modelo.

Dispondo de uma organização sem rival no campo da industria mecanica, elles podem servir-se della por meio do cinematographo, para instruir o povo sobre as mais differentes fabricações.

E' o que elles buscam fazer. No Rio, junto ao Pavilhão norte-americano funciona um cinematographo gratuito, que projecta todos os dias fitas do mais alto interesse instructivo, umas de um caracter educativo, outras de civismo ,outras de instrucção ou de cultura.

Dé Cuba a China, de Panamá a Alaska, da pesca do salmão á historia do enxofre, da industria do automovel á dos caminhos de ferro electricos, dos indios americanos ás bellezas naturaes, etc.

Diz-se que é um estranho indicio da possibilidade de uma nova organização da industria a que nos vem da America, onde está surgindo uma nova sub-raça. (*).

Os trusts apesar de serem agora inspirados em conceitos anti-sociaes possuem o germen de uma organização muito util á sociedade emquanto tende a supprimir em grande parte os prejuizos e os perigos da concurrencia e a substituil-os pelas vantagens de uma sabia e grandiosa organização commercial.

E' verdade que agora ás vantagens dessas empresas são todas para os poucos que têm a direcção das mesmas, mas não é impossivel que no futuro tão magnifica organização se possa fazer em beneficio de todos.

Entretanto, os norte-americanos crêm que taes conhecimentos adquiridos não podem deixar de promover a felicidade por meio de uma melhor comprehensão da vida e interesse constante nos trabalhos diarios.

A questão principal — dizem — não é produzir o material perfeito, mas sim p'antar a semente do desenvolvimento, felicidade, eficiencia e progresso.

A. Eugéne Croisat.

São Paulo, 9 de Fevereiro de 1923.

(*) A. Besant.—Porque acreditamos na volta dum Grande Instructor Espiritual—Conferencia da Ordem da Estrella do Oriente, 1915.

ENSINO COMMERCIAL

SIGNIFICAÇÃO SOCIAL DA HISTORIA

O naturalista inglez, Darwin, chegando á sua patria após a viagem de circumnavegação do "Beagle", viagem em que elle recolheu o material e as observações que baseiaram a theoria, hoje a espinha dorsal da sciencia, da origem das especies pela luta pela vida e pela selecção natural; chegando á sua patria teve estas palavras que poderão servir de programma e estandarte ao estudo da historia do commercio que ora iniciamos.

"Si alguém me pedisse minha opinião, dizia o futuro autor da "Origem das Especies", antes de emprehender uma longa viagem, minha resposta dependeria inteiramente do gosto do viajante por esta ou aquella sciencia e das vantagens que elle poderia tirar para seus estudos.

Sem duvida sente-se viva impressão contemplando paizes varios, passando em revista, por assim dizer, ás diferentes raça humanas, mas esta satisfação está longe de compensar as fadigas. E' preciso pois que se tenha um fim e que este fim seja um estudo a completar, uma verdade a descobrir; que este fim, em uma palavra, nos sustente e nos encorage". (1).

Não é sem razão a presença aqui das palavras do sabio que no seculo XIX occupou o centro do saber humano e que provocou a formidavel expansão desse mesmo saber que se caracteriza nas multiplas e fecundas especialidades, creadas e renovadas ao impulso da obra genial que é "A origem das Especies".

Vamos fazer uma viagem, pois vamos estudar a historia.

Conhecer o homem dos primordios da civilisação, quando esta consistia apenas nas simples barracas levantadas pela mão de nossos ancestraes nos planaltos asiaticos, até o homem da civilisação requintada de hoje, que se gloria dos Raios X e do submarino e tambem dos canhões de calibre 420.

Precisamos ter um objectivo em nossa viagem, como aconselhava o sabio, para que este objectivo nos estimule e sustente.

Saber o que vem fazendo o homem sobre a terra, surprehendel-o, poderei assim dizer, trabalhando, vencendo a natureza hostil, modificando o meio physico e sendo por este modificado, descobrir os factores economicos que conduziram a humanidade ás condições actuais; seja pois, esta a meta que devemos attingir.

A Historia é um grande tecido onde cada fio corresponde a determinada actividade que o homem vem exercendo em sua passagem pela terra.

Neste tecido o que elle tem feito colhendo os fructos e apanhando a caça que a terra lhe tem dado; plantando, transformando o que lhe têm fornecido as colheitas; levando a outros povos o que a estes falta e trazendo o que lhe é preciso, é o fio vermelho do tecido que falei e que nos guiará através dos seculos pelos differentes povos em seus aspectos economicos.

O primeiro passo para o estudo de uma sciencia é saber o que realmente ella é.

Dizendo que a historia é a geographia no passado e a geographia, a historia no presente synthetizarei o que disse **Edmond Demolins**, o sabio francez que em nossos dias deu a Historia uma interpretação elevada e superior a quantas antecederam á sua, usando aquelle autor dos processos de observação directa do homem para, vendo o que elle é, tirar bases afim de apresentar o que elle foi no passado.

A geographia (2) é essencialmente o estudo do meio physico; mas cada meio influe directamente e necessariamente sobre as formas do trabalho, de propriedade, da organização familiar e administrativa, sobre a propria raça cujas aptidões são modificadas neste ou naquelle sentido. A sciencia social chegou hoje a determinar estas relações e cada vez mais vae precisando-as.

Mas a influencia exercida pelo meio actual, não é a unica, é mais ou menos modificada pela formação anterior da raça, isto é, por sua historia.

A formação anterior de uma raça pode tornal-a mais ou menos apta para a lucta contra as difficuldades de um determinado meio e transformal-o.

O homem soffre pois dupla influencia:

PRIMEIRO—Pelas condições actuaes do **Meio** ou **Meios** que os seus ancestraes atravessaram: é o terreno da geographia.

SEGUNDO—Pelas condições anteriores ao **Meio** ou **Meios** que seus ancestraes atravessaram: é o terreno da historia

Para bem comprehendermos esta theoria, o exemplo do povo brasileiro é frisante. Sua organização communaria, o immenso exercito de funcionarios federaes, estadoaes e municipaes, vivendo da verdadeira communa que é o Brasil, tem sua explicação em nossa origem ethnologica, descen-

dentes de povos communitarios em mistura com outros de peor organização social, os iberos e os africanos.

A diversidade das raças humanas não tem outra origem essencial que a differença dos meios nos quaes cada raça evoluiu, seja no passado, seja no presente.

A geographia e a historia assim estreitamente combinadas têm por objectivo explicar esta diversidade e consequentemente o homem e as sociedades, ou em outros termos, os diversos agrupamentos que ha entre os homens sob todos os pontos de vista.

O vinculo existente entre os diversos conhecimentos humanos e suas relações tornam-se comprehensíveis deante desta theoria.

Veremos então que os phenomenos geologicos, botanicos ou zoologicos que constituem os elementos do meio, influem directamente sobre as diversas naturezas de trabalho e, por consequencia sob o estado social, seja no passado, seja no presente.

Esse estado social assim creado, reage por sua vez sobre as manifestações do pensamento humano, philosophia e litteratura antiga ou moderna, que as faz evoluir directamente e as explica. A philosophia e a litteratura são a expressão da sociedade.

Os phenomenos physicos e chimicos que o homem conseguiu penetrar em seus segredos, tem por effeito transformar o globo terrestre, isto é, o meio geographico, e tambem as condições historicas da vida humana e da vida social.

A causa primeira (3) e decisiva da diversidade dos povos e das raças, repetindo a verdade, é o rumo que seguiram e o meio em que evoluíram.

E' o rumo que cria a raça e que cria o typo social. Os caminhos do globo foram como que poderosos alambiques que transformaram desta ou daquela maneira os povos que nelles se enveredaram.

A historia não é uma narração de factos muitas vezes inexplicados e inexplicaveis.

Deve ser um guia para a vida.

Por ella vamos saber o que têm os povos concorrido para a civilisação a que hoje attingimos.

Podemos usar uma figura onde a civilisação é um grande edificio cujas bases foram lançadas pelo homem primitivo, e do qual hoje occupamos um dos elevados pavimentos por nós construido.

E' ainda uma cadeia indefinida cujo primeiro elo está nas sombras da primitividade e cujo ultimo é para nós um mysterio.

A civilização actual é o resultado do esforço commum de todos os povos que tem passado por sobre a terra. Somos herdeiros deste patrimonio que devemos engrandecer e assignalar nossa participação melhorando-o e engrandecendo-o.

Mais poucas palavras, duas ideias e encerraremos esta lição.

E' a primeira, sobre a marcha da civilização que a historia procura apresentar-nos em seus varios aspectos. Já disse alguém que essa marcha vae do oriente para o occidente e nós acrescentaremos que em nossos dias a direcção tornou-se dupla, convergindo ambas na America.

Este continente, como já o demonstra a parte norte, será em nosso seculo o theatro da maxima expansão do progresso humano. Tudo o demonstra. O quadro futuro já se acha delineado.

Para aqui talvez o laboratorio final da historia, talvez somente o scenario de uma cultura que será apenas a transição para um progresso indefinido, convergem o homem do occidente, o europeu, e o homem do oriente, o asiatico.

As populações das outras terras vêm sob este ceu refazer suas energias e abrir novos horizontes para suas vidas.

A America torna-se o celleiro do mundo e o consumidor dos seus productos industriaes. A historia que começa nas margens do Nilo precipita-se dentro dos seculos para estes ceus. Para aqui se dirige a humanidade ha quatrocentos annos e aqui florescem os mais bellos ideaes que alimentam o homem.

Façamos, pois, a America o centro do nosso estudo, observando que o continente descoberto por Colombo foi o revigorador das energias do homem e onde elle fez florescer os mais sublimes principios de liberdade e fez a vida mais humana. O ensaista allemão (4) Herder quando escreveu suas "Ideas para a philosophia da Humanidade", onde se acham profundamente prescrutadas as relações do homem com a natureza, lançou os germens, diz Otto Liebmann, de alguma cousa de analogo ao pensamento darwinico, isto é, a ideia do genero humano, destinada a atravessar diversos grãos de cultura por meio de innumeradas transformações e mudanças. Ora a luta pela vida, factor importante na vida animal e vegetal, não é menos na vida humana.

A queda do imperio romano pelos barbaros que vieram das margens do Caspio tocados por uma tremenda secca. A victoria destes e a consequente formação politica euro-

péa, foi apenas a victoria do mais forte e do mais apto para a vida.

O caso dos europeus rechassando os selvagens da America não é um exemplo menos frisante. A differença da luta na sociedade humana é que alli é mais terrivel porque o homem auxiliado por sua intelligencia, apoderou-se de elementos naturaes e multiplicou com elles suas forças.

Os povos fortes vencem os fracos. A guerra é apenas um episodio da luta pela vida.

A selecção natural é palpavel. A natureza escolhe os povos mais capazes afim de que sobrevivam.

Estas são nossas theorias sobre a historia e como a comprehendemos.

-
- (1) Charles Darwin—Voyage d'un Naturaliste autour du Monde.—Traduit par E. D. Barbiel, Deuxième Edition pg., 533.
 - (2) Ed. Demolins—L'Education Nouvelle, pg., 162.
 - (3) Ed. Demolins Comment la Route Crée le type social I-VII.
 - (4) Tobias Barreto—Estudos Allemães, pg., 129.

LEGISLAÇÃO DO **E**NSINO

OS PROFESSORES EXTRANGEIROS NO BRASIL

Cabendo-me a honrosa distincção de collaborar na "Revista da Educação", não poderei contribuir para tão grandioso monumento senão com a humilde argamassa colhida no campo austero da experiencia. E' rude, é tosca, talvez até agreste, a materia prima de que disponho, e, como tal, despida de preconceitos e de babugens lisongeiras e aduladoras; primará, porém, como sempre, pela franqueza, pela sinceridade, apanagio de toda a obra educativa, qual a que se propõe a presente Revista.

Se não te agradar, caro leitor, a minha orientação não terei de que pedir-te desculpa, porque, guiado pela minha consciencia, e inspirado nos sãos principios da verdade, não me cabe a mim transigir com os erros e com as falsidades da época, mas sim a ti deixares-te orientar e guiar pelos que não pretendem enganar-te nem illudir a tua boa fé.

Pugnar pelo engrandecimento e pelas prosperidades do Brasil, no campo aberto da Instrucção, se é um dever imposto a todo o professor brasileiro, muito mais realce elle deve ter no peito e na alma de todo o professor estrangeiro que hospitaleiramente aqui foi recebido, e carinhosamente acolhido.

Não é o caso do "bem o préga frei Thomaz", porque, sendo eu portuguez, portanto estrangeiro, assim encarei a minha missão, assim me tenho esforçado por bem me desempenhar de tal dever para com a grande Patria Brasileira.

Não são palavras, que o vento leva, e que se desfazem no ar com a mais leve aragem; fiel ao lemma "res non verba", tenho procurado comprovar com factos a dedicação que consagro ao Brasil, não me tendo poupado a esforços de toda a ordem para que as creanças que me tem sido confiadas se tornem em cidadãos prestimosos que honrem e dignifiquem a Patria, a que pertencem; e tal prova não é reduzida, porque já se conta por centenares, ou até por milhares, o numero dos que me conhecem nesta lida austera de educador da mocidade.

Que muitos teem seguido a mesma trilha na mesma trajectoria, não me repugna acreditá-lo, porque sob a bandeira da instrucção teem-se alistado soldados voluntarios, cuja abnegação nos mais árduos sacrificios, longe de os fazer trepidar, os faz avançar mais e mais, convertendo-os em estrenuos missionarios da mais nobre das cruzadas humanas, qual é a da Educação da mocidade. E tal abnegação exerce-se dentro das fronteiras da propria patria, ou em

patria extranha, porque em toda a parte está a humanidade, cuja patria é o mundo inteiro.

Muitos outros, disse eu, mas não poderei dizer todos, porque, se, entre 12 apóstolos, e eram só 12, appareceu um Judas, traidor, que vendeu o proprio Mestre, quantos espiões do inimigo, o analphabetismo, não teem invadido as fi'eiras d'esta Legião, para d'ella viverem, nada produzindo de bem, antes sugando-lhe parasitariamente a seiva, e espalhando o veneno deletério da immoralidade, e mórbido da preguiça?

Ao Governo, pela Direcção Geral de Instrucção Publica, cabe o dever patriótico de fiscalizar amiudadas vezes, e sem aviso prévio, todas as escolas estrangeiras que funcionam dentro das fronteiras do Brasil; tal medida não cabe apenas na alçada dos seus direitos de nação livre e independente; vae além, porque a nação exige e impõe esse dever de fiscalização, a bem dos seus filhos, a bem das suas prosperidades, materiaes e moraes.

Quem, consciente do cumprimento dos seus deveres, se mantém firme no seu posto, não só não receará tal fiscalização, mas sentirá prazer em que o seu trabalho e os seus esforços sejam vistos, observados, analysados pelos enviados do Governo; este ficará conhecendo as dedicações e os sacrificios dos abnegados; poderá separar o trigo do joio, aproveitando o primeiro e desfazendo-se do segundo; e tal ronda torna-se indispensavel, a bem da Educação Nacional, a bem da Instrucção, a bem do Brasil.

Parece-me já ouvir murmurejar á bocca pequenina:

—Deixai viver quem vive; isto é tão grande e tão rico, que dá para todos.

—Sim... deixai viver quem vive... mas dentro do campo da honestidade, não invadindo uns a esfera dos outros, em prejuizo manifesto do bem estar da nação.

Se ao advogado pertence a área da advocacia, ao medico a da medicina, ao cirurgião a da cirurgia, ao pharmaceutico a pharmacia, e a ninguem mais é permittido traspôr essa linha divisoria, que lhes garante os direitos dos seus diplomas ou das suas cartas, não merecerá a Educação da mocidade uma selecção escrupulosa nos membros que a hão de ministrar?

Se para os brasileiros se exige uma prova de competencia, de bons costumes, etc., o que já constitue selecção, existe egual exigencia dos estrangeiros que se dedicam a esse mister?

Sei que a resposta será affirmativa, comprovada por documentos authenticos.

E' preciso, porém, saber-se que "lex facta, lex sophismata", como diz o rifão; encostados a esses que o Governo, pela Direcção Geral de Instrucção Publica, reconhece e autoriza, quantos não se aninham, exercendo acção, não já infructifera, mas deletéria, contagiosa?

Ha um nome conhecido que se impõe á confiança das familias; mas esse nome representa um viveiro de desconhecidos que ninguem sabe d'onde vieram, quaes os seus intuitos, qual a sua moralidade; se se interessam pelo Brasil e procuram inocular no animo dos educandos o mais entranhado amor á sua patria, ou se tentam desvirtuá-la, com intuitos menos patrioticos, menos dignos.

Creio que a "Revista da Educação" tomará a peito este assumpto da nacionalização do ensino e da educação juvenil, não para retirar d'essa missão os professores estrangeiros, dignos e competentes que abnegadamente cumprem o seu dever, mas para intensificar a fiscalização, defendendo os interesses da sua Patria.

Se reconhecerem bons serviços, não lhes regatêem louvores, não lhes imponham exigencias absurdas, procurem até alliviá-los de certos encargos, que vão além das suas forças, porque são bons servidores da sua Patria; no caso contrario, defendam á Instrucção e a Educação da praga de adventicios que, longe de prestarem serviços, á sua acção só pode ser perniciosa á causa que elles dizem defender.

E, se ha cruzada digna da maior attenção do Governo, pelos bons ou maus serviços que pode prestar ás prosperidades do Brasil, esta, a da Educação da Mocidade, occupa o primeiro logar.

Um caminho seguro está aberto a todos — "é o cumprimento dos deveres, em obediencia á lei"; uma casa de educação que desrespeite ás leis do paiz em que se encontra, não acatando todas as suas disposições regulamentares, prevarica nos seus fins basicos, pois deixa de dar aos seus educandos o exemplo preciso de obediencia e respeito; e no bom exemplo assenta a mola real da educação.

Eu queria terminar aqui.

Um sentimento profundo, porém, sentimento d'alma que chora e vibra de dôr, força-me a proseguir.

Tendo passado ao seio dos immortaes o genio fulgurante da raça que se chamou Ruy Barbosa, eu, portuguez, senti que, ao têr-se conhecimento de tão infausta noticia, que o Governo da Republica havia decretado lucto official, esse decreto não fosse cumprido, tanto nos estabelecimentos de ensino official, como particular.

Da minha parte, depois de mandar hastear as bandeiras em funeral, procurei saber dos estabelecimentos congene-

res, se havia aulas, e do Gymnasio do Estado, se havia exames; de toda a parte a resposta era affirmativa.

Forçoso era acompanhar o movimento, para não ser mais papista do que o papa.

Ao dar, porém, a aula de Portuguez, não pude conter-me; e nos ultimos minutos, as minhas palavras aos alumnos foram consagradas a Ruy Barbosa, ao eminente brasileiro que tão alto levantou a sua patria.

Terminada a aula, em nome dos corpos docente e discente do Gymnasio Anglo-Latino, cumpri o sagrado dever de enviar, por telegramma, sentidos pezames á Exma. Familia Ruy Barbosa.

Honremos e prestigiemos o Brasil; correspondamos todos á confiança que em nós depositam as familias dos nossos alumnos, zelando com o maximo esmero o seu aperfeiçoamento moral e intellectual, e a satisfacção das nossas consciencias será a mais sublime recompensa do cumprimento do nosso dever.

São Paulo, março de 1923.

Prof. Guerreiro.

GYMNASIO ANGLO-LATINO



Antiga "Escola Guerreiro"

FUNDADA EM 1893

pelo seu actual director

Prof. Antonio Guerreiro

Internato

Semi-internato

Externato

CURSOS:

Preliminar

Gymnasial

Commercial

AVENIDA PAULISTA, 27 e RUA AUGUSTA, 339
Caixa Postal 1463 - S. PAULO - Teleph. Avenida 25

Collegio Progresso Brasileiro

Internato - Externato

Rua dos Guayanazes n. 49 - Tel. Cidade n. 3105

São Paulo

JARDIM DE INFANCIA

CURSOS: Primario - Elementar - Gymnasial -
Normal e Commercial

— Especialidade em Linguas estrangeiras —

Departamento de Violino, Piano e Pintura

Condução para os alumnos em automoveis collegiaes

Edgard A. Ingram, Director.

NARIZINHO ARREBITADO

por MONTEIRO LOBATO

Este livro, baseado nos mais sãos principios da pedagogia moderna, que pede livros que interessem a imaginação da creança e não livros acima da mentalidade infantil, está com uma sahida crescente no paiz inteiro pelo facto de ter ao seu lado todas as creanças.

Preço 2\$500

FABULAS

por MONTEIRO LOBATO

São as velhas fabulas de Esopo e Lafontaine narradas sob forma nova, e prosa viva e movimentada, de modo a tornarem-se summamente attractivas para os pequenos leitores.

Preço 2\$500

A cartilha do anno indubitavelmente vae ser a

CARTILHA DE ALPHABETIZAÇÃO

pelo Prof. B. M. TOLOSA

O eminente technico a quem o governo de S. Paulo incumbiu de superintender a applicação do methodo analytico nas escolas paulistas. Sua cartilha vae marcar epoca na literatura didactica e é a que mais de accordo está não só com a psychologia das nossas creanças como ainda a que melhor se adapta ás exigencias das ultimas reformas do ensino.

Preço 2\$500

Do mesmo autor, para o curso mecio:

ENSINO DO FRANCEZ PELO METHODO ANALYTICO

Obra preciosa que constitue verdadeira novidade em nosso meio e muito vem facilitar o estudo da lingua franceza.

Cartonado 2\$000

Livro de problemas para o ensino primario

Indispensavel aos alumnos de aritmetica e aos professores, em dois volumes, um para o primeiro anno e um para o segundo.

Cada volume 1\$000

SAUDADE

por THALES DE ANDRANDE

Não ha professor que, tendo-o experimentado, não o tenha adoptado definitivamente. Como "Narizinho Arrebitado" pertence á classe dos livros que encantam a creança em vez de enfastial-a. Forma um bellissimo volume illustrado, com 300 paginas de texto.

Preço 3\$000

COMO SE APRENDE A LINGUA

SAMPAIO DORIA

O eminente pedagogista fez um livro de real utilidade para os estudantes da lingua portugueza. Livro ameno, extremamente claro, que ensina o que ensinam as grammaticas sem a secura, a arridez fastidiosa das grammaticas.

Preço 3\$000

Para o curso complementar - **Como se aprende a lingua**, com cem paginas a mais.

Preço 5\$000

O que o cidadão deve saber

de SAMPAIO DORIA— expli-
cação popular da Constituição 3\$000

Lições de Portuguez

de OTHONIEL MOTTA 7\$000

EDUARDO CARLOS PEREIRA

GRAMMATICAS : Expositiva
Elementar, para o primeiro
anno gymnasial e Curso
Complementar 3\$000

Curso Superior com appendice
sobre composição literaria . 7\$000

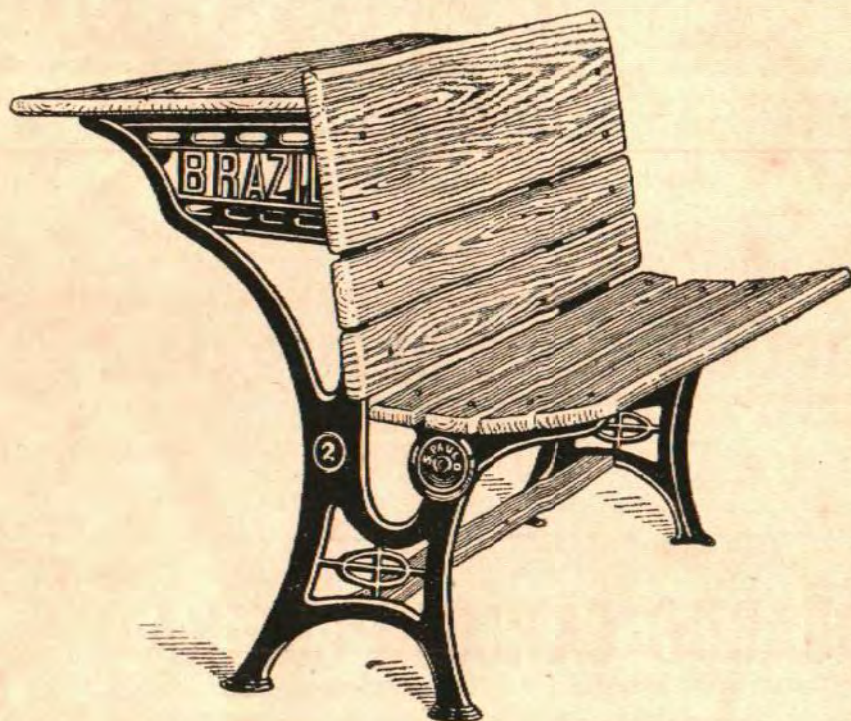
HISTORICA 8\$000

Conjuncções

de LEONARDO PINTO— exer-
cicios praticos e notas . . . 2\$500

Pedidos á MONTEIRO LOBATO & Cia.
Rua dos Gusmões, 70 São Paulo

Moveis Escolares



Differentes modelos de carteiras escolares para um ou dois alumnos ;

Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia ;

Contador mechanico ;

Quadros negros de qualquer tamanho ; Compassos ;

Reguas ; etc.

Fabrica de Moveis Escolares "Eduardo Waller"

— de —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonio de Queiroz n. 65 - S. Paulo

SELVAS E CHOÇAS

EDIÇÃO DA
IMPrensa METHODISTA

Ja se acha á venda este interessante trabalho da
lavra do prof. Othoniel Motta.

Contos descriptivos e jocosos, traçados magistralmente pela penna fulgurante do prof. Othoniel Motta, sobre a vida e costumes dos nossos sertanejos. Os assumptos escolhidos são factos, onde o auctor revela grande espirito de observação ao lado de absoluta verdade e singeleza na maneira de apresentar as farças e pilherias tão genuinamente nacionaes dos nossos "jécas". Ha no presente volume, apesar de muitas obras já terem tratado deste assumpto, factos inteiramente inéditos. Lêr "Selvas e Choças" é uma maneira de aprender, deleitando-se, a vida dos nossos campos, a vida de nossa gente, a vida daquelle brasileiro alegre e folgazão que conta historias ao pé do fogo, sentado sobre os calcanhares, com o mesmo desembaraço com que nos refestelamos sobre a mais commoda poltrona...

E' um precioso volume impresso em optimo papel, e fortemente encadernado.

PREÇO 5\$000

PELO CORREIO 5\$500

Pedidos á

IMPrensa METHODISTA

Rua da Liberdade, n.º 117 — Caixa "w"

SÃO PAULO

“PORQUE ENVELHECER?”

por SWETT MARDEN

O auctor deste livrinho é largamente conhecido em todo o mundo, pelas suas obras notaveis e profundamente edificantes.

Sua linguagem concisa, penetrante e convincente prende e encanta o leitor. No presente livro trata Swett Marden da influencia do pessimismo, “dos pensamentos egoistas, timidos e dos habitos viciosos sobre energias phisicas dos individuos accelerando os annos e produzindo a apparencia da idade.

Mostra, com abundante copia de exemplos, que os pensamentos alegres, juvenis e fortes prolongam a existencia e conservam uma juventude energica e brilhante, tanto moral como physicamente.

E’ um pequeno volume que deve ser lido por todos os jovens e velhos, pois contém ensinamentos e considerações de larga utilidade na vida agitada e intensa dos tempos modernos.

Impressão e encadernação magnificas, como, aliás, todas as produções da Imprensa Methodista.

Preço: 2\$000

Pedidos á IMPRENSA METHODISTA

Rua da Liberdade N. 117

São Paulo

CHÁ

LIPTON

— O MELHOR —

— DO MUNDO